EDIÇÃO 414-A • ABRIL / 2020
ISBN 978-85-5579279-3
9 788555 792793
R$ 18,00

DOSSIÊ

SUPER INTERESSANTE

IDADE MÉDIA

O LADO DESCONHECIDO

As pessoas não passavam fome – e tomavam banho. A Igreja tolerava "bruxaria", e Bagdá era um Vale do Silício. Veja esses e outros fatos surpreendentes sobre a Idade das Trevas.

Abril

IDADE MÉDIA

O LADO DESCONHECIDO

PÁG. 28

Religião

8 8 FATOS INSÓLITOS DA IGREJA *pág. 28* 9 A ERA DE OURO DO ISLÃ *pág. 32* 10 HEREGES E FEITICEIROS *pág. 38*

PÁG. 08

Cotidiano

1 ARTE *pág. 8* 2 SEXUALIDADE *pág. 12* 3 SAÚDE *pág. 14* 4 COZINHA *pág. 16*
5 MULHERES *pág. 18* 6 NEGROS *pág. 24* 6 DEMOCRACIA MEDIEVAL *pág. 26*

Gente como a gente

É hora de desfazer estereótipos sobre um milênio de mudanças.

PÁG. 62

Tira-teima

15 MITO OU FATO? *pág. 62*

PÁG. 56

Invenções

14 15 GRANDES AVANÇOS *pág. 56*

[UP!]

PÁG. 42

Guerras

11 COMBATE *pág. 42* 12 MONGÓIS *pág. 50* 13 VIKINGS *pág. 52*

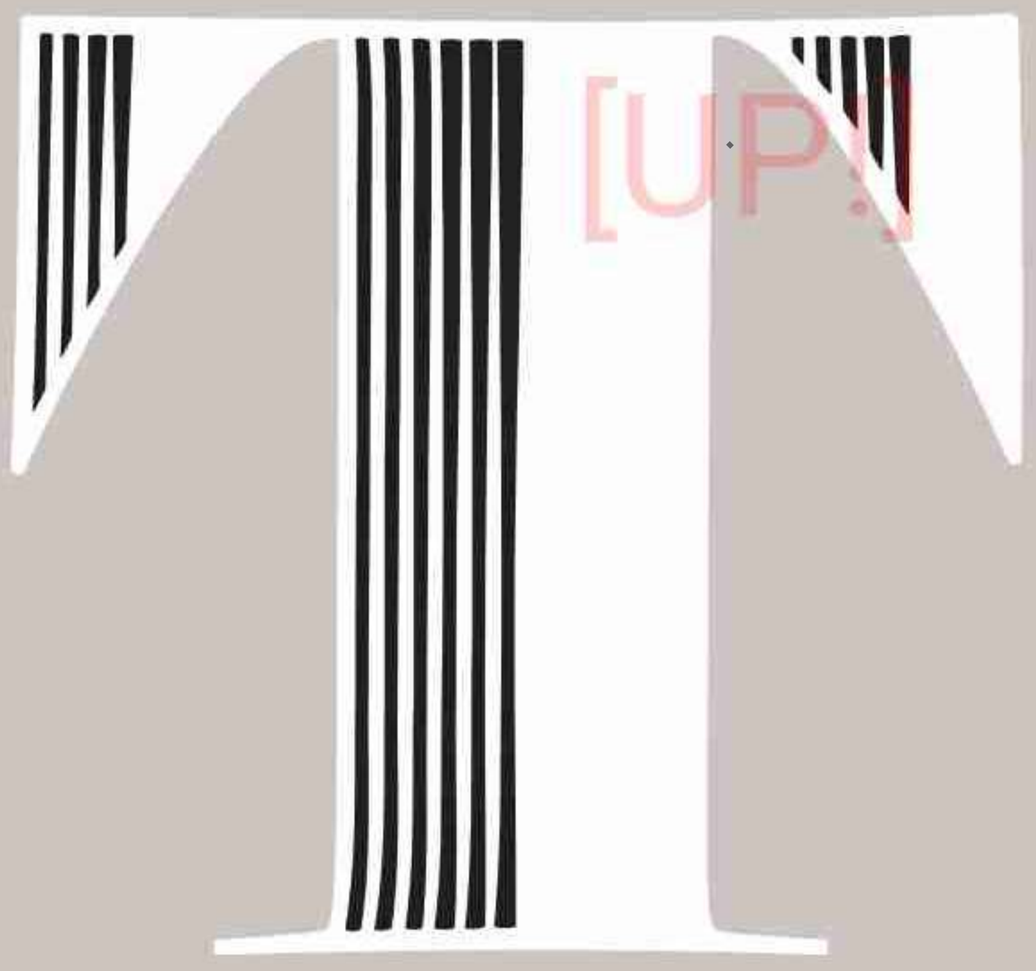
A IDADE MÉDIA NÃO COMEÇOU EM UM DIA. Em 476, quando o rei germânico Odoacro destronou o último imperador romano do Ocidente, sequer foi em Roma: era na nova capital, Ravena, mudança fruto da longa e profunda crise do Império. E a Idade Média também não acabou em um dia: quando ela terminou oficialmente, em 1453, com a queda da outra parte do Império Romano, sediada em Constantinopla, já se estava na Renascença e as "medievais" perseguições em massa de bruxas, assim como as icônicas armaduras fechadas, ainda estavam pela frente. Entender que não existe essa chave de liga e desliga da Idade Média é importante para ter uma visão realista de um período que herdou o legado da Antiguidade e eventualmente o superou. Um período no qual nem todos eram fanáticos cegos ou inquebrantáveis guerreiros da cristandade. Mas gente capaz de inteligência, de contestação, de desobediência. E também, é claro, de intolerância, violência, estupidez. Humanos respondendo aos desafios e ideias de seu tempo. Fazemos aqui nosso melhor para retratar as pessoas medievais como eram: gente como a gente.

EDITOR *Fábio Marton*

Dois erros

Por que a imagem popular da Idade Média é tão distante da realidade?

TEXTO *Fábio Marton*



TALVEZ VOCÊ JÁ TENHA ouvido falar que a Idade Média teve sua reputação enlameada durante o Iluminismo. Que os pensadores que abririam caminho para o mundo científico atual, arrogantemente, fizeram pouco caso de uma época com muitos méritos esquecidos.

Mas enlamear a reputação da Idade Média data de bem antes do Iluminismo: é coisa da própria Idade Média. Em 1330, Petrarca afirmava que seus antecessores imediatos "eram cercados por trevas e tristeza profunda". A "Idade das Trevas", em sua opinião, era a que ele próprio estava vivendo, uma queda da glória dos antigos gregos e romanos. Falava principalmente da arte e da linguagem em si, o italiano vulgar em comparação com o nobre latim (em que ele escrevia). Ao mesmo tempo, acreditava estar na aurora de uma nova era.

A ideia de Petrarca invertia como a própria Idade Média, se é que é possível dizer isso, se via até então. As trevas eram os tempos do paganismo, antes da ascensão da Igreja. A queda de Roma era um infortúnio da Sexta Era, na classificação de Santo Agostinho, a era da revelação de Jesus, destinada a terminar com sua volta.

Petrarca é uma das figuras fundadoras do que viria a ser chamado de Renascença. O termo foi usado pela primeira vez em 1550, pelo historiador da arte Giorgio Vasari, e indica bem a atitude da época a respeito do que veio antes. A Renascença não foi de forma alguma um movimento antirreligioso: pelo contrário, a volta do antigo, visto como superior ao contemporâneo, foi patrocinada entusiasticamente pela Igreja, assim como ela patrocinara antes a volta da filosofia antiga.

Em países protestantes, essa visão se acirrou pelo fator religioso: toda a Idade Média era o período do domínio da Igreja Católica, que sucedera o cristianismo primitivo que inspirava os protestantes.

O Iluminismo, assim, herdou o antimedievalismo renascentista e protestante e o amplificou, agora sim, com um viés religioso. O historiador Edward Gibbon, em seu clássico *A História do Declínio e Queda do Império Romano*, falou no "lixo da Idade das Trevas". Kant, Voltaire, os grandes luminares da época, não mediam palavras para expressar seu

desgosto com a "Era da Religião" em oposição à "Era da Razão" que com eles começava.

Mas foi ainda no Século das Luzes que surgiu a visão – também infiel à história – oposta. Em 1770, a 19 anos da Revolução Francesa, Johann Wolfgang Goethe narrava uma visita à Catedral de Estrasburgo e a grande injustiça que, acreditava, as pessoas de seu tempo faziam a uma obra tão impressionante. "Uma grande e completa impressão preencheu minha alma... Quantas vezes eu retornei para apreciar essa beleza terrena-celestial, para acolher o espírito de nossos irmãos mais velhos em seus trabalhos", registrou em seu obscuro texto *Von Deutscher Baukunst* ("Sobre a Arquitetura Germânica"), em 1773.

No ano seguinte, Goethe lançaria seu *Sofrimentos do Jovem Werther,* dando o pontapé inicial no que seria conhecido como Romantismo, o grande movimento artístico que dominaria o século 19. Seria o Romantismo a criar outra visão sobre a época, como um tempo de honra, glória e romance, sem os problemas vulgares do presente. Exaltava a Idade Média como mais nobre, autêntica, espontânea e intensa que o mundo racional e industrial moderno. O Romantismo sairia de moda entre intelectuais no fim do século 19, entrando em seu lugar o realismo e, depois, o modernismo. Mas serviria de inspiração ao nacionalismo alemão, incluindo o nazismo e todas suas consequências. E acabaria resgatado outra vez, com um sentido completamente distinto, mas também pouco realista, pela contracultura: hippies, metaleiros e góticos. E, mais recentemente, de volta à visão nacionalista, a *alt-right*.

A visão popular, hollywoodiana, acaba sendo uma amálgama da ideia do Romantismo e do Iluminismo: tanto trevas, sujeira e superstição quanto um certo espírito nobre, honrado, aventureiro. E algo sem muito espaço para diversidade ou nuance.

A verdade não está no meio e historiadores contemporâneos buscam corrigir esses estereótipos, desfazendo interpretações baseadas em valores modernistas e antimodernistas. A Idade Média precisa ser entendida em seus próprios termos. Foi um período religioso e supersticioso, mas com um conceito firme de razão secular, e de imensas transformações, que entregaria algo que havia superado de muitas formas a Antiguidade: na arte, na tecnologia, no pensamento, na organização política. Um período com não poucas luzes e também de evolução, conflito de ideias e, principalmente, um dinamismo disruptivo, contrário ao retrato estático da imaginação romântica.

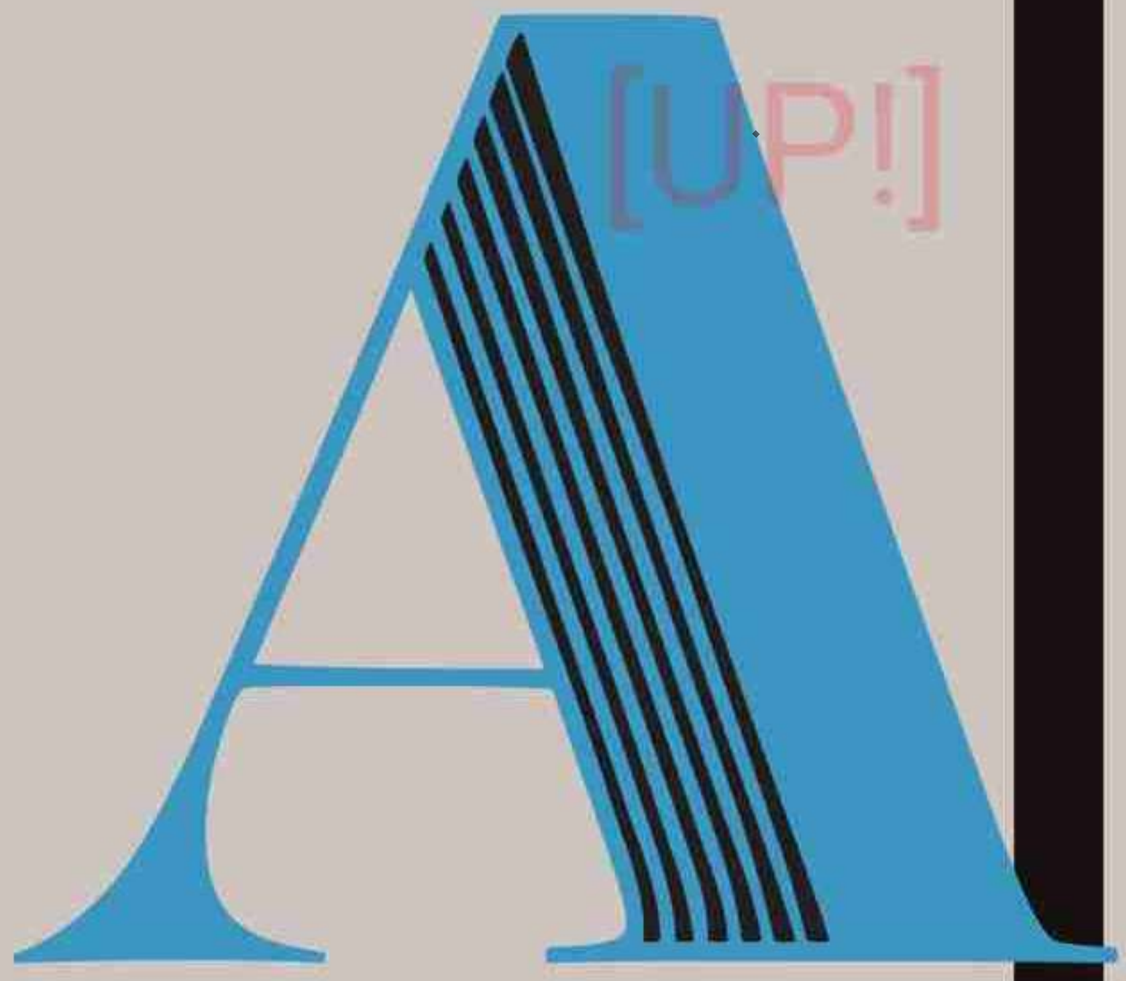
Caçada à Raposa (1387), do artista francês Miniard of Bearn (1331-1391).

Imagem: Getty Images

Platão, Jesus e o dinheiro

Entenda as ideias e a evolução da arte medieval.

TEXTO *Fábio Marton*



A PALAVRA "GÓTICO" tem data de nascimento: 1518, numa carta do pintor Rafael ao papa Leão 10º. Foi a primeira vez que alguém usou o termo para se referir não a um povo, mas a um estilo artístico: tudo o que existia entre a queda de Roma e a Renascença. Rafael acreditava, e fazia coro ao espírito da época, que a grande arte que tentavam recuperar havia sido destruída pelas invasões bárbaras. O nome vem de um dos povos invasores, os godos, chamados de *gothi* em latim. Assim, arte gótica – medieval – quer dizer, em sua origem, arte bárbara.

Os artistas não "desaprenderam" a pintar e esculpir com a queda de Roma. A primeira coisa a se entender sobre o estilo medieval é que ele não nasceu na Idade Média. É característico do fim da Antiguidade, o que é bem visível na arte do Império Bizantino, a parte do Império Romano que não caiu e não passou pela "barbarização" vista por Rafael.

Com a mudança da capital do Império para Constantinopla, em 330, e a chegada de religiões como o mitraísmo persa e o cristianismo da Judeia, a arte romana já havia se orientalizado, abandonando o realismo e se focando em ornamentação em materiais preciosos. E, além dessa influência do Oriente, havia uma mudança nas ideias. Nascido no Egito, o filósofo Plotino (205-270) ressuscitou o platonismo. O neoplatonismo, como o original, fala na essência das coisas: ideias perfeitas, que existem antes e além do ser humano. Sob o pensamento neoplatônico, a arte passa a ser essencialista. No lugar de retratar a natureza, importa captar a essência das coisas, mais real que a realidade, como Deus as enxergaria. Figuras consideradas mais importantes passam a ser retratadas em tamanho maior. Traços minimalistas também se focam no que é essencial: os olhos, o nariz, a boca. Isso explica também as expressões plácidas medievais, em choque com as ideias atuais de expressividade. Em pinturas medievais, alguém pode estar matando ou sendo morto e ainda assim não expressar fúria, dor ou surpresa. No lugar de um momento vulgar de desespero, o que se queria retratar era a essência eterna das pessoas.

Outra coisa importante: a arte valia o que pesava. O material utilizado – ouro, joias, pinturas em tintas raras como o lápis-lazúli em pó – era mais valorizado que o trabalho. Livros ilustrados, tapetes e esculturas, na Idade Média, eram comprados como investimento, pensado em sua futura revenda. Assim, muita coisa se perdeu, particularmente quando a arte medieval passou a ser desprezada na Renascença. Quase tudo o que sobrevive é de coleções de Igreja, o que passa a falsa impressão que a maioria da arte medieval era religiosa. A seguir, a evolução da arte da queda de Roma à Renascença.

Imagens: divulgação

SÉC. 4

FIM DO IMPÉRIO

Mosaico pagão do século 4 em La Olmeda, Espanha, retratando cena da *Ilíada*. Nas expressões plácidas e estilizadas, e a composição não realista, com figuras "voando", já é possível perceber características da arte medieval.

[UP!]

778

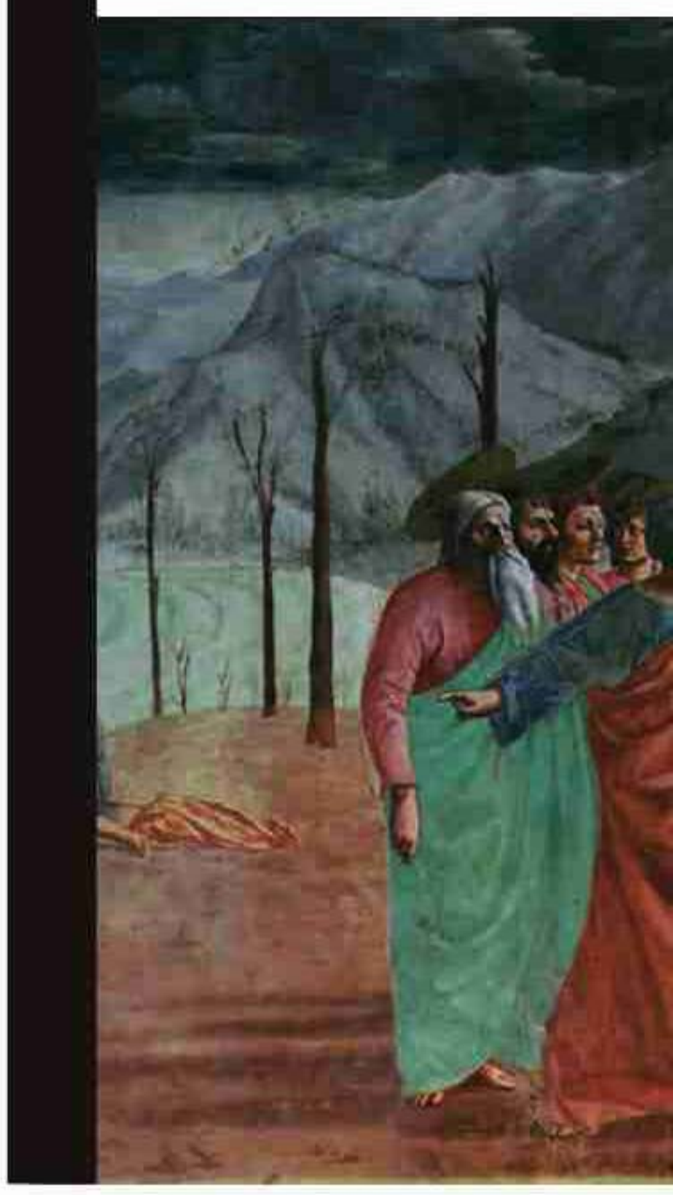
TESOURO REAL

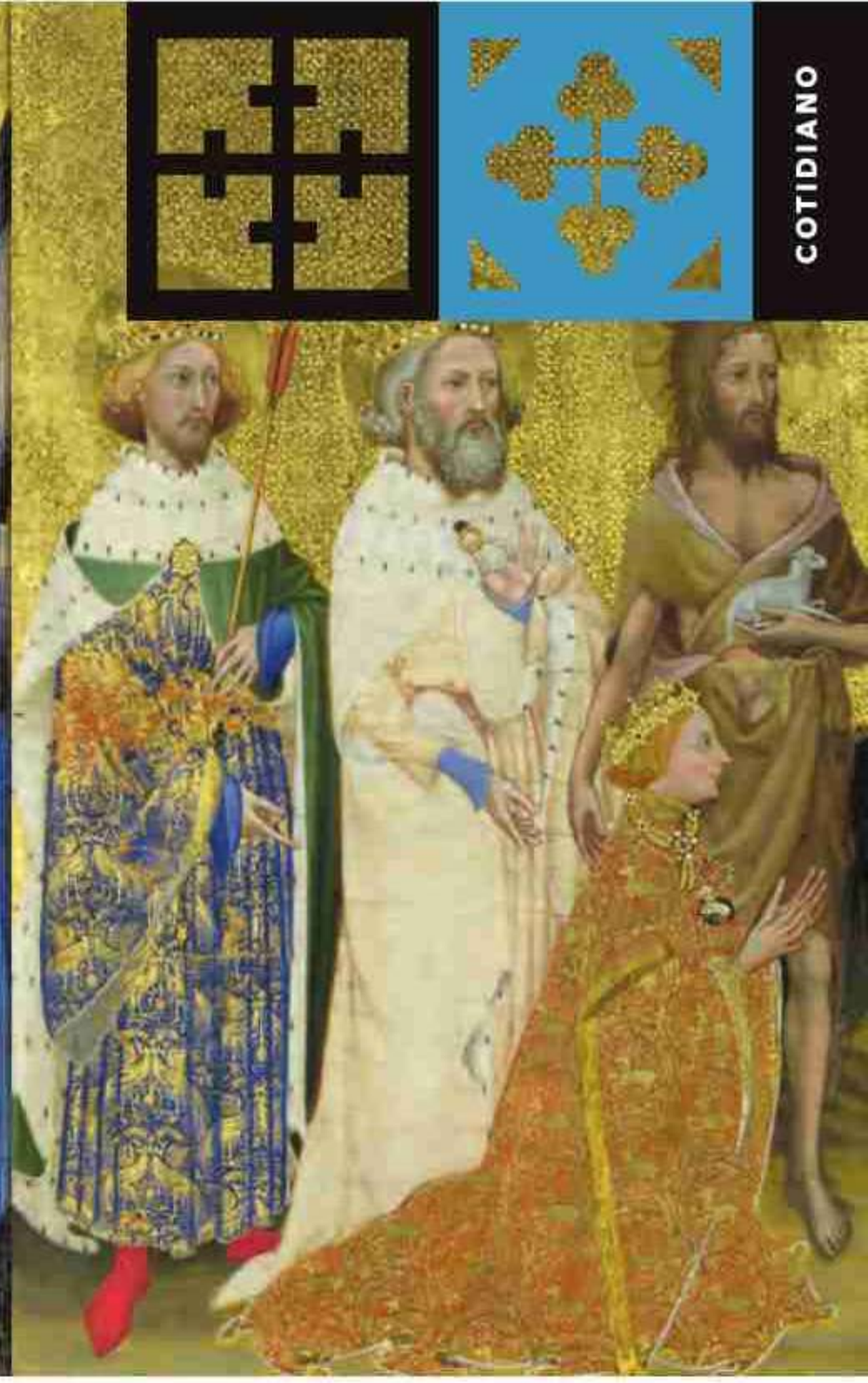
O *Códice Áureo de Lorsch* é uma coleção dos evangelhos ricamente decorada, criada sob o reino de Carlos Magno, entre 778 e 820. Nele são visíveis as técnicas romanas de sombra e volume.

1228

PARA GUARDAR

Capa em ouro de uma coleção de evangelhos, por Hugo d'Oignies, Bélgica, 1228-1230. É um exemplo da chamada Arte de Mosa, feita no vale do rio com o mesmo nome. Um centro de excelência medieval.





1066

ARTE PORTÁTIL

A Batalha de Hastings na *Tapeçaria de Baieux*, criada por normandos franceses alguns anos após o evento. Tapetes eram uma forma particularmente desejável de arte na Idade Média. Eles podiam ser enrolados para guardar ou carregar entre as diferentes residências de um senhor feudal. Aqueciam recintos no inverno (eram usados nas paredes, não no chão) e podiam ser feitos de materiais preciosos.

1399

QUASE NA RENASCENÇA

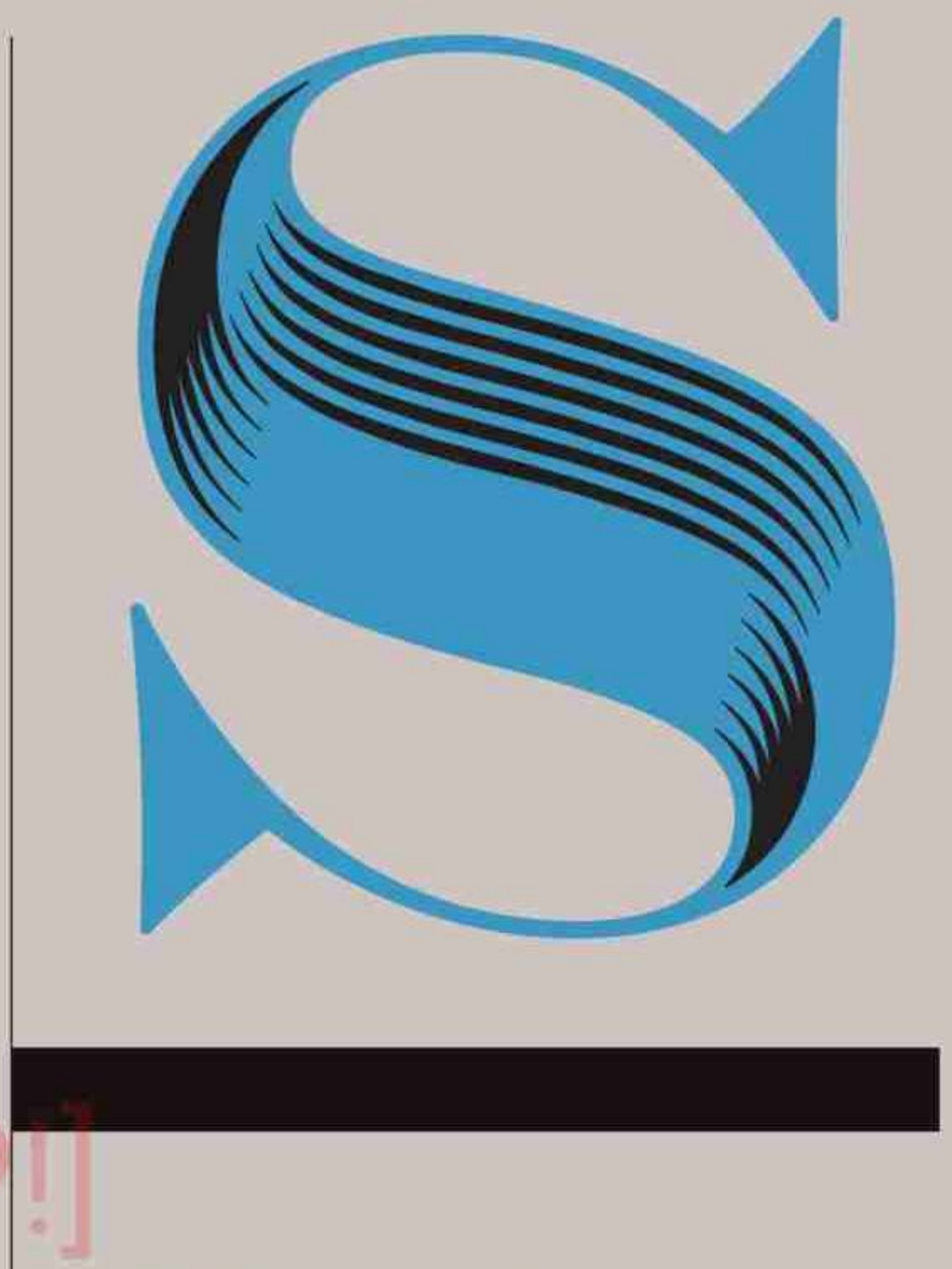
Díptico de Wilton, feito sobre madeira, por um pintor anônimo francês ou britânico. A prosperidade da Europa pós-Peste Negra abriu espaço para um grande refinamento técnico por especialistas bem pagos. A técnica realista convive com uma mentalidade platônica e o valor material e decorativo.

1425

NOVA PERSPECTIVA

O Pagamento do Tributo, por Masaccio (Tommaso di Ser Giovanni di Simone), é o primeiro exemplo conhecido do uso de perspectiva, um método geométrico de representar distâncias desenvolvido pelo arquiteto Filippo Brunelleschi. Também notado pelo chiaroscuro, o trabalho de luz e sombra, e a expressividade típicos da Renascença.

Imagens: divulgação, Getty Images



Atos contra a natureza

A Igreja podia ralhar, mas a cama medieval via um bocado de ação.

TEXTO *Fábio Marton*

SÓ CASANDO. A Igreja não tinha uma visão nada positiva de sexo. A postura segue o que foi dito pelo celibatário apóstolo Paulo, na *Primeira Epístola aos Coríntios*, capítulo 7: "(...) bom seria que o homem não tocasse em mulher; (...) Porque quereria que todos os homens fossem como eu mesmo; (...) Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se."

Sexo era apenas um mal a ser tolerado. Mas é importante notar: cada vez que vemos um padre pregando contra atitudes pecaminosas é porque ele percebia que as pessoas estavam cometendo-as.

A surpresa começa pelo "casar". No início da Idade Média, era uma coisa com um significado bem informal. Podia ser só o casal dizer que fez um promessa solene um para o outro – de preferência na frente da igreja, mas talvez numa pilha de feno. Uma pilha movimentada: historiadores pegaram registros de batizado e casamento da Inglaterra e fizeram as contas. Até 30% das crianças nasciam em menos de nove meses após a união, ou seja, haviam sido concebidas antes do casamento.

Essa informalidade toda causava problemas. Há uma abundância nos registros da Igreja de processos em que uma parte do casal dizia que estavam casados, a outra, que não. A tradição de exigir testemunhas no casamento nasce daí e a função inicial do padre era não tanto dar o sacramento quanto servir de testemunha. Foi só no 4º Concílio de Latrão, em 1215, que o casamento pela Igreja foi formalizado, e só se tornou um sacramen-

Imagem: Getty Images

to, isto é, uma cerimônia obrigatória, que confere bênção divina, no Concílio de Trento, em 1518.

Mas casamento não é casamento sem a obrigação matrimonial – que era levada realmente a sério. Casamentos medievais já terminavam em festa. E era uma festa mais animada que a de hoje: as famílias e amigos dos casais os acompanhavam até a cama, podendo, dependendo do costume local, cantar músicas e fazer gestos obscenos. Os noivos eram então deixados a sós (em algumas regiões, as pessoas permaneciam em volta da cama e uma cortina era colocada). A farra seguia, e os noivos, feito o "trabalho", se juntavam novamente à festa. Assim, os convidados serviam de testemunhas da consumação do casamento, da legitimidade da primeira criança e da virgindade da noiva, "provada" por uma mancha de sangue na cama.

Teste diante dos jurados

Falta de sexo era uma das poucas causas aceitas para a anulação do casamento (outras eram: adultério, bigamia, voto de castidade, incesto ou casamento forçado). E nisso entrava um dos rituais jurídicos mais absurdos já testemunhados: a "prova do congresso", que foi registrada na França até o século 18. O congresso, no caso, eram as testemunhas. Quando a esposa acusava o marido de não consumar o casamento, ou seja, de não fazer sexo, cabia ao marido provar que era capaz, por uma demonstração pública. Ele tinha de fazer uma apresentação solo, digamos assim, frente às testemunhas. Se passasse, seguia-se colocar o casal – em situação francamente hostil – debaixo de um lençol.

A Igreja tentava regular as posições sexuais. As não reprodutivas, oral e anal, eram estritamente proibidas. Quanto às outras, a maioria dos teólogos fechava a questão que só o papai-e-mamãe era válido, mas havia discordância. O teólogo e bispo Alberto Magno (1200-1280) decretou, em ordem, cinco posições sexuais válidas: 1) papai-e-mamãe; 2) conchinha; 3) sentados; 4) de pé e 5) de quatro. Magno argumentou que outras posições podiam ser necessárias se parte do casal fosse obeso ou tivesse deformidades físicas.

Homossexualidade era condenada, mas tratada de forma muito diferente de hoje. Ninguém era considerado gay na Idade Média. Não era uma categoria separada de pessoas, mas alguém caindo em "pecado". No começo, a punição era leve. O papa Gregório 3º, que reinou entre 731 e 741, anunciou uma penitência de 160 dias para atos entre mulheres e um ano para homens. Ao longo dos séculos, leis civis passaram a ditar punições severas aos atos tidos por "não naturais". Isso tem a ver com a acusação de sodomia ter sido levantada contra praticamente todos os grupos condenados por heresia, dos Cátaros aos Cavaleiros Templários *(veja mais na página 38)*. No século 14, leis seculares em lugares como a França e a Itália puniam com desde o confisco de propriedade até castração e morte na fogueira.

Os homens geralmente eram mais perseguidos. A visão medieval sobre o sexo era a de um ato cometido pelo homem na mulher. Lesbianismo nem era considerado realmente sexo, exceto se envolvesse penetração, como por um dildo. Sim, havia dildo. Em um caso, em 1477, Katherina Hetzeldorfer foi executada por afogamento após "se passar por um homem" usando um deles.

Uma surpresa: o orgasmo feminino era valorizado. Praticamente obrigatório. Acreditava-se que, se homens precisavam de orgasmo para conceber, as mulheres também. Mas havia uma consequência sombria: se uma mulher estivesse grávida, era prova de que não havia sido estuprada – estar grávida seria "prova" de ter tido um orgasmo e consentido.

Uma casa de banhos que também servia como bordel, retratada no *Livro de Valerius Maximus*, século 15.

Medieval, mas limpinho

A saúde era precária, mas as pessoas medievais não gostavam de sujeira.

TEXTO *Fábio Marton*

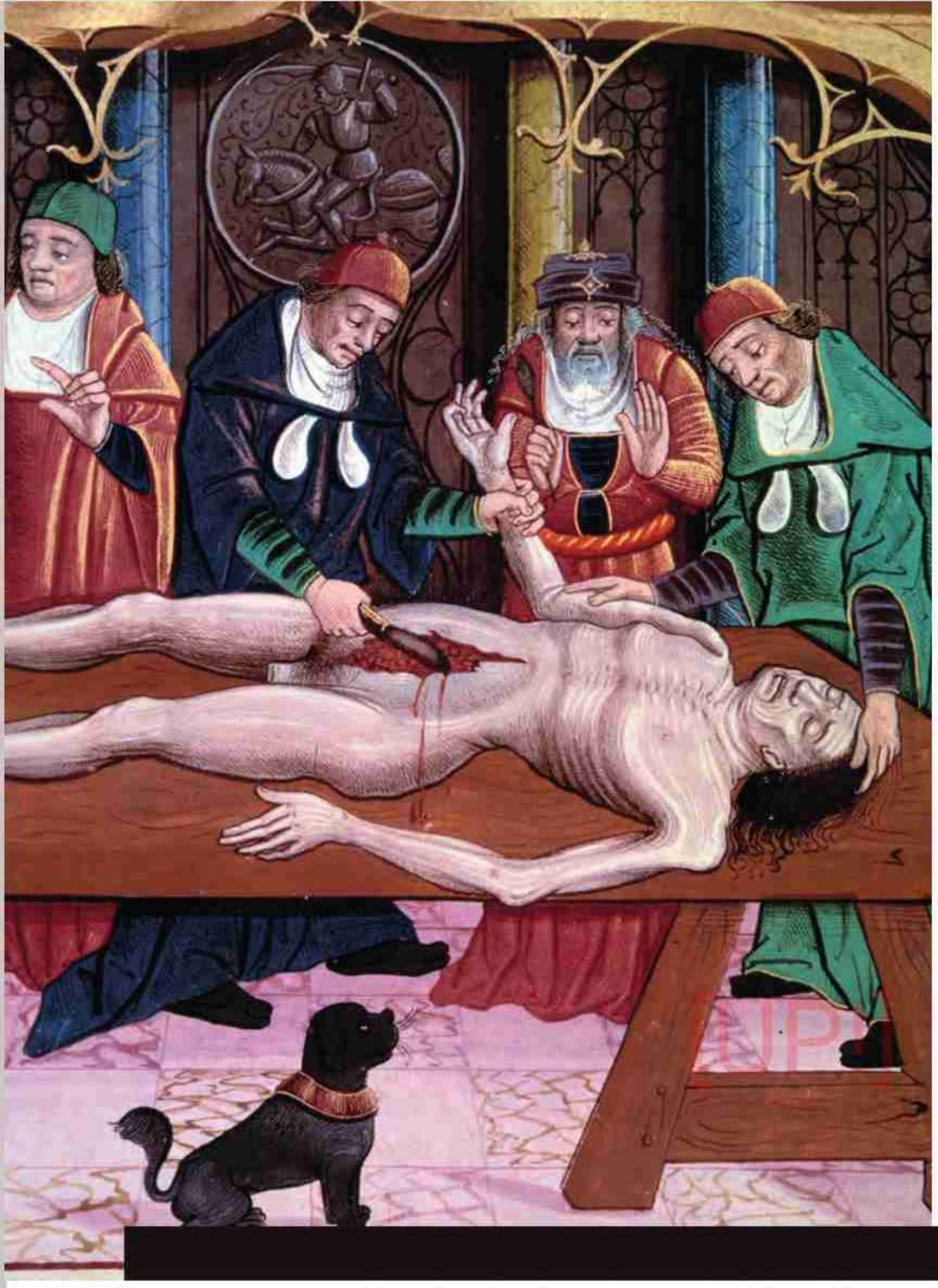
NINGUÉM PRECISA DIZER que a higiene na Idade Média era abismal comparada com hoje. As ruas das cidades eram tomadas por lixo, esterco de cavalo, urina. Fezes humanas serviam de esterco, e esse esterco levava à reprodução de parasitas. Um método arqueológico recente é estudar latrinas medievais e tirar conclusões a partir dos resíduos de vermes intestinais. O corpo exumado do rei Ricardo 3º (1452-1485), da Inglaterra, por exemplo, rendeu uma quantidade prodigiosa de ovos de lombriga.

E, paradoxalmente, é já aqui que começamos a divergir dos clichês: os parasitas intestinais, por seu ciclo de vida, indicam que as pessoas tinham acesso a carne de peixe, porco e, menos, boi.

Não que as pessoas medievais estivessem livres da fome. Viver numa sociedade descentralizada e agrícola é viver da terra para a boca, com o clima podendo ser sentença de morte. O período quente medieval (950-1250), época em que a temperatura foi semelhante à do século 20, rendeu boas colheitas e a população aumentou 70% entre 1000 e 1300. Quando acabou, em 1315, veio a Grande Fome, que matou milhões. A população já estava em declínio quando a Grande Peste de 1348 tombou um de cada três europeus.

Peste e parasitas não eram tratados com reza brava. A medicina medieval era uma herança greco-romana, de Hipócrates (460-370 a.C.) e Galeno (129-216), com inovações pelo árabe Avicena (980-1037) e outros. A ideia é que doenças não são causadas por coisas sobrenaturais, mas físicas. Não era nem de longe ciência: astrologia era considerada "física" e médicos faziam mapa astral antes de executar sangrias ou cirurgias.

Imagem: Getty Images



Autópsia por médicos, no *Livro das Propriedades das Coisas*, de Barthelemy l'Anglais, 1475-1500.

Os autores clássicos deixaram interpretações baseadas nas teorias dos humores – líquidos dentro do corpo, relacionados aos quatro elementos, numa combinação de quente, frio, úmido e seco. O sangue, relacionado ao elemento ar, era quente e úmido. Bile amarela, o líquido da vesícula biliar, era quente e seca, ligada ao fogo. Bile negra, produzida pelo baço, era seca e fria como a terra. Fleuma (catarro), úmido e frio, como a água.

Achava-se, por exemplo, que vermes nasciam no próprio intestino, a partir de matéria inadequada: carnes "doces" ou frutas, que eram "frias e úmidas", ligadas ao fleuma. Pratos apimentados eram "quentes e úmidos" e mexiam com o humor sanguíneo, deixando a pessoa febril e mentalmente perturbada.

Em paralelo e combinada com os humores, havia a teoria dos miasmas, que dizia que doenças podiam ser contraídas pelo ar contaminado, fedorento – como pântanos, cemitérios, latrinas e, importante, pessoas doentes, o que leva à ideia de contágio. A quarentena foi inventada na época da Peste Negra a partir dessa ideia, de que doentes emitiam miasma: surgiu primeiro em Ragusa, cidade italiana na atual Croácia, na qual forasteiros tinham que esperar um mês em acomodações em ilhas isoladas antes de entrar na cidade. O miasma podia ajudar a explicar gripes e outra forma da peste, a pneumônica. Mas não serviu para a bubônica, que passa por pulgas infectadas, não pelo ar.

Santa imundície

Quando a medicina encontrava seu limite, doenças acabavam indo parar no domínio da religião e superstição. A Grande Peste foi vista tanto como praga divina quanto bruxaria. E a culpa caía sobre os judeus, que supostamente eram menos afetados (era sua relativa segregação do resto da sociedade que fazia com que fossem contaminados por último). Pogroms foram feitos por toda a Europa para eliminar a "causa" da peste.

Por essa época, a Igreja tratava imundície como um sinal de sacrifício e dizia que banhos eram lascivos, sensuais, e um hábito de judeus e islâmicos. Monges, dependendo da ordem, tomavam banho duas vezes por ano. Alguns santos, como São Goderico (1065-1170), que foi da Inglaterra a Jerusalém sem trocar de roupa, eram famosos por sua imundície.

O efeito das Cruzadas havia sido oposto. Na Terra Santa, os cruzados encontraram os hábitos de limpeza dos islâmicos e, com eles, sabão duro e perfumado. Como aconteceu com as especiarias e perfumes até então desconhecidos, como a água de rosas, o sabão viraria mania. Logo casas de banho seriam criadas e restauradas pela Europa. No século 15, Londres tinha 18 delas, e Paris, 32.

A Igreja não era sem razão em relacionar sexo a banho. Prostíbulos e casas de banho podiam se confundir. Tomar banho era, para quem pudesse, preliminar de sexo. Boccaccio registra em seu *Decamerão* (1353) uma cena na qual uma dama lava seu cavaleiro antes de fazer uso dele.

No século 16, a festa da limpeza acabou. A sífilis, trazida das Américas, tornou banhos públicos perigosos. A teoria do miasma passou a ser usada por médicos para dizer que banhos podiam matar, ao abrir os poros para a entrada de miasmas. Começava a era de ouro do futum.

O que tem no caldeirão?

Os pratos medievais usavam, literalmente, de alquimia.

TEXTO *Fábio Marton*

COMO TUDO NA IDADE MÉDIA, a cozinha era dividida por classes sociais: nobres, clérigos, servos e homens livres urbanos, com os últimos copiando os modos dos nobres quando podiam. Os médicos acreditavam que plebeus não só precisavam de outra dieta para fazer seu trabalho manual, como tinham outra constituição física. Os nobres, refinados, deviam comer de forma refinada; plebeus deviam comer de forma rústica. O pão dos nobres era feito de trigo branco; o dos plebeus, de aveia, centeio, do trigo integral que sobrava da produção. Pratos da nobreza tendiam a ser hiperprocessados: longo tempo de cozimento, dissolvendo o conteúdo; quanto mais complicado, melhor. Pratos dos pobres eram cozidos, mingaus, angus – o pão, rústico ou não, só substituiria os pratos moles por volta do século 14. Para todas as classes, arroz e macarrão foram introduzidos no sul da Europa pelos árabes, no século 10.

A maior parte das calorias vinha de carboidratos. Bois, mais caros, eram iguaria para os nobres, mas porcos (processados em salames, presunto, toucinho), ga-

Imagem: Getty Images

Banquete refinado, ilustrado no *Romance de Ranaud de Montauban*, cerca de 1450.

linhas, cabras, ovelhas, frutos do mar e peixes não eram exóticos aos plebeus. O bacalhau era produzido pelos nórdicos – seco, mas sem sal – e levado nas viagens dos vikings. Os bascos passaram a pescá-los nas águas do Norte e o introduziram na Península Ibérica. Caça também podia ir à mesa, mas os nobres impunham penas gravíssimas para quem caçasse em suas reservas.

Regulando a alquimia

A cozinha – para quem podia pagar – seguia preceitos da alquimia. Pratos tinham de ser balanceados pelas características da teoria dos humores de Galeno *(veja mais na pág. 15)*, achando um ponto ideal entre quente e frio, seco e molhado. Vinho tinto, por exemplo, era quente e molhado; vinho branco, frio e molhado. A palavra "temperar" vem daí: em seu sentido original, queria dizer fazer alguma coisa passar por fases de frio e calor, como um ferreiro usa de calor e frio para criar aço temperado. Passou a significar acertar o ponto alquímico da comida, combinando diferentes ingredientes e pratos conforme essas quatro características. Os temperos acertavam a "temperatura". E isso explica como as especiarias entraram em altíssima demanda. Todas elas eram consideradas "quentes e secas" em diferentes graus, exceto pelo gengibre, que era "quente e úmido". Assim, como um doce teria natureza "fria e úmida", a canela entrava para balanceá-lo, torná-lo mais saudável. O ponto ideal, para quem não precisava tratar de uma condição peculiar, era a refeição ser semelhante à alquimia do próprio corpo humano: moderadamente quente e úmida.

É um mito absurdo que especiarias fossem usadas para disfarçar gosto de carne podre. As pessoas da Idade Média entendiam de preservação, usando sol, sal, salitre, fermentação, fungos: a herança, em embutidos e queijos, está aí até hoje. Não faria o menor sentido econômico: na Inglaterra do século 15, meio quilo de cravo custava o equivalente a 18 bois.

Por causa do preço, as especiarias levaram a mais uma distinção entre a cozinha dos nobres e dos plebeus: açúcar, então uma especiaria vinda do Oriente. Era visto como medicinal, mas também um sinônimo de status. A partir do século 15, praticamente todos os pratos da nobreza se tornam agridoces. O manjar branco, hoje feito com coco, começou como um prato de frango.

Também da medicina vem o hábito de uma refeição em várias etapas. Acreditava-se que alimentos "pesados" podiam afundar sobre os leves, tapando a saída do estômago. Assim, surgiu a ideia de "abrir" o apetite (aperitivo), seguido por pratos leves, o prato principal e sobremesa.

Havia uma ideia de etiqueta entre os nobres, que não era esperada dos plebeus. Eles jantavam com guardanapos delicados e limpavam as mãos com lavanda. Taças eram compartilhadas: era um sinal de amizade e imitava o gesto da eucaristia. Comer em público era considerado algo grosseiro para uma dama. Elas ou não participavam ou se serviam frugalmente, para complementar depois. Sopas e caldos eram servidos em pães amanhecidos escavados. Não havia garfos, só facas, e cada um trazia a sua. Garfos, invenção bizantina, chegaram à Itália no século 12, mas demoraram a se espalhar.

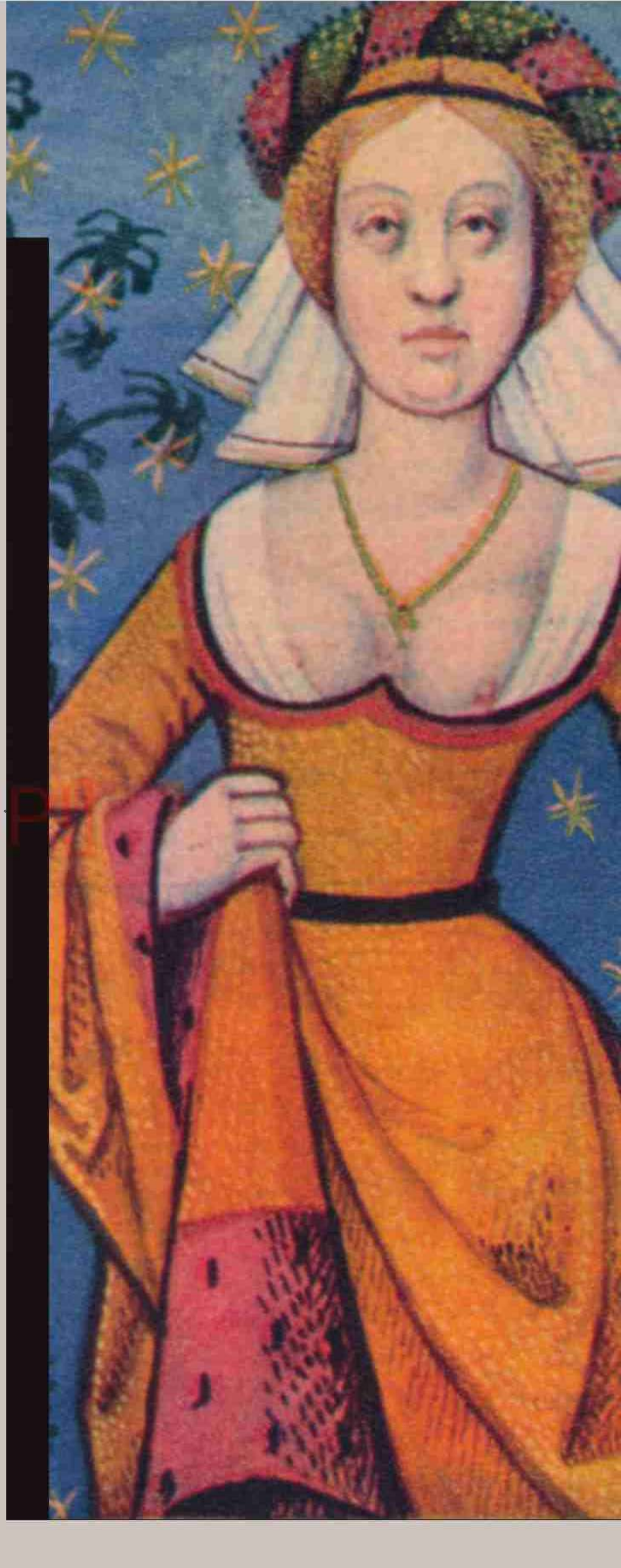
5

MULHERES

A mulher medieval

Rainhas, poetisas, filósofas, freiras: havia muito mais que ser uma donzela salva de uma torre.

TEXTO *Fábio Marton*



Flora – Deusa das Flores, 1403, no manuscrito *De Claris Mulieribus*, (Mulheres Famosas), por Giovanni Boccaccio.

A[IP!]

A IDADE MÉDIA veio de uma cultura patriarcal e continuou patriarcal, não há o que discutir.

Como as classes sociais, os papéis das mulheres eram vistos rigidamente, biblicamente determinados, sempre citadas as ideias do apóstolo Paulo, em *I Coríntios* 11:3, que não deixam muito espaço para a interpretação: "Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo".

Mas a relação não é simplesmente a de vítimas passivas sofrendo de opressão imutável. As ideias medievais sobre as mulheres têm um contrapeso no papel da própria Virgem Maria, a figura terrena mais importante de toda a cristandade então, cujo culto foi crescendo ao longo do período. Com um limite expressado pelo papa Inocêncio 3º em 1210: "Não obstante o quanto a mais abençoada Virgem Maria esteja acima, e é mais ilustre que todos os apóstolos juntos, não foi a ela, mas a eles, que o Senhor confiou as chaves do Reino dos Céus". Santidade sim, autoridade, nunca.

Na ponta oposta estava outra figura bíblica: Eva, a tentadora, a que aceitou a maçã da Serpente e a entregou a Adão, causando a queda da humanidade. Santo Agostinho, ainda no século 5, assim se expressava: "Não será por que ele [Adão] não podia acreditar [na Serpente] que a mulher foi apresentada [ao fruto proibido]; ela que tinha pouca inteligência e talvez vivesse de acordo com o senso corporal e não de acordo com o senso da mente?". Ao fim da Idade Média, o infame *Malleus Maleficarum*, o guia de caçar bruxas, mostrava como a ideia só havia se reforçado: "Apesar do Diabo ter tentado Eva a pecar, foi Eva que seduziu Adão. O pecado de Eva não teria trazido morte para nosso corpo e alma se o pecado não tivesse sido transmitido depois a Adão, sendo tentado por Eva, não o Diabo; portanto ela é mais amarga que a morte".

A compreensão dos homens medievais sobre as mulheres era determinada por essa dualidade: imaculada e assexuada como a Virgem, ou uma tentadora sexualizada como Eva.

Saída pela clausura

No começo da Idade Média, mulheres sequer respondiam juridicamente. Era o marido que podia ser julgado por falhas da esposa. A partir do ano 1000, elas começam a aparecer como rés em processos penais, sem uma decisão formal, mas uma mudança de jurisprudência. Estupro também era inicialmente considerado uma ofensa contra o marido ou o pai, com leis na Dinamarca, em 1170, sendo as primeiras a reconhecer um crime contra a mulher. Em geral, por todo o período, havia uma enorme desconfiança de que a vítima havia "tentado" o estuprador.

Mas a família medieval não era uma família dos anos 1950. Mulheres trabalhavam em ofícios externos, num esquema de dupla jornada. Além de cuidar dos filhos, fazer roupas, começando pelo tear, e até cerveja – ofício tido por feminino, como uma forma de cozinha, até o século 15 –, camponesas tinham que ajudar na colheita e mulheres e filhas de artesãos e comerciantes urbanos ajudavam no trabalho ou na loja, servindo em estalagens e tavernas. Quando o marido morria, elas herdavam o negócio.

Na nobreza, para a qual qualquer trabalho que não fosse intelectual ou militar era visto como inferior, as mulheres

Imagem: Getty Images

5

MULHERES

Mulheres nobres caçando em iluminura de Robinet Testard, século 15.

viviam mais ou menos num ócio confinado, e isso era visto como símbolo de status.

Mas havia uma saída dentro do "sistema": o convento. Após o estabelecimento da vida monástica católica, antes da queda de Roma, no século 5, era a opção a quem quisesse se dedicar a estudos (e, obviamente, oração), escapando do casamento.

E era uma saída considerável, que inclusive podia levar a poder e influência. Santa Hilda de Whitby (614-680) se tornaria uma das figuras mais importantes da cristianização da Grã-Bretanha, ao fundar a Abadia de Whitby e presidir, como abadessa, sobre homens e mulheres. Sob ela, o Sínodo de Whitby decidiu que o reino da Nortúmbria, futura Inglaterra, adotaria os ritos romanos, e não celtas, reintegrando o país aos costumes do continente.

Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179) foi uma polímata que se dedicou a música, ciências naturais, medicina, filosofia e teologia, a ponto de ser apelidada de "Sibila [oráculo] do Reno". Santa Catarina de Siena (1347-1380) influenciou a teologia católica por seu livro *Diálogo da Divina Providência*, que tratava da união do humano ao divino pelo ascetismo – ela era conhecida por sobreviver ingerindo apenas uma hóstia por dia. As duas, junto com as pós-medievais Santa Teresa de Ávila (1515-1582) e Teresa de Lisieux (1873-1897), são as únicas mulheres a figurar entre os Doutores da Igreja, a lista oficial dos maiores teólogos católicos.

Às vezes, o convento liberava mesmo sendo uma imposição. A freira francesa conhecida simplesmente como Héloïse (1100-1164), forçada à vida religiosa, influenciara muitas escritoras pela história por sua correspondência com seu ex-amante, também obrigado a ser monge, Abélard, com quem havia tido uma relação escandalosa e um filho fora do casamento. Entre as

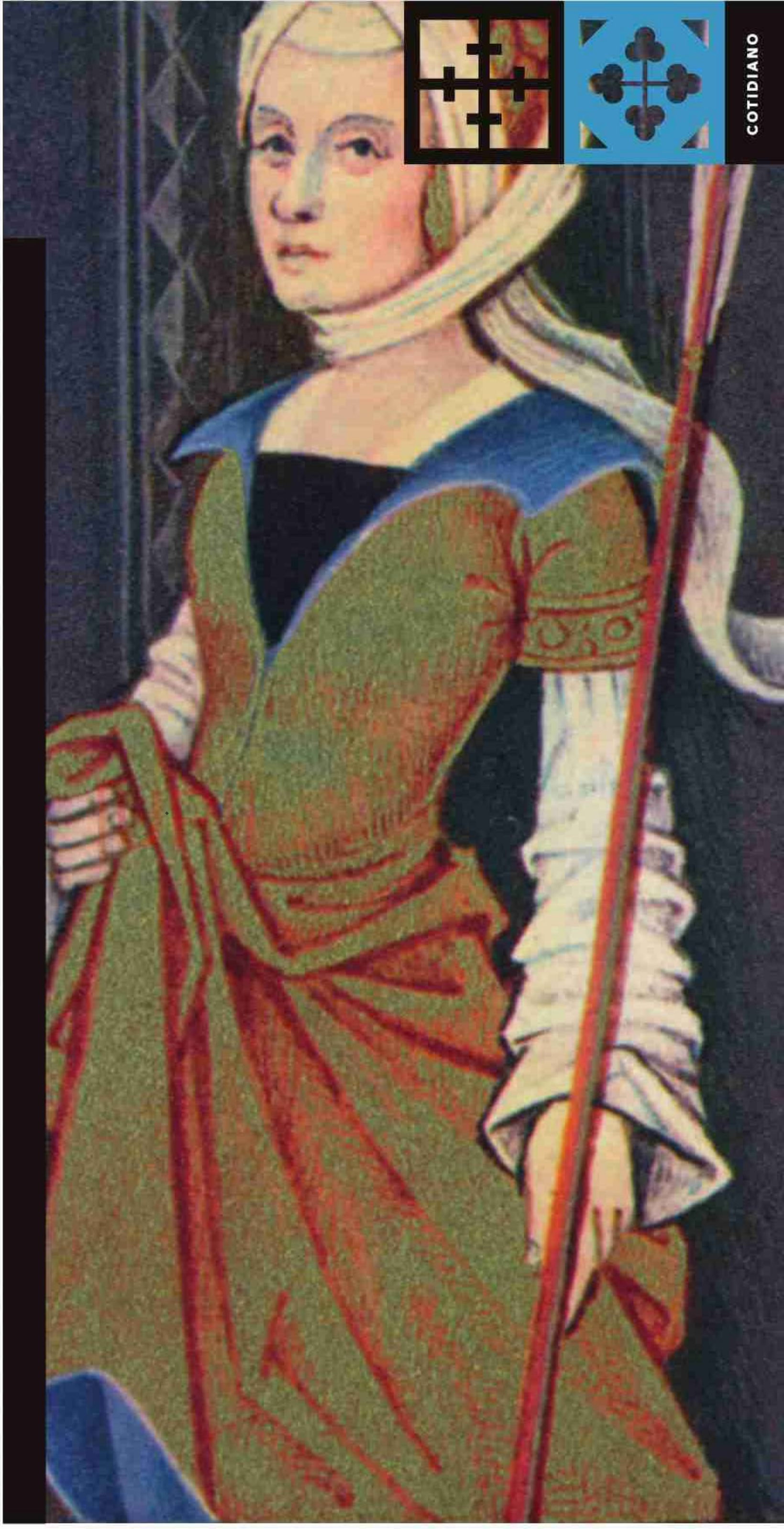
Imagens: Getty Images

opiniões da freira, estava que casamento, se não for amor, como o que ela própria havia tido, é simplesmente "prostituição por contrato".

Poder secular

Rainhas com poder real – e não consortes, esposas do poder – eram raras, mas as que existiam podiam ser decisivas. A lei que permitia mulheres governarem variava de país a país. Nenhum, exceto o reino basco de Navarra, adotava a primogenitura absoluta, de que a filha ou filho mais velho assume, independente do gênero. A maioria tentava coroar primeiro os filhos homens e, apenas na ausência destes, as filhas. Outros preferiam passar o poder a um irmão do rei, ou sobrinho ou parente mais distante ainda. Muitos casos eram nebulosos e acabavam em confronto, como Beatriz de Portugal, que chegou a ser reconhecida por alguns meses em 1383, mas perdeu o trono para um tio. No caso mais extremo, em países que seguiam normas derivadas da Lei Sálica da época do rei Franco Clóvis (466-511), não só uma mulher nunca poderia ser feita rainha, como alguém sequer podia clamar um trono por parte de mãe (isto é, por ser filho de uma filha do rei). Mas, mesmo nesses, rainhas podiam acabar governando como regentes, quando se tornavam viúvas, em nome de seus filhos menores de idade.

Portugal teve uma rainha antes de ser reino. Teresa de Leão (1080-1130) era filha ilegítima do rei Afonso 6º de Leão e Castela e herdou dele o título de Condessa de Portucale, poder passado ao marido, Henrique de Borgonha, em seu casamento, em 1093. Com a morte desse, ela assumiu o poder do condado em 1112 e, em 1116, seria reconhecida como rainha pelo papa Pascal 2º. Seu período foi de guerra: ela batalhou com a também rainha Urraca, de Leão, Castela e Galícia – que, por sua vez, se declarava Imperatriz de Toda a Espanha (a Península Ibérica). Em 1121, a



Semiramis, Rainha da Assíria, semimitológica conquistadora do Oriente Médio no século 7 a.C., em iluminura de 1403.

rainha portuguesa acabou derrotada e forçada a aceitar o status de vassala dos reinos espanhóis. Mas não seria o fim da violência: em 1128, Teresa foi deposta pelo próprio filho, Afonso. A causa era um romance dela com o conde Fernando Pérez de Traba, da Galícia, que a havia apoiado contra Urraca e, temiam os nobres portugueses, dominaria o país. Afonso seria considerado oficialmente o primeiro rei de Portugal – mas vários historiadores preferem conceder o título a Teresa.

A Polônia também teve um evento fundador com uma rainha. Em meio a uma crise de sucessão, em 1384, os nobres poloneses apoiaram a ainda criança Edviges (1373-1399) como "rei" da Polônia – a palavra masculina foi escolhida para não deixar dúvidas de seu poder. Pouco depois, uma jogada realmente inusitada: ela se casaria com o rei pagão Jogalia, da Lituânia, que se converteria imediatamente, encerrando séculos de guerras religiosas. A união dinástica dos dois países (reinos com a mesma família real, administrados separadamente) levaria à Polônia-Lituânia, maior potência do Leste Europeu até o século 17. País do astrônomo Copérnico (1473-1543), que provou que a Terra gira em torno do Sol.

Mesmo quando não tinham poder formal, as rainhas ainda poderiam deter enorme influência. Leonor da Aquitânia (1122-1204) foi rainha consorte tanto da França (1137-1152) quanto da Inglaterra (1154-1189). Como rainha da França, participou da Segunda Cruzada. Perderia o trono ao ter seu casamento anulado por consanguinidade. Em verdade, um pretexto aceito pelas duas partes, porque o casal se odiava. Casada com Henrique 3º da Inglaterra, teria oito filhos, inclusive o famoso Ricardo Coração de Leão. Acabaria presa por 16 anos, entre 1173 e 1189, após incentivar seus filhos a tentar tomar o trono do pai, numa guerra civil de 18 meses, na qual milhares padeceram. Os filhos foram perdoados.

Quando Henrique morreu, Leonor saiu da prisão para assumir o trono da Inglaterra – regendo em nome do filho Ricardo Coração de Leão, enquanto ele atuava na Terceira Cruzada (1189-1192).

Como Joana D'Arc foi possível?

A adolescente comandando soldados é um dos assuntos mais debatidos do medievalismo.

COMO UMA SANTA. A primeira coisa a se entender sobre a guerreira é que ela foi uma figura intrinsecamente religiosa. Ela foi aceita enquanto santa e a guerra foi o veículo para sua santidade. A camponesa de 17 anos vestida de homem foi levada à corte do Delfim (herdeiro do trono) Carlos 7º da França, em 1429, pedindo a ir para o campo de batalha, após afirmar ter tido visões de São Miguel, Santa Margarida e Santa Catarina, dizendo para expulsar os ingleses do país. Um minucioso exame de sua vida foi ordenado e concluiu que era uma cristã ilibada, provavelmente sincera. Diante disso, o rei corria risco de perder a graça divina se não a testasse. Assim, Carlos deu a ela uma armadura e a enviou para a frente de combate com uma bandeira. Essa seria sua "arma". Por seu próprio testemunho, Joana não matou ninguém, apenas motivou e deu conselhos.

O efeito mais duradouro das ações da rainha Leonor é na cultura: alguns dizem que ela é responsável pela invenção do amor (isto é, o conceito atual de amor, intenso e sexualizado). Por toda sua vida, atuou como patrona das artes, principalmente música, poesia e literatura. Nos anos antes da prisão, entre 1168 e 1173, sua corte instalada em Poitiers, França, ganharia o apelido de Corte do Amor – onde, provavelmente lenda, o amor era livre e Leonor e suas filhas julgavam pessoalmente disputas entre amantes. Os artistas patrocinados por Leonor espalharam uma ideia que vinha de antes, mas que teve um impulso decisivo então: o amor cortês, idealizado, sexual, geralmente impossível, típico de romances de cavalaria. Que desembocou no que a gente chama hoje de amor romântico, visto como o ideal. Até antes, atração sexual era mais ou menos (mal)vista como uma coisa iníqua e separada do amor no casamento.

Enquanto isso, nas cidades, a nascente classe da burguesia, vinda de artesãos cada vez mais ricos, passava por idas e vindas. Alguns ofícios, como tecelagem e cervejaria, eram vistos como tipicamente femininos e tinham guildas femininas. As masculinas aceitavam as viúvas de seus membros, que podiam subir até a posição de mestres no ofício. Assim, elas passaram a ocupar algumas profissões que ainda hoje são popularmente vistas como masculinas, como a de açougueiro. A reação dos homens, a partir do século 15, foi de começar a barrá-las das guildas.

Dessa época são os escritos de uma grande precursora do feminismo: Cristina de Pisano (1363-1430). Filha de um alquimista veneziano, teve uma educação incomum. Ao perder seu marido, já com três filhas, em 1390, acabou forçada a achar um outro meio de vida: a literatura. Em seu *Tesouro da Cidade das Mulheres*, Cristina começa comentando como passou a se sentir deprimida, uma aberração da natureza, ao ler um texto de um famoso da época falando das mulheres. Ela recebe então uma visita das três virtudes cristãs: Fé, Esperança e Amor. As virtudes a convidam a construir a Cidade das Mulheres, um reduto para abrigar as almas das mulheres virtuosas da história, e Cristina recebe uma nova virtude que irá acompanhá-la: a Razão. Ao longo dos três volumes, a escritora comenta sobre a vida de mais de 150 mulheres da história, da mitologia e algumas contemporâneas vivas. Várias são figuras celebradas, como a Virgem Maria, a heroína bíblica Judite e diversas santas. Também a poetisa Safo de Lesbos, cujos versos dariam origem à expressão "lésbica". E, subversivamente, várias vilãs nas histórias dos homens, como Medusa, as amazonas e a esposa de Júpiter (Zeus), Juno.

Mulheres vendendo pão e manteiga no manuscrito *Tacuinum Sanitatis*, tradução de um trabalho árabe do século 11.

Imagens: Getty Images

Negros na Europa

Santos, peregrinos, heróis, escravos, inimigos: pessoas da África Subsaariana não eram uma visão improvável na Europa medieval.

TEXTO *Fábio Marton*

UM DOS REIS MAIS FAMOSOS da Idade Média europeia era negro. Seu nome era Preste João. Um monarca da "Índia" que enviara uma carta ao imperador bizantino Manuel Comneno (1118-1180) dizendo que era descendente de um dos três Reis Magos, tinha um riquíssimo reino isolado entre islâmicos, e que iria ajudar os cristãos europeus em suas batalhas contra eles. Seu reino tinha maravilhas como touros com sete chifres, águias que podiam carregar um cavaleiro com armadura, e homens com três olhos atrás da cabeça. Também uma fonte da juventude. A carta era uma fraude, provavelmente surgida na Itália. Mas, levada a sério pelo papa Alexandre 3º (r. 1159-1181), circulou por toda a Europa. Por muito tempo, discutiu-se onde ficava a "Índia", mas, no século 15, se formou um quase consenso: era a Etiópia, que então chamavam de Abissínia. Quando os portugueses finalmente encontraram o Imperador da Etiópia, em 1498, clamaram ser o Preste João.

Esse personagem era uma lenda, mas outro rei negro seria bem conhecido dos europeus: Mansa Musa (1280-1337) do Mali, que historiadores consideram um forte candidato a ter sido o homem mais rico de todos os tempos. A história da peregrinação a Meca do rei, distribuindo ouro pelo caminho, ficou tão famosa que ele foi parar num Atlas catalão de 1375.

E essa é só uma das dezenas de imagens de negros na iconografia medieval. Há mais retratos que relatos de negros na Idade Média. Europeus que nunca haviam visto uma pessoa negra de perto ainda assim eram familiarizados com a ideia de pessoas negras na igreja, por imagens de santos como São Maurício, patrono da Catedral de Magdeburgo, Alemanha, São Moisés, o Negro, eremita do Egito do século 5, e, mais que todos, Gaspar, um dos três Reis Magos, que passou a ser retratado como negro no século 12.

Imagem: Getty Images

Na Heráldica, a "cabeça de mouro", mostrando um homem negro com uma faixa, se tornou emblema de lugares distantes como a Córsega, o Reino de Algarve, Barcelona, e as cidades alemãs de Friesing e Coburg.

Escravos e peregrinos

A presença física de negros foi maior na Península Ibérica, por conta do domínio dos mouros, entre os quais negros eram parte da população livre e escrava. O historiador português Jorge Fonseca calculou que, ao fim da Reconquista, em 1498, 7% dos ibéricos seriam negros africanos.

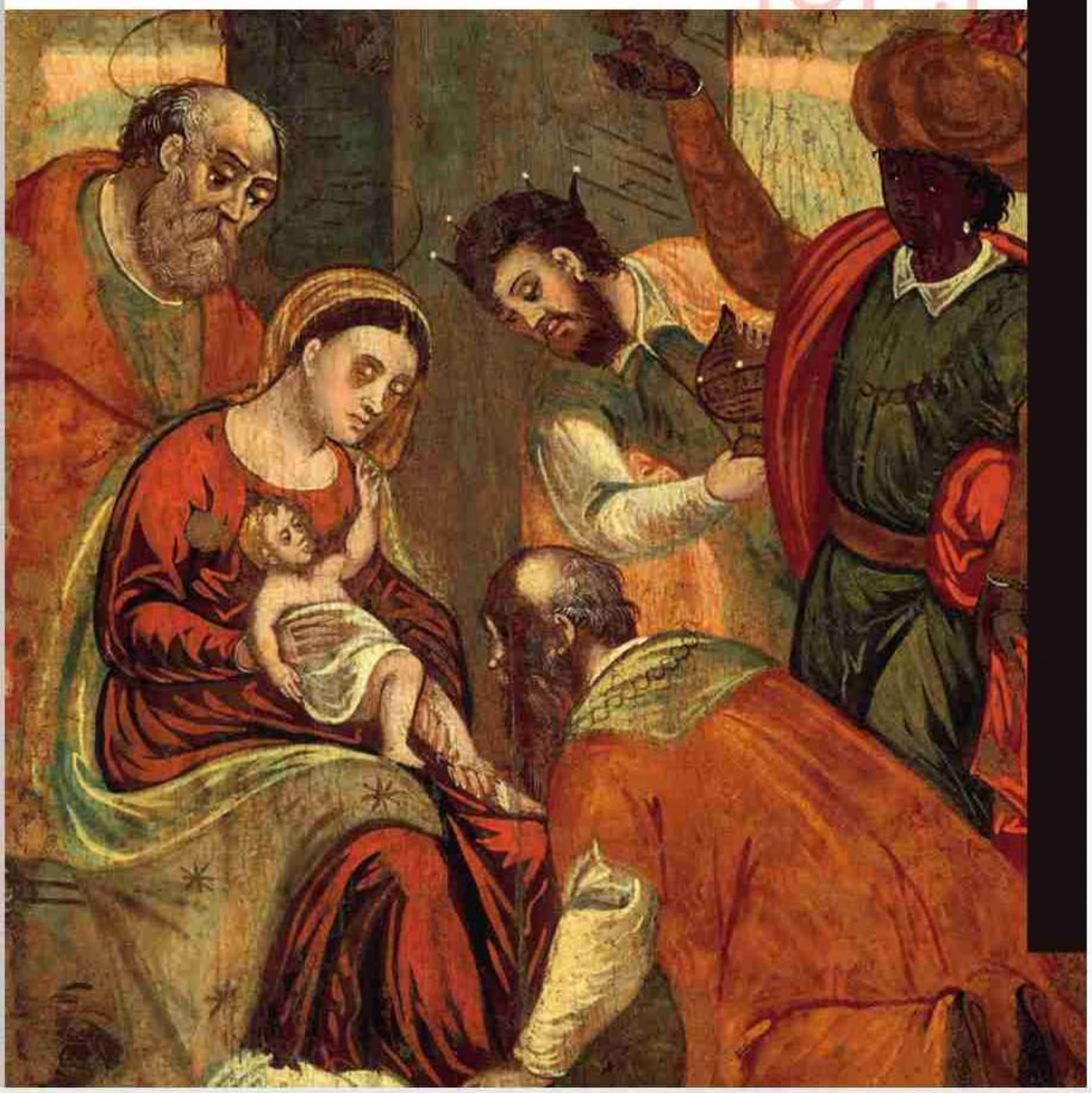
Através da Península Ibérica e o Norte da África, negros foram parar em outras partes da Europa, possivelmente levados por vikings, que vendiam escravos. Uma pesquisa de 2013 encontrou um esqueleto identificado como uma mulher de características subsaarianas que viveu em Fairford, Inglaterra, em algum período entre 896 e 1025. No século 15, o semilegendário fora da lei escocês Black Morrow era identificado como negro.

Os combatentes que foram para as Cruzadas também se tornaram familiares com negros, e não só no papel de inimigo. Os padres da Etiópia já então eram guardiões da Igreja do Sagrado Sepulcro. Esse contato continuaria pelos séculos. Em 1159, a Igreja de Santo Estêvão foi reformada e ganhou um mosteiro para os etíopes. Em 1480, em outra reforma, terminou rebatizada de Santo Estêvão da Abissínia em reconhecimento a eles e ainda hoje, dentro do território do Vaticano, é administrada por católicos etíopes.

Africanos cristãos também faziam peregrinações. Em 1203, estacionado em Constantinopla, na infame Quarta Cruzada, o cavaleiro francês Robert de Clari relatou ter encontrando o rei da Núbia (no atual Sudão do Sul) e sua comitiva. Clari não o identificou, mas documentos núbios parecem indicar que era o célebre rei Moisés Jorge, que havia derrotado o reconquistador de Jerusalém, Saladino, 28 anos antes. O rei tinha uma cruz gravada na cabeça, o que é costume na região até hoje, e dizia estar em peregrinação para Santiago de Compostela, após ter passado por Jerusalém, fazendo uma escala em Roma. Tomaria o mesmo caminho na volta para, se tudo corresse como planejado, morrer em Jerusalém. Ninguém sabe o que aconteceu com esse rei. Constantinopla seria saqueada dias depois pelos próprios cruzados, o que abre a possibilidade de ter sido morto por cristãos. Mas ele é um testemunho de que negros faziam peregrinações pela Europa. Crônicas bizantinas da mesma época contam da recepção a peregrinos da Etiópia. A partir de 1402, os etíopes mandaram diversas missões diplomáticas para Roma, França e Espanha.

Fora todos os viajantes, negros locais ocasionalmente eram alçados à posição de poder. O rei de Castela, a partir de 1410, tinha uma Guarda Moura, principalmente negros convertidos que atuavam como cavaleiros da mais alta reputação.

Seria na Península Ibérica, porém, que o racismo se desenvolveria. A ligação dos negros e mestiços – "morenos" vem de "mouros" – com o Islã levaria à perseguição racial dos "cristãos novos", identificados pela cor da pele. O crescente número de escravos após a chegada de Portugal às costas da África, em 1450, levaria à identificação do negro, islâmico ou não, com o escravo. Tomando o lugar de antigos santos, peregrinos e heróis da cristandade.



Rei Gaspar na *Adoração dos Reis Magos*, por um pintor anônimo da Sardenha, século 15.

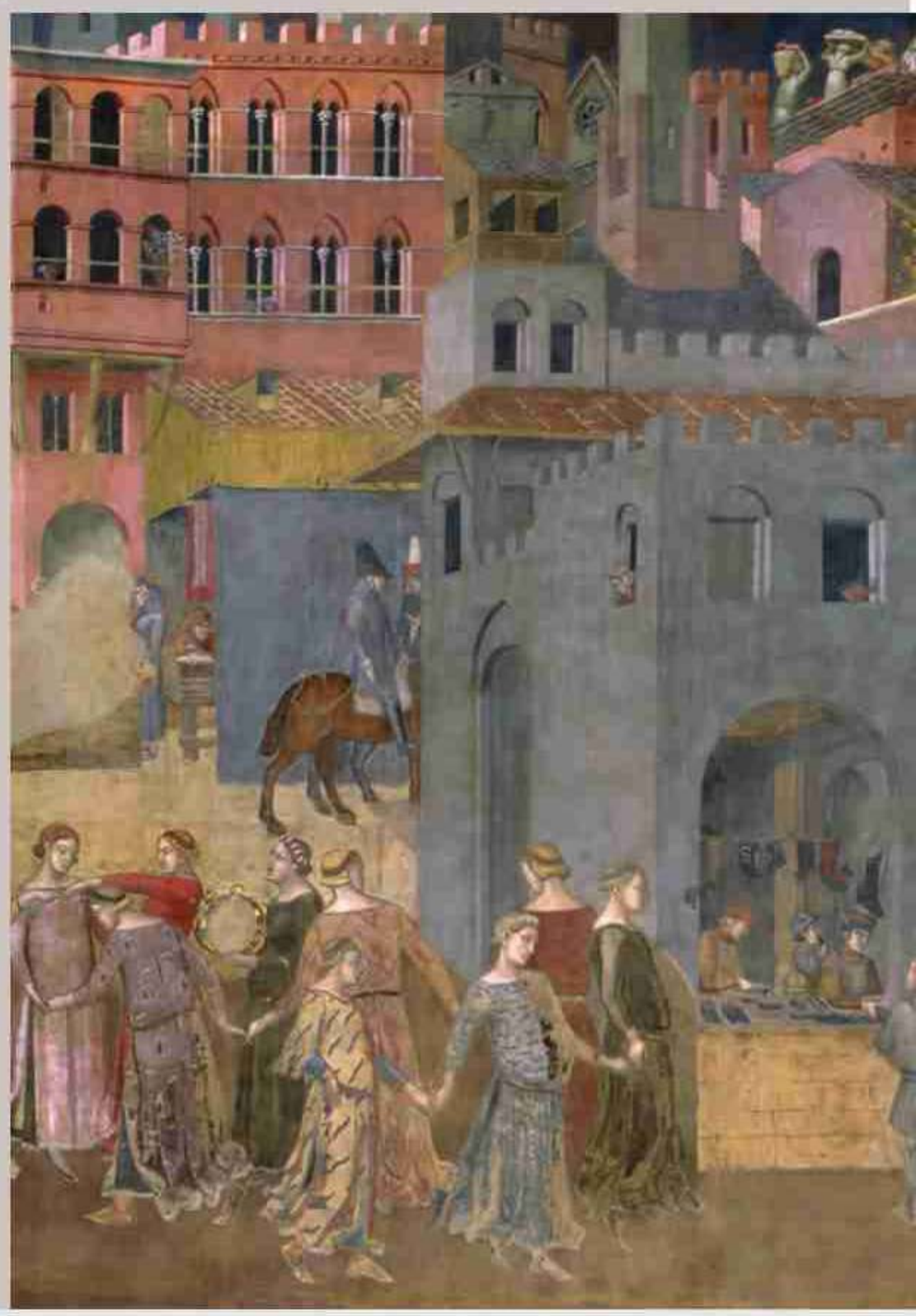
Democracia medieval

Em uma sociedade altamente estratificada, ainda assim havia espaço para eleições.

TEXTO *Fábio Marton*

ERA 10 DE JULHO DE 1215 quando o rei João – tão infame que seria o único rei João da Inglaterra – e sua comitiva atravessaram o riacho para chegar a uma pequena ilha em Runnymede, um alagadiço agrícola à beira do Tâmisa. Em vista deles, estava o Castelo de Windsor, pronto a disparar caso algo desse errado, mas também as fortificações inimigas, em Staines. Diante deles, 25 cavaleiros – barões – prontos para a guerra. Traziam uma lista de exigências. Ambos os lados tinham seus exércitos acampados nas margens do rio. Depois de cinco dias de negociações, os barões conseguiram o que queriam: o selo real numa lista manuscrita com obrigações: a Magna Carta. Sob ameaça militar, o monarca havia aceitado uma humilhação: pela primeira vez, um rei europeu admitia que não podia fazer o que quisesse, estava abaixo das leis, e os indivíduos – todos os homens livres, não só os barões – tinham direitos inalienáveis.

A Magna Carta britânica está longe de ser uma Constituição democrática moderna, e foi imediatamente ignorada. João e os barões entrariam em guerra civil no mesmo ano. Mas é um exemplo de como a descentralização feudal exigia algum consenso. Ao menos daque-



les que tinham armas: sob o feudalismo, cada senhor feudal tinha seu próprio exército. As forças eram unidas sob a bandeira do rei quando havia uma ameaça externa. O exército do próprio rei era apenas mais um.

Isso levava a coisas como as cortes espanholas. Em 1188, as Cortes de Leão se tornaram, pela definição da Unesco, o primeiro Parlamento moderno europeu. Diante de uma emergência militar, o rei pediu que as cidades mandassem seus representantes – plebeus livres.

A voz do povo

No caso mais extremo, essa divisão feudal levou a uma grande monarquia eletiva: o Sacro Império Romano (geralmente grafado como Romano-Germânico, mas isso não estava no nome oficial). Num vasto território entre a Alemanha e o norte da Itália, o imperador não passava o título aos filhos, mas era escolhido por "príncipes-eleitores", grupo formado por três arcebispos e quatro nobres. (A Igreja Católica também era uma monarquia eletiva, mas isso deriva de papas não terem filhos.)

Países nórdicos tinham uma tradição democrática na *thing*, uma grande reunião de chefes de clãs e homens livres diante do rei. Não havia um poder formal nesses parlamentos, e o clima geral era mais de festa, com banquete e bebedeira, que o de um congresso. Mas problemas podiam ser trazidos à discussão pública e um rei que discordasse frontalmente de seus súditos poderia ter problemas. A *Althing* da Islândia, fundada em 930, é considerada o Parlamento mais antigo do mundo.

Havia ainda as repúblicas. Elas se formavam também num vácuo feudal. Não eram democracias no sentido moderno, e frequentemente descambavam em ditaduras eleitorais: seus líderes eram muitas vezes vitalícios, como se fossem reis. Ainda que tivessem que ser cuidadosos em suas maquinações políticas, podiam atingir o poder absoluto.

Veneza, de longe, a mais poderosa de todas elas, formou um pequeno império naval. Conseguindo sua independência do Império Romano do Oriente em 697, inicialmente contava com uma tribuna com todos os homens livres. Gradualmente, como em vários outros casos, terminou como uma oligarquia de nobres e comerciantes ricos.

Repúblicas podiam nascer de forma democrática: uma comuna medieval era uma localização que decidia se fortificar por conta e criar uma força armada. A partir daí, buscava autorização dos reis para ser reconhecida como uma cidade-estado autônoma, sem domínio de nenhum nobre, se formalmente vassala do rei e com obrigação de colaborar militarmente. Mas esse "comunismo" custava muito dinheiro, e as comunas tinham que ser ricas. Genova e Florença começaram como comunas e se tornaram potências comerciais.

O ponto mais democrático da vida medieval não ficava no governo, mas nas guildas. Corporações de ofício, que exigiam o registro formal para trabalhar, elegiam suas lideranças e davam toda uma rede de proteção que hoje é relacionada ao Estado, como atendimento médico, moradia, pensões para viúvas. Em várias cidades livres, elas davam as cartas, e o voto era feito por meio delas. A Liga Hanseática foi uma grande organização de guildas que frequentemente é comparada a um Estado, pela forma como dominava as cidades em seu território.

Efeitos de Um Bom Governo na Cidade, 1338, adornando o palácio público da República de Siena.

Imagem: divulgação

8 fatos insólitos sobre a Igreja Medieval

O que todo mundo sabe e é verdade: a Igreja era uma força poderosa e onipresente na Idade Média. Tão onipresente que todos os textos deste dossiê envolvem a Igreja Católica. Mas nem tudo o que é dito e imaginado a respeito dela é baseado em fatos.

TEXTO *Fábio Marton*

[UP!]

1 LIVROS PAGÃOS NÃO FORAM DESTRUÍDOS

COMO MUITA COISA do que se imagina do fanatismo medieval – que, mais que um fanatismo, era uma concepção de realidade –, na verdade a censura veio depois, nos tempos do protestantismo e da Contrarreforma. O *Index Librorum Prohibitorum*, a lista de livros proibidos pela Igreja Católica, é de 1571. Uma coisa importante ao se falar da Igreja na Idade Média é que ela vinha de uma organização do fim do Império Romano do Ocidente, em que a Igreja e o Estado eram muito mais potentes. E, juntos, já haviam censurado – ou filtrado, ou reinterpretado – o que acharam necessário. E mesmo a filosofia antiga trazida de volta pelos islâmicos também havia passado por esse filtro: ela descendia, em grande parte, de originais gregos do Império Bizantino, traduzida para o árabe por autores como o cristão Hunayn ibn Ishaq (809-873). Outra fonte eram as bibliotecas persas, conquistadas parcialmente em 654 (boa parte acabou perdida ou destruída). Os europeus ocidentais "herdariam" mais originais bizantinos ao tomar de Constantinopla na Quarta Cruzada, em 1204. Isso não quer dizer que muita coisa, de fato, não tenha sido perdida na Idade Média. E aí foi mais falta de interesse que censura. Cada exemplar de um livro exigia um ou mais meses de trabalho exclusivo de um monge, que não vivia de lucro, mas precisava ser sustentado. Assim, os monges copistas priorizaram o que era mais importante: o que servia para teologia e filosofia católica. Livros menos interessantes aos religiosos se perderam não necessariamente na fogueira, mas ao apodrecerem esquecidos numa prateleira. Queimas aconteciam: o historiador Alexander Murray, da Universidade de Oxford, calculou em 200 os eventos no período. Mas eram invariavelmente livros de teologia cristã vista como herética, não velhos tomos greco-romanos.

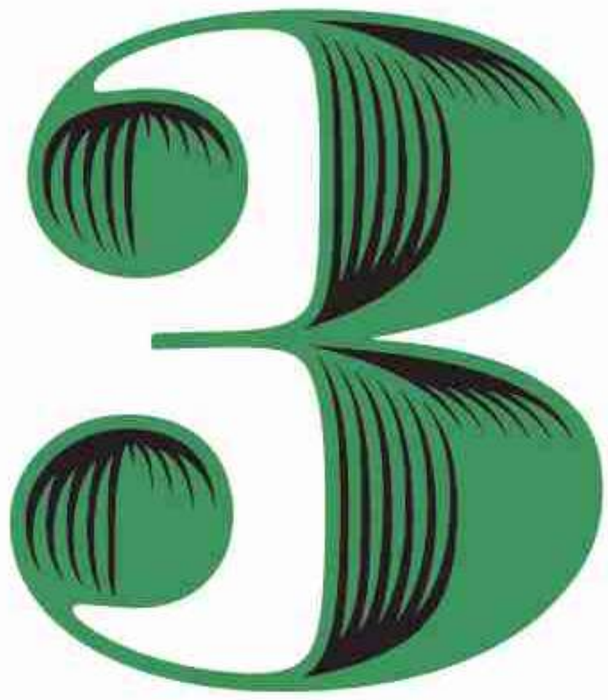
Imagem: Getty Images

A IGREJA NÃO ERA CONTRA A CIÊNCIA

PORQUE A IGREJA ERA a ciência. Eram os religiosos que detinham o conhecimento formal e, mesmo após o estabelecimento das universidades, pela própria Igreja, no século 11, abrindo esse conhecimento aos leigos, as maiores iniciativas vinham de religiosos, com os escolásticos como São Tomás de Aquino (1125-1273) e Roger Bacon (1219-1292) retomando o racionalismo e as ideias de Aristóteles (384–322 a.C.), o pai da filosofia natural. De fato, uma das razões para a primeira grande briga com a ciência, a condenação do heliocentrismo (iniciado pelo padre Nicolau Copérnico), foi por discordar da visão de mundo aristotélica da Igreja.

PAPAS TENTARAM (MAIS OU MENOS) PROTEGER OS JUDEUS

O ROTEIRO ERA o mesmo: uma criança era achada morta. A palavra ia de boca em orelha e o consenso era formado: a culpa era dos judeus, que sacrificavam crianças para beber seu sangue. Eram então linchados ou executados formalmente pelas autoridades. O libelo de sangue, como era chamado, era uma posição que dividia a Igreja. Alguns, como o monge Tomás de Cantimpré (1201-1272), chegavam a levantar teorias delirantes de por que os judeus estariam matando tantas crianças. Para ele, os judeus ouviam que o sangue de Jesus salva e se confundiam achando que o que salvava era sangue dos cristãos. Roma não gostava. Em duas ocasiões, em 1247, com Inocêncio 4°, e em 1271, com Gregório 10°, os libelos de sangue foram proibidos "exceto em flagrante". Sem chegar a dizer que judeus não sacrificavam crianças, ponto. Havia benefícios: as crianças mortas "pelos judeus" invariavelmente rendiam pontos de peregrinação. São Simão de Trento (1475) chegou a ser canonizado por sua morte em suposto sacrifício.



A IGREJA NÃO ACREDITAVA EM BRUXAS

SIMPLES ASSIM: durante a maior parte da Idade Média, a Igreja não acreditava em bruxas. Santo Agostinho, no século 5, já dizia que a crença em bruxas era heresia. As pessoas acreditavam em mágica, e os trabalhos de um alquimista/feiticeiro eram bem pagos. Quando um "feiticeiro" era, ainda assim, julgado, não era por ser um bruxo ou bruxa, mas por ter cometido, por exemplo, um assassinato com venenos, ou um "feitiço" nocivo contra alguém. A preocupação da Inquisição, fundada em 1184, era a a heresia, não magia folclórica. Foi dessa preocupação que acabaria surgindo a caça às bruxas (e bruxos), ligada à ideia de um pacto com o Diabo. Em 1303 e 1307, na França de Filipe 4° (1268–1314), dois eventos começaram a mudar isso: a condenação póstuma do papa Bonifácio 8° e o julgamento e execução dos cavaleiros templários, acusados de cultuar Satã. A caça às bruxas começaria mesmo com a publicação de *Malleus Maleficarum* (1486), do monge dominicano Heinrich Kramer. O livro foi renegado pelos católicos em 1490, mas circulou amplamente e influenciou protestantes.

5

A IGREJA NUNCA QUEIMOU NINGUÉM NA FOGUEIRA (MAS TERCEIRIZOU)

"SEM AMEAÇAR A VIDA E MEMBROS." Assim foi definida a tortura permitida à Inquisição em 1252, pela bula *Ad Extirpanda*, do papa Inocêncio 4°. O contexto era a cruzada contra os cátaros (pág. 39). Na prática, o procedimento da Inquisição era ensaiado e discutido, e não envolvia só tortura física, mas um método para arrancar a confissão, com pressão psicológica incluindo os torturadores parecerem tristes, inocentes, obrigados a fazer aquilo, e darem várias oportunidades para a pessoa confessar. A tortura principal da Igreja, para não ameaçar "vida e membros", era o cavalete, a icônica máquina de puxar membros, até deslocá-los, sob sonoros estalos e gritos. Era feita na presença de outros interrogados, para incentivá-los a confessar antes. A Inquisição, porém, não queimava ninguém: os padres sempre terceirizavam a morte, mandando o condenado às autoridades seculares com a recomendação de que fosse queimado.

[UP!]

6

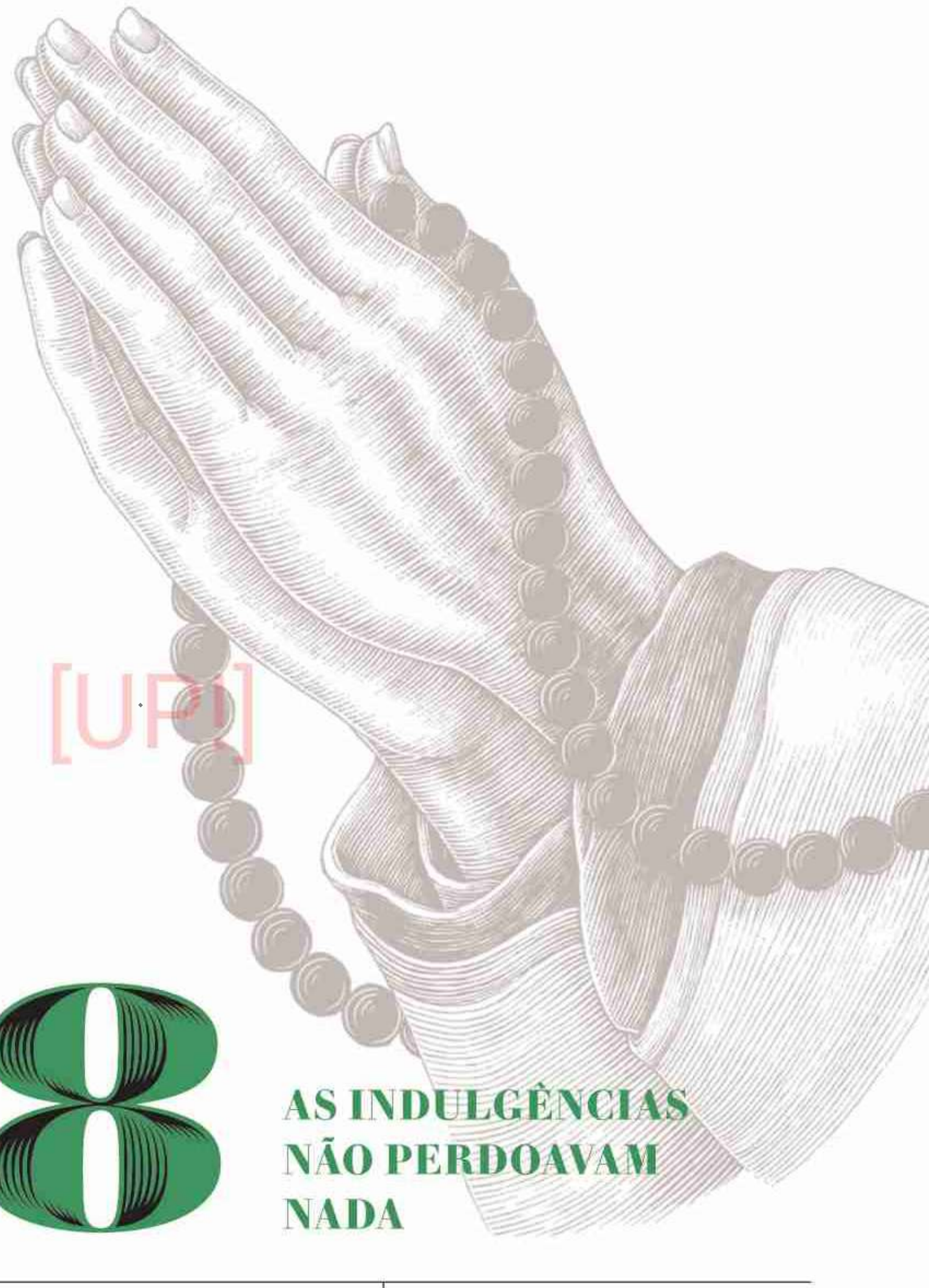
A IGREJA FOI DERROTADA POR REIS

A IGREJA PODE TER SIDO a instituição unificada mais poderosa da Idade Média, mas sua relação com as monarquias não era simplesmente de o papa manda e o rei obedece. Vários reis foram excomungados em vida, o que não tirava em nada seu poder, mas os impedia de tomar comunhão na igreja e ser enterrados em solo sagrado. Geralmente a excomunhão terminava com a reversão pelo papa ou seu sucessor. As razões para um rei ser excomungado iam de desviar dinheiro da igreja (Afonso 2° de Portugal, 1212), executar religiosos (o rei polonês Boleslau 2°, que matou o Santo Estanislau de Szczepanów em 1079), até conduzir guerra aos Estados Papais (entre 1375 e 1378, o papa Gregório 11 esteve em guerra com as cidades-estado de Siena, Florença e Milão). O que mais levou a excomunhões foi a chamada Questão das Investiduras, o direito que líderes seculares se davam de escolher líderes religiosos, pela qual diversos reis do Sacro Império Romano-Germânico, como Frederico Barbarossa (1122-1190), acabaram excluídos da Igreja. Nessas disputas, surgiam antipapas, líderes "alternativos" apoiados por monarcas, como Clemente 3°, que foi "papa" para o Sacro Império entre 1080 e 1100, enquanto o resto do mundo seguia Urbano 2°. O próprio papado acabou refém dos reis, em 1305, quando o rei francês Felipe 2° forçou a eleição de um papa francês, Clemente 5°, levando a um período de papas reinando da França, e, enfim, ao Cisma Ocidental (1378-1417): um papa na França e outro em Roma, que não se reconheciam.

7 NEPOTISMO ERA UMA PRAGA

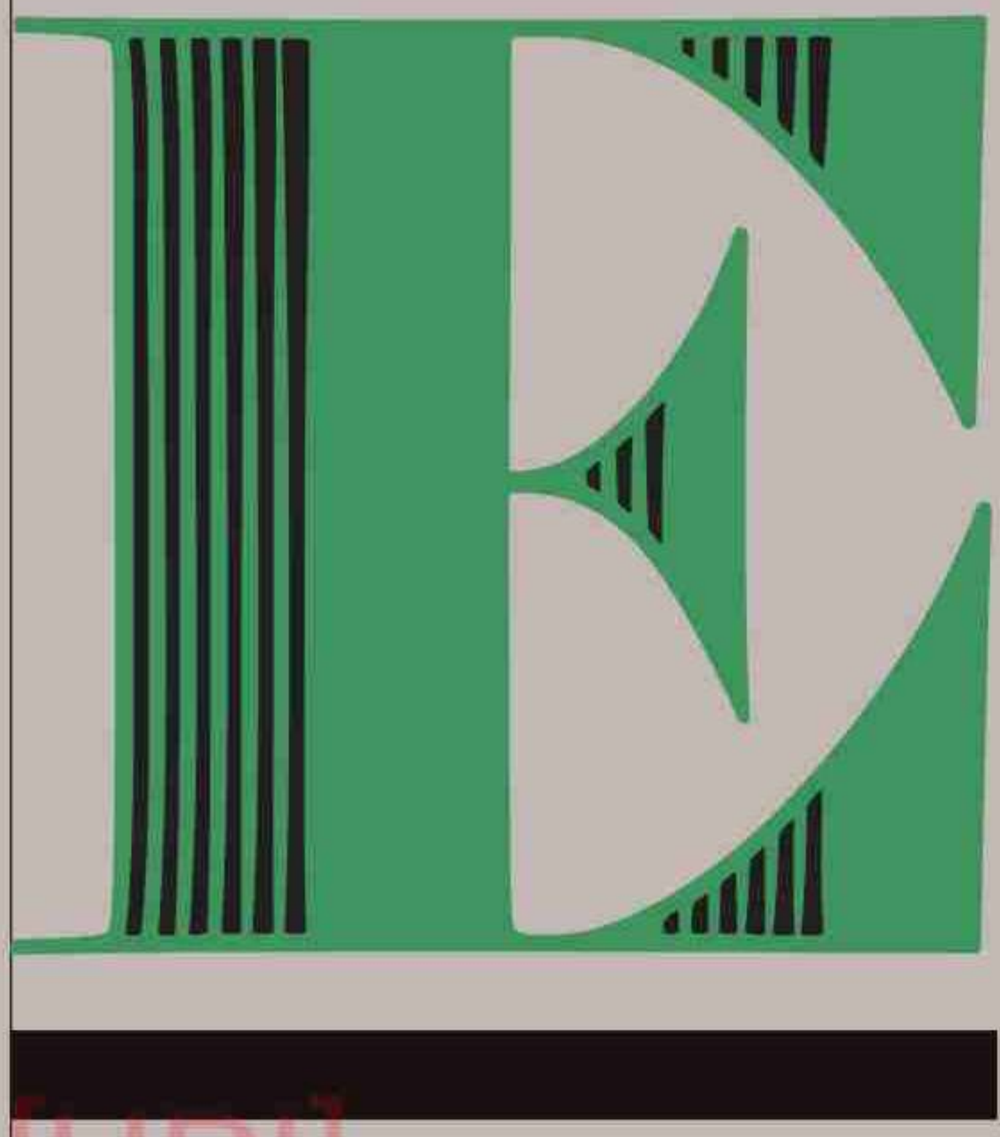
QUANDO UM NOBRE ENTRAVA NA IGREJA, deixava de o ser. A linhagem passava a terminar com ele. Mas isso não queria dizer que a Igreja, considerada uma classe social em si, fosse realmente um ambiente igualitário. Um plebeu que se tornasse monge podia de fato chegar à posição de abade. Mas bispos e cardeais quase inevitavelmente vinham da nobreza. Ou porque eram apontados diretamente pelos reis *(veja a controvérsia da investidura, ao lado)* ou porque eram apontados por outros bispos nobres. Como religiosos não deixavam filhos (oficialmente), o mais perto de posição hereditária era indicar seus sobrinhos. Até 19 papas começaram como "cardinais-sobrinhos". Os condes de Túsculo elegeram sete papas. A situação foi tamanha que o cardeal Caesar Baronius, no século 16, referiu-se à época como o Século Obscuro. Os protestantes foram além e chamaram de "pornocracia": o governo das prostitutas. Uma forma bem misógina de se referir à suposta influência das amantes dos papas – que definitivamente as tinham. *(Veja o pior caso na página 64.)*

Imagens: Getty Images



8 AS INDULGÊNCIAS NÃO PERDOAVAM NADA

A MAIOR CAUSA da Reforma Protestante foi a mania católica de "vender" o Paraíso, particularmente grave na época das 95 teses de Lutero, em 1517, por conta do financiamento da Basílica de São Pedro. A Igreja não ensinava exatamente isso: uma indulgência era uma compensação equivalente à penitência que segue a confissão e arrependimento. Isto é, não garante o perdão para o pecado, que vem do arrependimento, mas o concede para o castigo terreno. O que os papas não conseguiram – ou não tentaram realmente – foi perseguir com energia os "perdoadores", padres que vendiam indulgências com promessas extravagantes e francamente heréticas, como desculpar pecados futuros e liberar almas no purgatório.



Inimigo meu

Como, entre tantas Cruzadas, o Islã influenciou decisivamente a Europa.

TEXTO *Tiago Cordeiro*

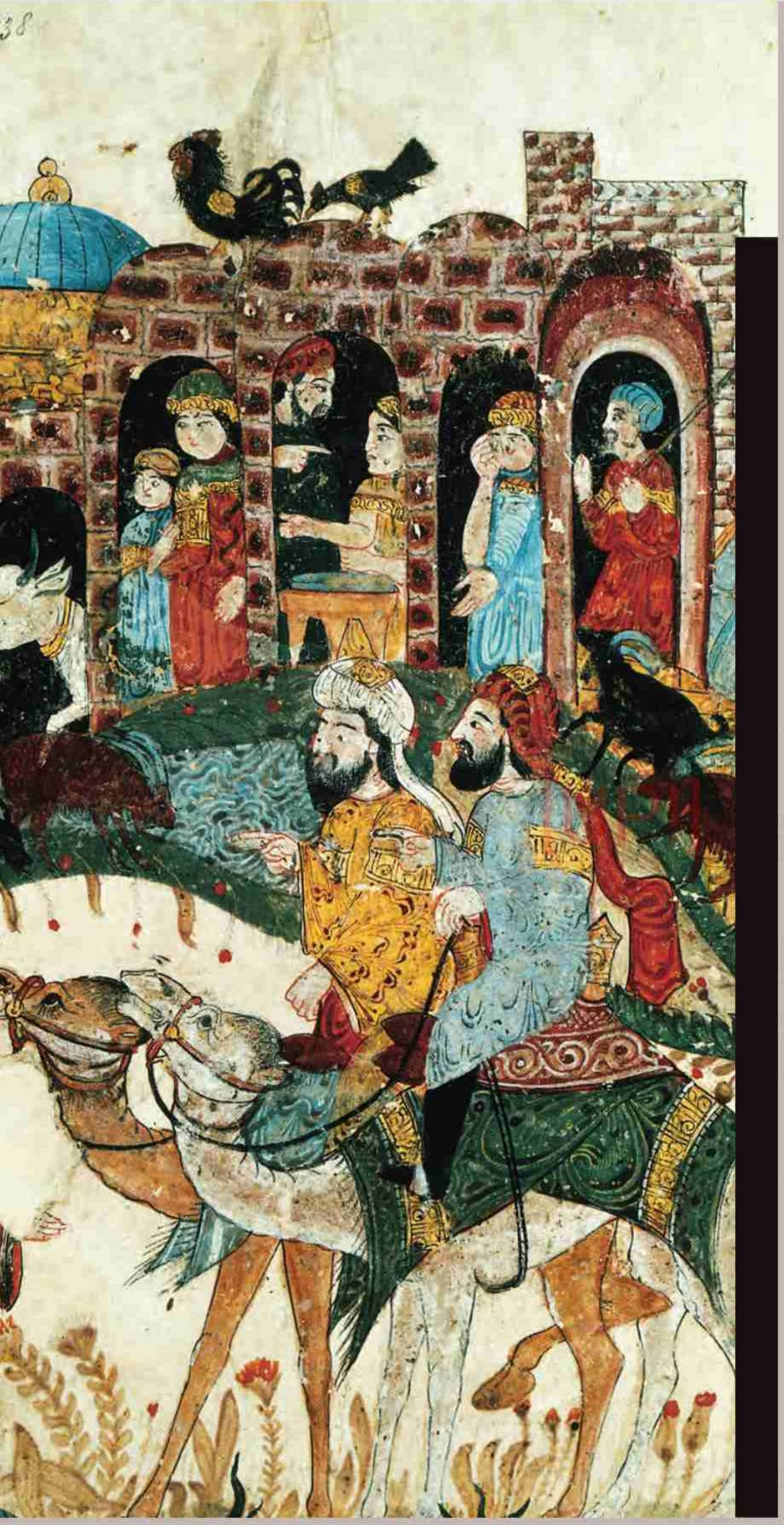
ENQUANTO NA EUROPA ainda se faziam contas usando os numerais romanos, os muçulmanos incorporavam o sistema de numeração indiano, que vai de 0 a 9. Com base nessa inovação, o persa Muhammad ibn Musa al-Khwarizmi desenvolveu a álgebra e a aritmética, enquanto que Omar Khayyam fundava as bases da geometria moderna e Sharaf al-Din al-Tusi descrevia o conceito de função, essencial para a engenharia. Aliás, quase todas as disciplinas de matemática que mais atormentam os estudantes de ensino fundamental e médio brasileiros, incluindo a trigonometria e geometria, foram delineadas dentro do Islã.

No campo da filosofia, Ibn Sina e Ibn Rushd, mais conhecidos como Avicena (980-1037) e Averróis (1126-1198), lideraram um amplo movimento de resgate do pensamento do grego Aristóteles. Em paralelo, eram criados hospitais, organizados internamente por setores especializados, incluindo as primeiras alas psiquiátricas de que se tem notícia. Por sua vez, Ibn Khaldun desenvolvia textos a respeito de sociologia, demografia e economia.

Enquanto na Europa se pensava que os olhos projetavam luz sobre os objetos, e por isso as pessoas enxergam, os cirurgiões islâmicos realizavam as primeiras cirurgias de correção de miopia – eles sabiam que a luz é que penetra nos olhos, assim como já entendiam que lesões na coluna ou nos membros podem ser causadas por problemas nos nervos.

A medicina era especialmente avançada. Apoiava-se

Imagem: Getty Images



A vida reclusa da corte real da Turquia, em miniatura do século 13.

nos preceitos de Ibn al-Haytham (965-1040), que previa a realização de experimentos padronizados, repetidos diversas vezes, em busca de resultados confiáveis e que se apliquem a diferentes populações – a base do método científico. Foi pensando assim que os médicos daquela região começaram a separar grupos de pacientes e grupos de controle, a fim de verificar o efeito de diferentes tratamentos médicos.

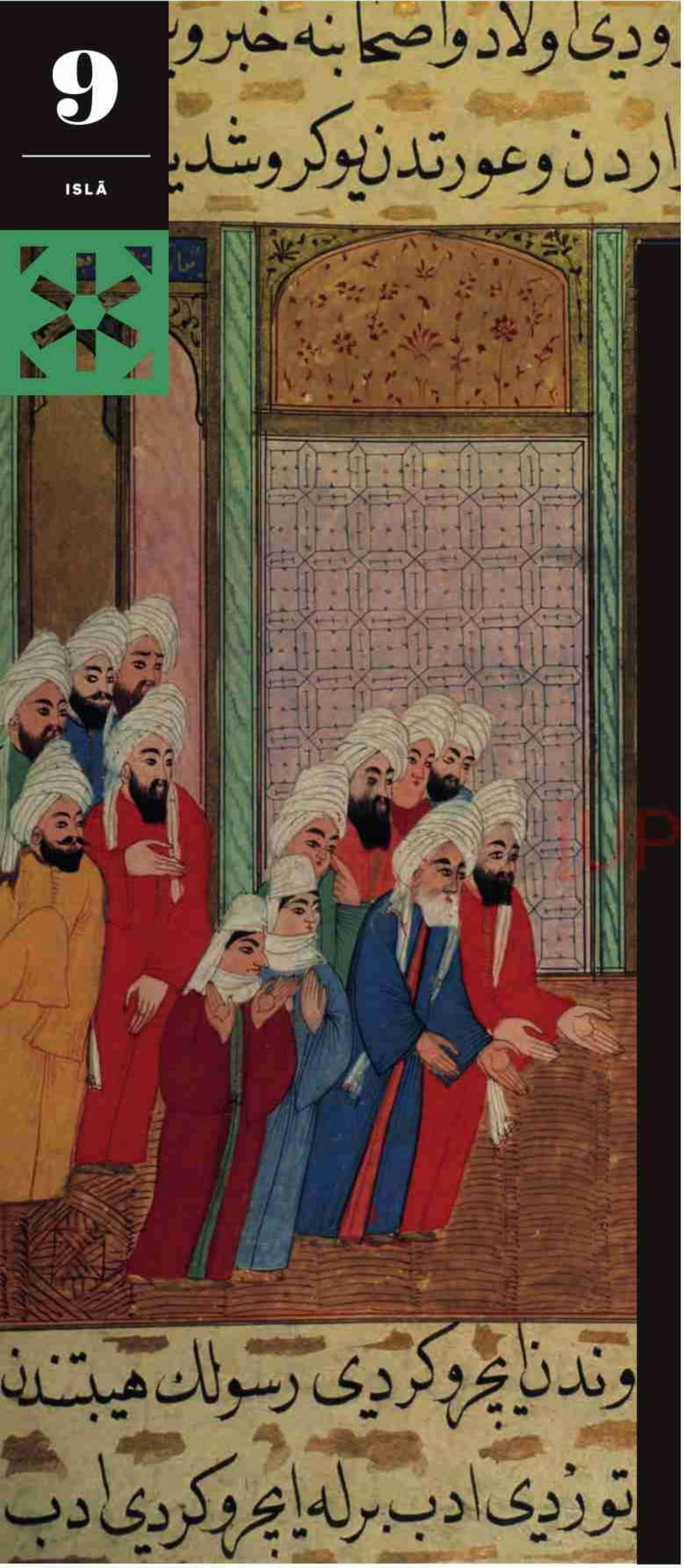
Tudo isso aconteceu entre os séculos 8 e 13, o período em que o Islã alcançou sua Era de Ouro.

Centros culturais

Ao longo desses 500 anos, os muçulmanos resgataram clássicos das ciências e das artes das antigas culturas grega, romana, persa, chinesa, egípcia, indiana e fenícia. E não o fizeram nas horas vagas: criaram grandes centros de difusão e preservação, no qual trabalhavam, em tempo integral, especialistas muito bem remunerados – e não necessariamente adeptos do Islã, mas também cristãos e judeus.

No trabalho de resgate e tradução para o árabe e o persa, tiveram contato com o que havia sido produzido de mais sofisticado naquela vasta área do planeta, ao longo de um milênio. Para isso, se utilizaram de uma invenção que haviam conhecido no contato com os chineses, o papel em folhas, que formava livros como conhecemos hoje, e não rolos de pergaminhos, feitos de peles de cordeiro. Era um material mais grosso, que absorvia melhor a tinta, e, portanto, preservava o conteúdo por muito mais tempo.

O maior desses centros culturais e científicos estava em Bagdá. A Casa da Sabedoria, como era chamado o local, foi fundada no ano 825 e reunia centenas de pesquisadores de diferentes áreas. Também havia outros locais espalhados pelos territórios dominados pelos muçulmanos. Era uma área vasta, conquistada muito rapidamente a partir do século 7, quando o Profeta começou a reunir fiéis em tor-



Contemplação do bebê Maomé (571-632), que não aparece na imagem. Museu do Palácio Topkapi, Turquia.

no dos ensinamentos que formariam o Corão.

A crença de que todo muçulmano deveria propagar a fé em Alá levou os seguidores de Maomé a realizar um vasto movimento de expansão territorial. Começando ainda nos últimos anos de vida do fundador da religião, entre 622 e 632, passaram pelas ações do Califado Rashidun (ou Ortodoxo), até 661, e as conquistas protagonizadas pelo Califado Omíada, até o ano de 750. Partindo do convencimento das elites de Meca, uma cidade politeísta de onde partiram Maomé e seus primeiros seguidores, a Ummah, a comunidade islâmica, se expandiria rapidamente, pela via militar e missionária. Cem anos após a morte de seu fundador, o Islã já havia dominado os atuais Síria, Armênia e Egito, além do restante do norte da África. A conquista da Península Ibérica havia tido início em 711 e em 827 a Sicília pertencia aos muçulmanos. Naquele momento, o califado islâmico formava a segunda mais vasta civilização do planeta, atrás apenas da chinesa, com a qual mantinha intercâmbio.

"Se para os muçulmanos o mundo cristão era o Império Romano do Oriente, a cristandade não bizantina conheceu os muçulmanos principalmente por meio da invasão da Península Ibérica", explica o mestre em história social André Leme Lopes no artigo *O Conflito entre o Islã e o Ocidente: da Ascensão dos Árabes ao Ocaso Otomano*. "A dinastia carolíngia, principalmente, se valeu de seu papel crucial na vitória na Batalha de Poitiers para, com o apoio do papa, ascender como o principal poder político da Europa ocidental." Nessa batalha, em 732, o líder franco Carlos Martel derrotou conquistadores islâmicos e limitou seu avanço à Península Ibérica. Os carolíngios, que ganharam esse nome por causa dele, fortaleceram sua posição política no continente.

Escravos brancos

A expansão militar era acompanhada por uma ampla curiosidade cultural e pelo respeito às outras duas religiões monoteístas, o cristianismo e o judaísmo. Em dezenas de cidades ao longo dos territórios conquistados, cristãos e muçulmanos estudaram e trabalharam lado a lado. O comércio também se desenvolveu a partir das rotas formadas no Oriente Médio, antes mesmo do nascimento de Maomé.

Camelos atravessavam estradas de areia, tendo Bagdá como a grande capital comercial. Na medida em que controlaram toda a faixa de terra que alcança o norte da África, e na sequência passaram a se dirigir na direção da Índia, os árabes expandiram sua estrutura de rotas. Ocuparam então uma ampla avenida que conecta a China ao Mediterrâneo e passaram a controlar os

caminhos por onde circulavam especiarias e tecidos – além de escravos.

As rotas muçulmanas eram utilizadas para transportar mão de obra capturada em diferentes pontos do território controlado pelo Islã. Era uma prática comum entre os árabes antes da ascensão da religião, mas o aumento do alcance territorial criou novos mercados. Brancos apreendidos no norte da África e na Península Ibérica eram bastante valorizados no Oriente Médio. Castrados, os homens serviam aos haréns dos maiores sultões muçulmanos. Um único califa, no século 10, podia manter mais de 10 mil eunucos, muitos deles nascidos onde hoje ficam Portugal e Espanha. Outros vinham da costa da Guiné, a mesma a partir de onde, séculos depois, os europeus comprariam negros para levar às Américas.

Chamada pelos árabes de Andaluzia, a Península Ibérica não se tornou apenas fonte de escravos. O enclave muçulmano dentro da Europa levou ao desenvolvimento de Córdoba, que por volta do século 10 havia se tornado o maior centro cultural e científico do velho continente. Por volta dessa época, a biblioteca real abrigava mais de 500 mil volumes e mais de 10 mil pessoas trabalhavam na construção do palácio do califa Al-Hakam 2º, que governou de 961 a 976.

Ali trabalhavam pesquisadores que desenvolveram tratados fundamentais de trigonometria, farmacologia, astronomia, agronomia e medicina. Entre os tradutores e pensadores conviviam cristãos e muçulmanos. Foi nessa época também que surgiram grandes feitos da arquitetura islâmica, como a Grande Mesquita de Damasco, a Mesquita de Ibn Tulan, na cidade do Cairo, e a Mesquita Azul de Córdoba. Famílias ricas europeias enviavam seus filhos para estudar em Córdoba.

Sócrates discutindo filosofia, em ilustração de um manuscrito turco do século 13.

Decadência

Mas por que os seguidores do Islã investiram tão pesado em educação, artes e ciência? "Poucas religiões da história da humanidade dependem tanto da ciência para realizar seus rituais", respondeu o historiador David King no livro *Astronomy in the Servi-*

Imagens: Getty Images

ce of Islam. Todo o esforço empreendido tinha por objetivo alcançar o melhor conhecimento do mundo, tal qual fora criado, segundo a fé, por Alá.

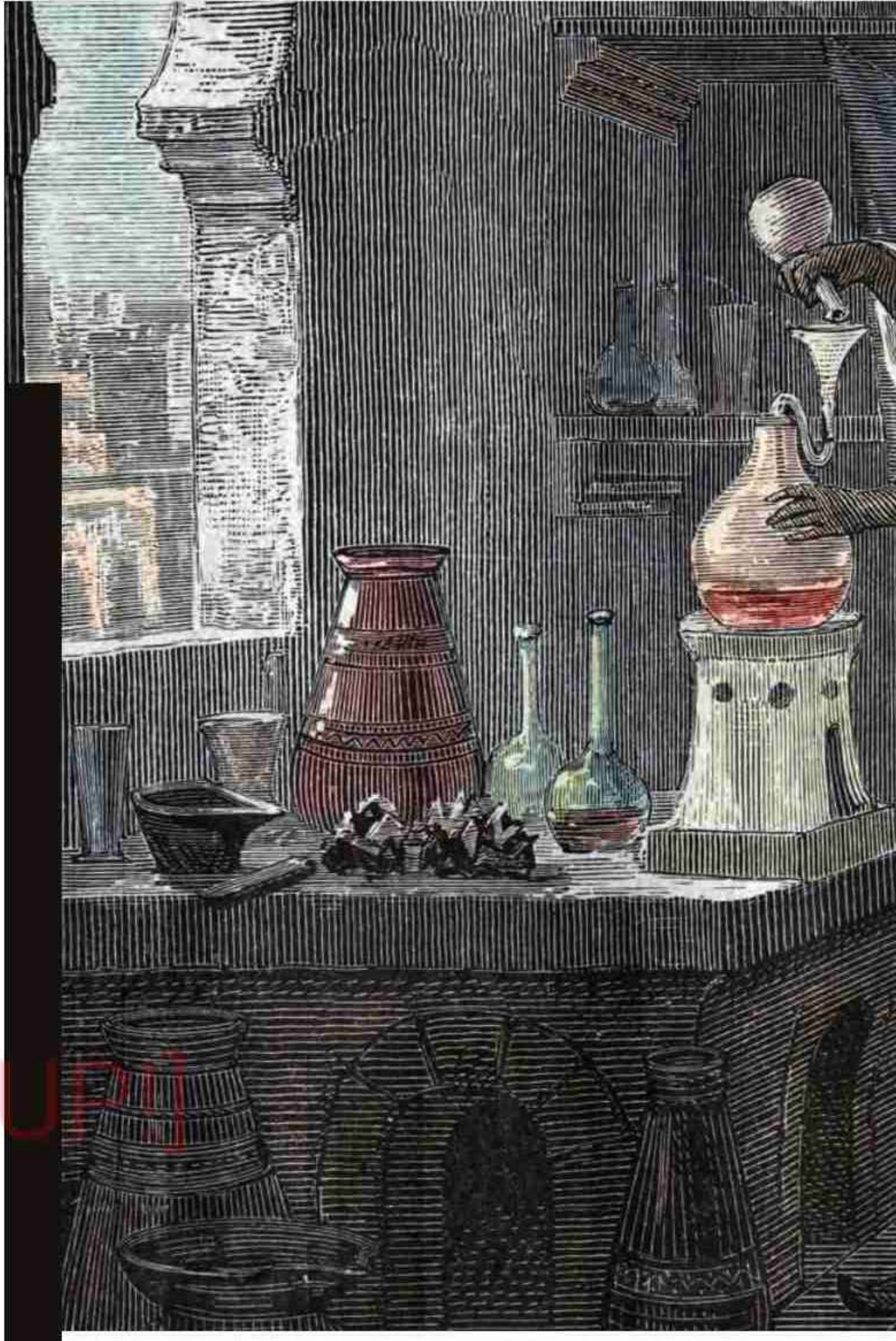
Em muitos dos casos, a ciência tinha aplicações bastante práticas para os fiéis – para rezar na direção de Meca a partir de qualquer ponto do globo, como manda a tradição, é preciso conhecer geografia e astronomia. No entanto, mesmo em campos aparentemente mais neutros, havia justificativas religiosas para investir em pesquisas. "Qualquer um que estude anatomia vai ver aumentar sua fé na onipotência de Alá todo-poderoso", declarou o filósofo Averróis.

Os meninos eram educados desde muito novos, dentro de madrassas (que só quer dizer "escola" em árabe) e com tutores particulares que atendiam em casa, começando pela alfabetização e pelo estudo do Corão. Depois podiam prosseguir cursando teologia, matemática, medicina ou direito. Uma das primeiras universidades do mundo, considerada a mais antiga ainda em funcionamento, é a de Al-Karaouine. Foi construída em 859, em Fez, no atual Marrocos.

Mas a Europa tomou a dianteira a partir do século 16. O Renascimento, aliás, foi diretamente influenciado pelos muçulmanos. "O encontro intelectual entre a Arábia e a Grécia Antiga foi um dos eventos mais importantes da história. Sua escala e suas consequências são enormes, não apenas para o Islã, mas para a Europa como um todo", declarou ao jornal *New York Times* o professor aposentado de Harvard Abdelhamid Sabra, especialista na história das ciências desenvolvidas pelos árabes.

Quando do início da Revolução Industrial, no século 18, o velho continente já se via em estágio muito mais adiantado, em termos tecnológicos e científicos, do que os territórios muçulmanos, que não estavam nem perto de desenvolver nada parecido com navios movidos a vapor ou máquinas capazes de produzir em série. Por quê? "Ninguém jamais respondeu a essa pergunta satisfatoriamente", afirmou Abdelhamid Sabra ao jornal americano.

É possível que a religião tenha estabelecido limites para a ciência – por exemplo, os pensadores árabes em geral se apegaram excessivamente a noções de astronomia que seriam posteriormente refutadas, como a ideia de que os corpos celestes permaneciam imóveis no espaço. Mas a redução do alcance militar também exerceu um papel importante.



Europeus à frente

Até que os cristãos assumissem para si a missão de tentar controlar Jerusalém pela via militar, os europeus eram autorizados pelos islâmicos a visitar os locais considerados sagrados pelo Vaticano. Mas, achacados constantemente na Terra Santa pelas Cruzadas, iniciadas no final do século 10 e que romperam o relativo equilíbrio com a civilização cristã, os muçulmanos ainda foram definitivamente expulsos da Península Ibérica em 1492. (Ainda assim, mesmo durante o período de confrontos constantes entre os dois lados monoteístas, havia casos de bom convívio, como o episódio ocorrido em 1219, durante a Quinta Cruzada,

Imagem: Getty Images

O persa Muhammad ibn Zakariya al-Razi (854-925), precursor do método científico, em seu laboratório.

quando São Francisco de Assis entrou em campo de batalha, se deixou capturar pelos muçulmanos e foi levado diante do sultão do Egito, al-Malik al-Kamel. Francisco retornou à Europa convicto de que cristãos e islâmicos podiam restabelecer um relacionamento construtivo.)

Enquanto, no século 15, os europeus começavam a navegar por todo o planeta utilizando os conhecimentos desenvolvidos a partir de noções de geometria e astronomia fornecidas pelos árabes, o Islã passava por uma acomodação resultante da perda de territórios e de ataques militares sucessivos.

Já não existia a Casa da Sabedoria. Ela havia sido arrasada em 1258, resultado do cerco a Bagdá promovido por forças mongóis lideradas por Hulagu, neto de Gengis Khan, que saqueou e incendiou a cidade. Enfraquecida, essa civilização não contava mais com mecenas capazes de investir fortunas em centros acadêmicos.

As invasões mongóis, aliás, foram decisivas para a perda de territórios estratégicos, principalmente em áreas próximas das origens da religião muçulmana. A descentralização política e a perda de territórios deixaram um legado imenso e ainda não totalmente conhecido: existem em bibliotecas do norte da África e do Oriente Médio, milhares de manuscritos e artigos esperando ser relidos.

Depois da Idade Média, as relações se centraram no Império Otomano, uma superpotência que foi perdendo força. Seus vizinhos, como húngaros e austríacos, viviam em guerra. Os adversários deles, como a França, em 1536, e a Holanda, em 1570, chegaram a se aliar. Foi o colonialismo ocidental, principalmente após a derrota do Império Otomano na Primeira Guerra, que deu origem à inimizade atual.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

CANAL ÚNICO PDF O JORNALEIRO
ACESSE: t.me/jornaiserevistas

A vassoura e o grimório

Para a Igreja, bruxas não existiam. Mas que havia, havia.

TEXTO *Tiago Cordeiro*

A PARANOIA QUE SE INSTALOU na Europa e suas colônias levou milhares de inocentes à fogueira ao longo de séculos. Preparar uma garrafada medicinal, saber nadar, ter marcas de nascença na pele ou manter gatos em casa podia se tornar justificativa para cair nas garras da Inquisição católica ou das caçadas protestantes.

Mas isso não foi na Idade Média. Foi depois. O auge da caça às bruxas e bruxos se deu no século 17. Pela maioria da Idade Média, bruxos e bruxas eram figuras queridas da população. Alguns, inclusive, prestaram serviços à Igreja.

O que não faltava era feiticeiro. Num cenário em que as lideranças religiosas (que orientavam as seculares) pregavam que o bem e o mal circulavam livremente, disputando os corpos e as almas dos humanos, não é de surpreender que muita gente tenha demonstrado interesse em contactar anjos e demônios ou manipular as forças da natureza. A imensa maioria passou longe da fogueira. Pelo contrário, chegaram a atuar como consultores de reis e nobres, até papas. Não se via contradição entre ser cristão e feiticeiro. No entendimento até o século 14, o feiticeiro só manipulava elementos tidos por reais, como um alquimista mexe com plantas e minerais.

Essa figura, que combinava astrologia, alquimia, ciências naturais, medicina e misticismo, era comum por todo o continente. Michael Scott era um deles. Foi ao mesmo tempo um dos matemáticos mais importantes

Imagem: Getty Images

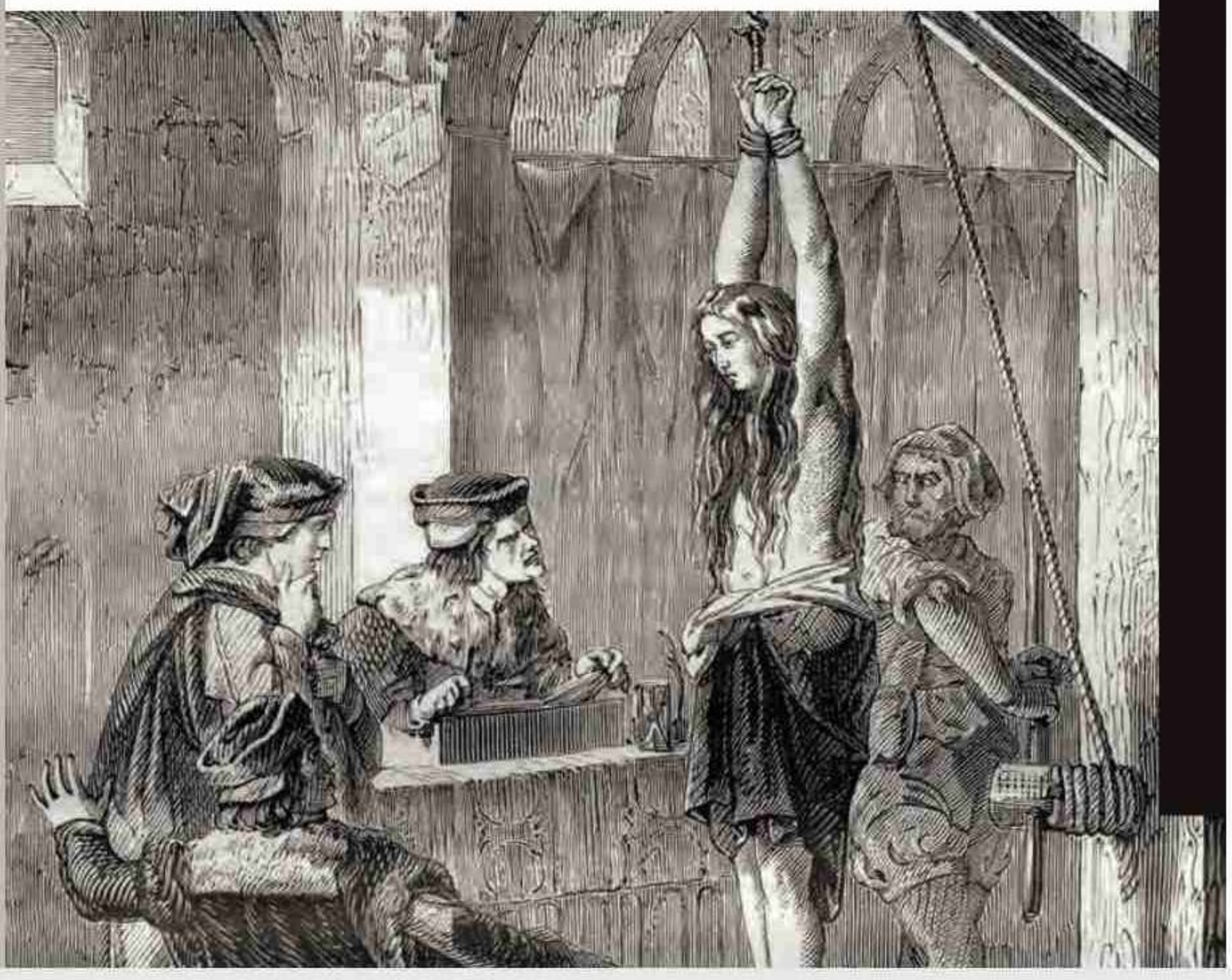
da virada do século 12 para o 13 e o astrólogo oficial de Frederico 2º, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, que governava a partir da Sicília.

Nascido em algum lugar da divisa entre as atuais Escócia e Inglaterra, ele dominava os idiomas latim, grego, árabe e hebraico. Traduziu estudos de matemática árabes ao mesmo tempo em que escreveu livros como *De Chiromantia*, um tratado que ensina fazer a leitura das mãos. Depois de sua morte, em 1232, as lendas sobre Scott se multiplicaram. Durante uma epidemia em Glenluce, na Escócia, ele teria dominado a doença e a prendido em um cofre. Também teria rompido as colinas de Eildon, que hoje formam um conjunto de três morros.

Nunca foi perseguido pela Igreja. E isso apesar de seu principal patrono, o rei Frederico 2º, ter cometido a façanha de ser excomungado duas vezes. Scott chegou a prestar consultoria para o papa Gregório 9º, que em duas ocasiões lhe ofereceu, sem sucesso, o cargo de arcebispo (ele havia sido ordenado padre na juventude).

Inimigos públicos número 1

As autoridades eclesiásticas estavam muito mais preocupadas com doutrina, com interpretações cristãs concorrentes. Feitiçaria, que nada dizia sobre teologia nem defendia a existência de deuses, não era uma delas. O foco estava nas heresias. Havia muitos grupos tidos como heréticos, que defendiam teses que batiam de frente com os dogmas estabelecidos ao longo de árduos debates entre os séculos 1 e 4. Os mais famosos foram os cátaros.



Tortura de acusada de bruxaria, gravura de 1870.

Em seu auge, durante o século 13, os cátaros representaram muito mais do que um grupo que apenas desafiava dogmas religiosos. Instalados no Languedoc, no sul da França, uma região especialmente próspera para os padrões medievais, eles ameaçaram criar uma nova tradição cristã a partir de um território que vinha se tornando independente das orientações vindas dos papas. Para eles, não havia Santíssima Trindade nem eram válidos os sacramentos, incluindo o batismo e a eucaristia, que eles substituíram por uma modesta partilha de pão entre os membros da comunidade. Mas, mais importante: os cátaros não reconheciam a autoridade de religiosos enviados pelo Vaticano.

A retaliação seguiu o padrão adotado ao longo de toda a Idade Média: a Igreja julgava, mas, oficialmente, não matava. Os inquisidores entregavam os condenados ao poder secular local, que sujava as mãos de sangue. "Ao longo de 201 dias entre primeiro de maio de 1245 e primeiro de agosto de 1246, mais de cinco mil moradores do Languedoc foram questionados em Toulouse a respeito da heresia", relata Mark Gregory Pegg em *The Corruption of Angels: The Great Inquisition of 1245-1246* ("A Corrupção dos Anjos: A Grande Inquisição de 1245-1246").

"Nobres e adivinhos, açougueiros e monges, concubinas e médicos, ferreiros e meninas grávidas – em resumo, todos os homens de mais de 14 anos e mulheres acima de 12 – foram levados diante dos inquisidores dominicanos Bernart de Caux e Jean de Saint-Pierre." Nem todos foram queimados: alguns acabaram afogados em barris. Ao longo de décadas de ações para eliminar os cátaros, a Igreja formou verdadeiras cruzadas, que cercavam as vilas onde os fiéis à mensagem cátara se escondiam.

Na Alemanha, um grupo derivado dos cátaros deu origem a uma seita realmente satanista. Eles se apoiavam num dogma desenvolvido pelos rebeldes franceses, para quem o mundo era formado por dois reinos, um deles invisível e dominado pelo bem e o outro material e controlado pelo Diabo – o que significa que a vida na terra era essencialmente má. Daí a transformar Satã no verdadeiro dono da existência, que deveria ser adorado e

agradado, foi um passo. Os Luciferianos, como se chamavam, foram massacrados.

O grande choque, que acabaria por mudar as percepções sobre feiticeiros, seria o julgamento dos Cavaleiros Templários. A ordem, fundada após a Primeira Cruzada para defender o Templo de Jerusalém, expulsa de lá por Saladino em 1187, havia se tornado uma megacorporação continental, atuando como banco. E isso levou à sua queda: o rei francês Filipe 4º devia muito dinheiro a eles. Em 1307, ordenou a prisão de todos os templários, e pressionou o papa, Clemente 5º, a destruí-los. Isso foi feito com uma encíclica, em 22 de novembro de 1307, ordenando a todos os reis prenderem e tomarem as posses dos templários. O julgamento que se seguiu seria um escândalo continental: os templários confessariam, sob tortura, terem rituais homossexuais e seguirem a um demônio em forma de bode chamado Bafomet. Foram queimados. Em 1309, algo talvez ainda pior: o papa Clemente, por pressão do rei, fez um julgamento póstumo de seu antecessor e inimigo figadal do monarca, Bonifácio 8º. Conclusão: a Igreja já fora governada por um sodomita que fizera pacto com o Diabo.

O pânico satanista estava lançado. Mas não impediu, ao menos inicialmente, feiticeiros de continuar a andar por uma fronteira perigosa. Circulavam entre eles textos satânicos atribuídos a ninguém menos que outro papa: Honório. Ao menos é o que indicam duas obras atribuídas a esse nome, o *Livro das Sombras de Honório* e o *Grimório do Papa Honório*. Existiram quatro papas Honórios, que governaram o Vaticano em diferentes momentos nos séculos 7, 12 e 13, e é difícil especificar qual deles teria sido o autor – provavelmente nenhum e foi só uma forma de dar autoridade ao texto. Mas o fato é que ambas as obras são manuais de magia, que ensinam a conjurar e aprisionar demônios, para que eles façam as vontades da pessoa que os capturou. Também explicam as características de diferentes seguidores de Lúcifer e descrevem rituais de sacrifício animal capazes de acordar os mortos.

New Age medieval

A heresia continuava. No século 12 e na Itália, Joaquim de Fiore havia traçado previsões apocalípticas. Para ele, a história se dividia em três períodos: a Era do Pai, que cobriria todo o período do Antigo Testamento bíblico, seguida pela Era do Filho, caracterizada por tudo o que havia acontecido desde o nascimento de Jesus. Estava para começar então a Era do Espírito Santo, um período de grande paz e tranquilidade.

Fiore se tornou tão popular que, quando atravessava a Europa a caminho da Terceira Cruzada, em 1189, o rei Ricardo Coração de Leão se consultou com ele, em busca de previsões e profecias. Nunca foi condenado, ainda que suas ideias fossem contestadas, em vida e depois de sua morte, por teólogos do porte de Tomás de Aquino.

Caça às bruxas na Holanda protestante, em 1607.

Mas Fiore deixou seguidores, que fundaram diferentes movimentos, como os amalcirianos, os dulcinianos e os Irmãos do Livre Espírito (esses últimos defendiam que a Era do Espírito Santo seria marcada por um período de busca da ascese mística por meio do sexo). Todos esses grupos foram condenados como heréticos pela Igreja Católica e seus líderes, excomungados, presos ou executados – o pregador andarilho Nicolau de Basel, por exemplo, acabou na fogueira, em 1395.

Quanto às bruxas... até o fim da Idade Média, não existiam. Ou pelo menos essa era a posição oficial da Igreja, independente do que o povo pensasse. Bruxas seriam crendices populares. Desde o século 5 os principais pensadores cristãos já afirmavam que acreditar em bruxa era um tipo de heresia. Isto é, quem insistisse demais em bruxas é que podia acabar complicado. Bruxaria era um problema para os teólogos porque seria atribuir a um ser humano poderes que pertenciam apenas a Deus. Daí os feiticeiros aceitos só "manipularem" forças, e jamais fazerem algo que partisse deles próprios, de seu próprio "poder".

O que importava eram as consequências da magia, não a magia em si. Se eventualmente o trabalho desse errado e alguém morresse envenenado no processo, o mago ou bruxa podiam ser julgados por assassinato, e a pessoa que contratou até poderia ter que responder por heresia. Magia negra, supostos feitiços agressivos, também podiam render condenação. Mas a Inquisição não dava muita atenção para vovozinhas folclóricas – elas simplesmente não eram consideradas uma ameaça.

Isso começou a mudar à medida que a Idade Média se aproximava do fim. A queda dos cátaros e dos templários trouxe à tona a ideia de que seria possível fazer pactos com o demônio, e que o poder partiria não do feiticeiro, o que seria heresia, mas dessas forças malignas, que imitavam de forma perversa o poder de Deus. A dificuldade encontrada pelas lideranças civis, especialmente na França, para eliminar a heresia cátara deixou claro que estava surgindo um inimigo poderoso, capaz de desafiar os mais consagrados dogmas cristãos.

E é por isso que, depois de séculos atuando com relativa tranquilidade, até mesmo dentro de mosteiros, de repente as bruxas e feiticeiros se tornaram alvo de uma ampla perseguição. Progressivamente, eles passaram a ser acusados de realizar rituais cada vez mais absurdos, que envolveriam refeições à base de corpos de recém-nascidos e orgias com demônios. Em 1428, no cantão suíço de Valais, foi realizada uma primeira série de julgamentos de bruxaria. Para cada pessoa detida, novos nomes eram arrancados à força. Centenas morreram na fogueira ou sob tortura.

Para cada suposta bruxa que confessava ter o poder de voar, ou de matar o gado e eliminar as plantações, ou de fornicar com o demônio, a paranoia crescia, e os tribunais em busca de atividades de bruxaria se multiplicavam. Foi nesse clima que surgiu o best-seller *Malleus Maleficarum* ("O Martelo das Feiticeiras"), escrito em 1486 pelo dominicano Heinrich Kramer. Apesar de renegado pelos católicos, os protestantes adotaram o livro e tiveram sua febre de caça às bruxas entre os séculos 16 e 17.

Maçons simulam templários adorando Bafomet, gravura de 1887.

Imagens: Getty Images, divulgação

Cavaleiros: ascensão e queda

Eles começaram como força dominante, mas terminariam destronados por meros plebeus.

TEXTO *Fábio Marton*

SE A GENTE FALA de guerra na Idade Média, está falando de cavaleiros, certo? Bem, isso é o que os cavaleiros queriam que os outros pensassem. A realidade é bem mais complicada. A Idade Média é a história da ascensão da cavalaria, mas também sua queda, e antes do que as pessoas imaginam. Também antes das armaduras mais espetaculares entrarem em uso.

Cavaleiros têm seus ancestrais espirituais na classe dos *equites* romanos e nos *hetairoi* de Alexandre, o Grande, ambas forças de elite formadas por nobres proprietários. No fim do Império Romano, porém, a cavalaria havia sido profissionalizada e era recrutada entre povos bárbaros, gente com um status ainda menor que o dos plebeus. Assim, a cavalaria medieval é uma classe nova. Ela surge no reino de Carlos Magno (768-814), quando oficiais passaram a receber terras como recompensa por seus serviços: as beneficências. No reino de Carlos, o Calvo (840-877), essas terras se tornaram hereditárias. Com isso, cavaleiros passaram a ser nobres, classe proprietária.

Quatro patas, bom, duas patas, ruim

Militarmente, cavaleiros eram uma forma de cavalaria pesada, também chamada de choque. Isso tinha precedentes nos já citados *hetairoi* de Alexandre e também nos catafratas da Pérsia, cavalaria coberta de cima a baixo por armadura pesada, inclusive o cavalo. A cavalaria leve, como os ginetes espanhóis e portugueses, que disparavam dardos ou atacavam com espadas, tinha a função de pressionar, causar desordem nas linhas inimigas e perseguir o inimigo batendo em retirada. Já a cavalaria de choque funciona pelo... choque violento entre lanças e o próprio corpo dos cavalos contra os inimigos. Numa carga de cavalaria, um animal e cavaleiro, somando 500 kg, a 50 km/h, produziriam um impacto de por volta de 5 toneladas na ponta da lança. A vítima não era só empalada brutal e grotescamente, como também quem estava atrás, com os adversários atirados uns sobre os outros. Um caos, algo tão aterrorizante que quase sempre causava pânico na tropa atingida.

A infantaria era formada por civis: servos ou plebeus urbanos. A parte mais letal da infantaria era a com alcance: os arqueiros. Quem era armado para o corpo a corpo estava lá principalmente para protegê-los. No combate da era da cavalaria, muitas vezes as forças de infantaria sequer se encontravam em campo.

Na Península Ibérica, dominavam os arcos recurvos, à oriental, importação dos islâmicos; na Grã-Bretanha, os arcos longos, invenção pré-histórica, mas extremamente eficiente, de um alcance e impacto inigualáveis. Na Guerra dos Cem Anos

Imagem: Getty Images

A morte do cavaleiro normando Simão de Monforte na Batalha de Evesham, 1265. Note a armadura de cota, sem placas.

(1337-1453), os arqueiros ingleses ganhavam o dobro de um soldado regular (mas apenas 1/6 de um cavaleiro). Famosamente, eles impuseram uma humilhação aos cavaleiros franceses na Batalha de Agincourt (1415). Os cavaleiros tentaram atacar os arqueiros por um atoleiro e, se movendo muito devagar, foram massacrados pela chuva de flechas e finalizados a marretadas.

A partir da Itália, depois chegando ao resto da Europa, os besteiros (que disparavam bestas, *veja mais na pág. 46)* acabariam por substituir os arqueiros. Continuariam em uso mesmo já com as armas de fogo. A guarda pessoal de Pedro Álvares Cabral contava com sete besteiros.

Quanto aos cavaleiros, eles faziam juramentos na cerimônia de ordenação: de proteger os fracos, respeitar as mulheres, não cometer crueldades etc. Mas estamos falando de militares, com tudo o que isso implica, num tempo em que pilhagem era a regra. No Cerco de Maarate Anumane (1098), cristãos devoraram seus inimigos islâmicos. Na infame Quarta Cruzada, entre 8 e 13 de abril de 1204, quando a Constantinopla cristã foi tomada por cruzados, os civis foram massacrados, igrejas, saqueadas e até freiras terminaram estupradas. Isso não era visto como normal ou aceitável. Mas acontecia. O papa Inocêncio 3º, que já havia excomungado os cruzados por saquear a cidade de Zara, na mesma Cruzada, aceitou sem alarde o ouro roubado dos bizantinos e o domínio católico sobre o Império.

As diferenças sociais se estendiam para depois da batalha. Era, em geral, considerado no mínimo indese-

Espadas

Eram principalmente armas secundárias, usadas para quando se perde a arma principal, ou a batalha se desfaz em briga caótica. Também a principal arma civil, para defesa pessoal, por nobres e endinheirados.

[UP!]

1
ESPADA DE ARMAS
Para ser usada com uma mão e um escudo. A forma mais antiga, típica das Cruzadas.

2
ESPADA LONGA
Dispensado o escudo, era possível usar de duas mãos para golpes mais potentes.

3
ESTOQUE
Espada de duas mãos sem corte lateral, usada exclusivamente para perfurar.

4
BRACAMARTE
Arma especializada em cortes laterais. Boa para usar a cavalo contra infantaria.

5
ZWEIHANDER
Espada longa extrema, criada por mercenários suíços para atacar lanceiros.

Armas contundentes

A solução para a armadura. O impacto era transferido através do metal, que podia ser penetrado ou entortado, tornando impossível lutar.

MARTELO DE GUERRA
Não uma marreta, como na fantasia, mas um martelo fino, para concentrar a força do golpe.

MACHADO
Ferramenta civil usada na falta de uma espada, ganhou status com a armadura, pois tanto pode cortar quanto transmitir força contundente.

MAÇA
Um peso numa haste. As abas servem para penetrar armaduras pesadas.

MANGUAL
Uma maça numa corrente. Difícil de ser usada, mas tornando escudos inúteis, com a corrente dando a volta por eles.

Imagens: divulgação, Getty Images

Robert the Bruce mata Henrique de Bohun, em Bannockburn, 1314. O machado era útil contra armaduras.

jável executar nobres inimigos. Não só por seu status, como por seu valor como prisioneiros, que rendiam dinheiro de resgate. Mas isso não fazia da guerra algo seguro, mesmo para reis: Ricardo Coração de Leão morreu por um disparo de besta, por um mero plebeu, em 1199. Ricardo 3º da Inglaterra teve seu crânio partido por uma alabarda, um machado de haste, em 1485.

Revolução da infantaria

A resposta à cavalaria viria em ressuscitar uma arma da Antiguidade: a lança longa, que equipava as falanges dos tempos de Alexandre, o Grande. Um pique, ou chuço, é uma lança extracomprida, de 3 a 7 metros de comprimento. Se antigamente serviam para impedir que a infantaria inimiga se aproximasse, sua principal função passou a ser impedir cargas de cavalaria. Voltados na direção dos cavalos, eles ou faziam os animais frear e jogar seus cavaleiros para frente ou empalavam qualquer um tolo o suficiente para insistir.

As tropas com pique surgiram na Suíça, no século 14. Era uma situação política incomum: o país se formou pela aliança entre comunas *(veja mais na página 27)* rurais e urbanas, os cantões. Uma força de infantaria bem treinada, capaz de se defender de cavalaria, era um produto em alta demanda. Os mercenários suíços passaram a ser requisitados por todo o continente e empregados em números crescentes. E isso mudaria tudo.

Com o dinheiro, vieram armaduras e armas melhores. Essa infantaria profissional, superior, podia enfim avançar e vencer a tradicional infantaria precária, deixando os arqueiros vulneráveis e, eventualmente, os cavaleiros sozinhos, sem suporte.

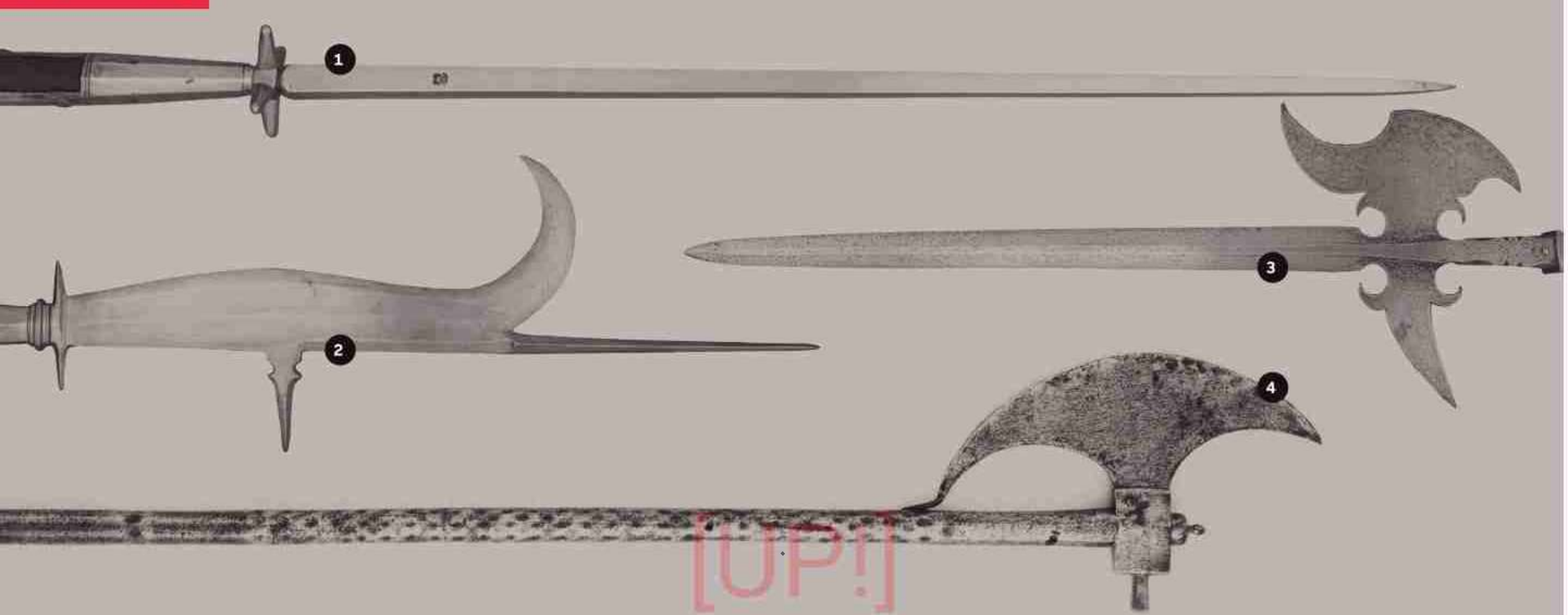
A cavalaria ainda tinha funções, aproveitando as oportunidades que apareciam: uma carga pode acontecer contra uma tropa despreparada ou já em confronto, por trás ou pelos flancos, ou destruindo tropas desprotegidas, como artilharia isolada, e perseguir o inimigo batendo em retirada. Basicamente as mesmas funções que teria até a Primeira Guerra. Mas muitos cavaleiros foram obrigados a desmontar e a atuar como homens-de-armas, infantaria de elite. Outra parte nem ia mais a campo, recorrendo aos mercenários para cumprir suas velhas obrigações feudais.

Por essa época, as armaduras já haviam evoluído muito diante da ameaça primeiro das bestas, depois das armas de fogo, ambas capazes de perfurar cotas de malha, que eram a única armadura no tempo da Primeira Cruzada. A estereotípica armadura de placas, aquela do "homem de lata", é uma criação bem posterior. Seu auge, com os modelos mais avançados e vistosos, seria no século 16.

A evolução da armadura foi concorrente com a de armas antiarmadura. Um

Armas de haste

Usadas pela infantaria principalmente como resposta à cavalaria, mas também contra infantaria adversária.



[UP!]

1 PIQUE
Lança de 3 a 7 m, foi usada até o século 17, depois da pólvora, para proteger atiradores, e em navios, para repelir abordagens.

2 BISARMA
Versátil e complexa arma com uma ponta de lança, uma lâmina, um gancho e um espigão perfurante.

3 ALABARDA
Clássica arma composta surgida entre os mercenários suíços, combinava ponta de lança, um machado e um gancho.

4 BARDICHE
Um grande machado, mais potente contra infantaria, mas também capaz contra cavalaria.

Armas de alcance

Não deixe os videogames te tapearem: na Idade Média, uma flechada costumava ser sentença de morte. Se a flecha em si não matasse, a infecção o faria.

ARCO LONGO
Especialidade dos britânicos, exigia uma força de até 80 kg para puxar a corda - e um braço capaz disso, o que levava anos de treinamento.

DARDO
Uma lança de atirar, bem mais leve que a de infantaria. Trazida pelos árabes à Península Ibérica e usada a cavalo.

BESTA
Disparando por um gatilho, não exigia segurar a corda com a força do braço, podendo ser usada sem treinamento especializado.

CANHÃO DE MÃO
Arma de fogo do século 14. Sem coronha ou gatilho, exigia uma mecha acesa direto na câmara, como um canhão.

ARCABUZ
Incorporando um gatilho, como o da besta, podia ser usado sem precisar do apoio de uma forquilha, como o canhão de mão precisava.

Imagens: divulgação, Getty Images

Arqueiros ingleses usando arcos longos em 1483.

modesto pique pode impedir o cavalo de realizar uma carga, mas não pode fazer muito contra o cavaleiro em si, e menos ainda se estiver a pé. Assim, surgem formas avançadas e variadas de armas de haste. Alabardas combinam a ponta de uma lança com um machado e um gancho para puxar alguém de cima de um cavalo. Achas de armas, uma variação, usam de um martelo em um lado do machado: para atingir alvos com golpes contundentes, contra os quais o metal pouco ajudava. Também contra armadura serviam a maça, o mangual, o martelo e o machado.

Ao longo da Idade Média, as espadas cresceram em tamanho por conta das armaduras. Elas permitiram ao guerreiro dispensar o escudo e segurar a espada com as duas mãos, multiplicando sua força. No fim do período, alguns modelos de espada dispensaram totalmente o corte para se focar na perfuração. Perfurar é o jeito de atingir alguém nos pontos frágeis da armadura: as articulações, protegidas apenas por cota de malha, e a viseira. Outra opção era usar o pomo, a bolinha no cabo, como arma contundente, batendo com ele na cabeça do adversário. Mesmo assim, a espada não é uma arma ideal contra armadura, e lutas de espada entre guerreiros com armadura muitas vezes se transformavam em disputas de agarrões e chutes, para derrubar o outro.

Eventualmente, as armas de fogo venceram. Não havia como uma armadura dar 100% de proteção contra um tiro à queima-roupa. Mas ela salvava seu usuário de tiros mais distantes e em ângulos menos que ideais. É notável na evolução das armaduras a preocupação com balas: as couraças desenvolvem uma forma inclinada, com uma indentação no centro. É o mesmo princípio pelo qual um tanque tem superfícies inclinadas: para desviar as balas.

Pela segunda metade do século 16, era impossível criar uma armadura à prova de balas para o corpo todo em peso viável. Aí sobreviveram só as couraças, tentando salvar ao menos o torso. Ao mesmo tempo, a infantaria dominaria cada vez mais, usando armas de fogo, mas ainda, até a invenção da baioneta, no século 17, de armas corpo a corpo, para proteger os atiradores.

Quanto aos cavaleiros, a palavra permaneceria como um título de honra militar – Pedro Álvares Cabral era cavaleiro –, mas sem ligação com uma forma de combate. Em 1600, quando *Dom Quixote de La Mancha* foi lançado, ainda havia cavaleiros, bem como algo de ridículo em ver neles algo tão idealizado. O grande clássico serve de epitáfio para a cavalaria e o combate medieval.

11

COMBATE

Cerco medieval

A tomada da fortaleza.

TEXTO *Fábio Marton*

CASTELOS E CIDADES muradas eram fortificações formidáveis, que davam toda a vantagem ao defensor. Por isso, era incomum um ataque direto. Era mais conveniente e seguro simplesmente esperar o inimigo desistir por fome. Mas os estoques podiam durar anos, e o atacante também tinha altos custos em manter suas tropas. E o inimigo poderia receber reforços. Às vezes, o ataque tinha que acontecer. Um cerco bem-sucedido acabava sendo tanto um trabalho de construção quanto de destruição. O que aparece nesta ilustração é o cerco ao Castelo de Dover, em 1216, parte da Guerra dos Barões, a guerra civil que levou a Inglaterra a adotar sua Carta Magna *(leia mais na pág. 26)*. O exército francês é quem ataca. Não deu certo: os franceses acabaram derrotados quando os defensores cavaram um túnel e os atacaram de surpresa.

Entenda o cerco

1 ARMAS DE CERCO
Trabucos de tração e onagros, catapultas mais tradicionais, eram usados pelos atacantes e também pelos defensores.

2 PALICADAS
Para se proteger das flechas do inimigo, os atacantes construíam suas defesas.

3 BARBACÃ
Quando os franceses quebraram o portão, mas não conseguiram entrar, os ingleses criaram um barbacã, uma fortificação externa, e colocaram catapultas para atacá-los de perto.

4 TORRE DE CERCO
Instrumento básico do atacante, uma escadaria sobre rodas e protegida, com uma rampa para ser aberta por cima do muro.

5 CADAFALSOS
Durante um cerco, as torres eram modificadas com os cadafalsos, estruturas temporárias criadas sobre elas, que tornavam inúteis ataques com flechas pelos assediadores, e permitiam atirar direto para baixo.

6 DEFESA
Castelos tinham mais de uma linha de defesa. Cruzar o primeiro muro era se expor aos defensores no próximo, até a torre de menagem, o centro do castelo, onde ficava o comando.

Imagem: Getty Images

Choque e terror: o exército do futuro

Mongóis fizeram na Idade Média o que os outros fariam séculos depois.

TEXTO *Fábio Marton*

DE UM LADO, CAVALEIROS paramentados e protegidos com cota de malha e elmos fechados de aço, escudos longos, lanças pesadas. Do outro, nômades da Mongólia, em cavalos menores e mais lentos, armadura nenhuma ou leve, às vezes de couro, parcialmente de ferro, portando arcos compostos, uma tecnologia já conhecida pelos antigos egípcios.

Os mongóis levaram consigo o que descobriram na China: catapultas, granadas, talvez até canhões primitivos. Mas não parece ter sido decisivo. Não foi a tecnologia que venceu, mas estratégia e conceitos avançados de combate que só voltariam a ser vistos muitos séculos depois. Também nunca estavam em vantagem numérica. A chave da vitória estava em logística, mobilidade, comunicação e entender a psicologia do inimigo.

Ainda que os cavalos mongóis fossem menores e mais lentos que os dos cavaleiros europeus, tinham muito mais resistência. E eram muitos: cada soldado mongol levava consigo de dois a quatro deles. Cada vez que um se cansava, outro entrava no lugar. Os

Imagem: Getty Images

Miniatura persa do século 15 mostrando Gengis Khan com sua corte.

cavalos também conseguiam sobreviver apenas das pastagens, sem precisar de grãos, e os mongóis se alimentavam de leite das éguas, que eram maioria. Ou o sangue ou até a carne dos animais, se não houvesse jeito. Com isso, podiam se mover até 160 km por dia, um feito impensável a outros exércitos. Surpreendiam os inimigos chegando dias, até semanas antes do previsto.

Mongóis mantinham a comunicação entre a vanguarda e a retaguarda com o Örtöö, um serviço de mensagens que consistia em estações espaçadas entre 32 e 64 km pelo caminho, de forma que cavalos e cavaleiro podiam ser trocados, operando dia e noite, atingindo uma velocidade de 300 km por dia.

E, ainda em matéria de inteligência, havia os espiões. Batu Khan enviou espiões (ou subornou locais) para estudar a Europa Central anos antes de sua invasão. Quando finalmente chegou lá, pela Hungria, em 1241, tinha mapas da região e fazia ideia das guarnições de cada local e as relações políticas do local, quem iria ajudar a quem.

Tudo isso servia para manter o maior império que o mundo veria em toda a história. Até sua fragmentação entre os próprios mongóis, a partir de 1259, 53 anos após o início das conquistas de Gengis Khan. E entra aqui a parte da psicologia: os mongóis prezavam e dependiam de sua reputação de invencíveis e implacáveis. A cada cidade que desejavam incorporar, eles davam a opção da rendição, que era muito menos perigosa a eles próprios. Isso dependia de as notícias correrem para que, se um local conquistado pensasse em se revoltar, tivesse certeza de que eles voltariam para se vingar fulminantemente.

A outra parte era a tática: as armaduras pesadas dos cavaleiros diminuíam, ao menos em parte, sua vantagem de velocidade. O que os mongóis faziam era protelar ao máximo possível o combate corpo a corpo. Avançavam e recuavam atirando, faziam todo tipo de armadilhas em flancos, através de floresta. Atraíam os inimigos para emboscadas fingindo estar batendo em retirada – às vezes, por dias. As flechas não eram muito eficientes contra cavaleiros em armadura, mas obrigavam reação, e, no corre-corre, o cavalo europeu, com menos resistência, acabava se cansando, tornando a perseguição ainda mais infrutífera. Com os cavaleiros exaustos e separados da ala principal, finalmente os mongóis acionavam seus lanceiros, que usavam armadura, em combate direto (eram quatro lanceiros para cada seis arqueiros). Aí, era basicamente uma execução, com os europeus oferecendo pouca resistência.

Esses truques todos também dependiam de algo que o inimigo não tinha: comunicação. Mongóis basicamente operavam por "rádio": eles tinham um sistema de bandeiras, cornetas e flechas para transmitir ordens, passadas pelos generais geralmente posicionados em terreno alto, acompanhando tudo. Os cavaleiros europeus, quando se separavam de seus generais, basicamente estavam por si mesmos.

Em outras palavras, a sofisticação tática e estratégica dos mongóis os colocava à frente de seus concorrentes. Operações militares tão bem organizadas só se tornariam comuns de novo na Era Napoleônica.

13

VIKINGS

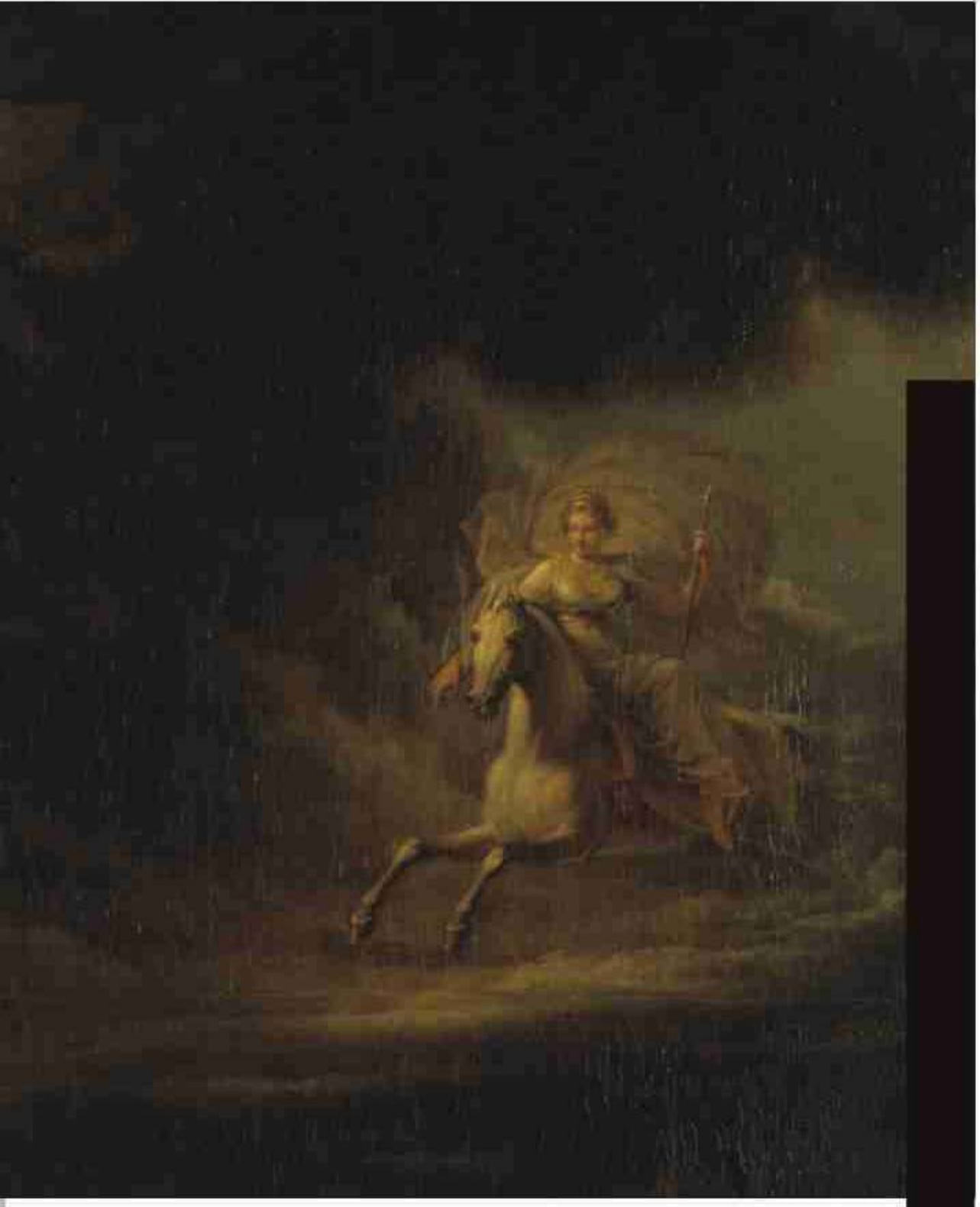
Nórdicos para lá de Bagdá

Eles causaram estrago, mas revolucionaram a história europeia.

TEXTO *Fábio Marton*

EM 16 DE JULHO DE 1999, os arqueólogos Jonas Ström e Kenneth Jonsson gravaram um pequeno quadro para a TV4 da Suécia. Denunciavam o roubo de relíquias arqueológicas numa fazenda na ilha de Gotlândia, ao sul do país, onde 150 moedas e objetos haviam sido achados pelo proprietário. Quando se despediram da equipe, resolveram pegar seus detectores de metais e continuar o trabalho. Vinte minutos depois, acharam mais moedas. Após três horas, o detector simplesmente travou: deu uma mensagem de "sobrecarregado" e se desligou sozinho. Ao longo dos próximos dias, com furor da mídia, tiraram do chão 14.295 moedas. Quatro delas nórdicas, uma bizantina, 23 da Pérsia. Todas as outras moedas eram árabes. E essa é a marca certeira de um tesouro viking. Neste caso, o maior já achado.

Imagem: Getty Images



A cavalgada das Valquírias. O fatalismo da religião nórdica era uma vantagem em combate.

Sem chifres, com lanças: guerra à moda do Norte

Eles não lutavam como os cavaleiros, mas eram mais que um bando de lunáticos furiosos.

Antes de chegarmos lá, vamos ao que é bem estabelecido: os vikings foram responsáveis por imensa violência, é inegável. Seriam dois séculos de pilhagens e conquistas, começando pelo fatídico ataque ao mosteiro de Lindisfarne, na Inglaterra, em 793 – que possivelmente não foi o primeiro, mas alertou os cristãos para o perigo. Um ataque particularmente brutal, no qual os invasores não só roubaram, mataram e fizeram escravos, mas violaram todas as relíquias em que puseram as mãos, pisoteando-as alegremente. Um ataque que, pelas riquezas levadas, também parece ter incentivado os vikings a voltar. E voltariam: no século seguinte, conduziriam um número desconhecido de ataques, não só contra os europeus, mas povos tão distantes quanto os mouros da Península Ibérica e Norte da África, persas no Mar Cáspio, até os nativos da América. A Inglaterra sofreria mais que qualquer lugar, tendo que enfrentar a primeira grande incursão militar viking, o Grande Exército Pagão, que em 865 conquistou a maioria do país. Todo o território cairia sob o comando nórdico em 1013, sob o sueco Canuto 2º, com uma dinastia nórdica mais duradoura estabelecida em outra conquista, pelo normando Guilherme 1º, em 1066.

Mas as pessoas não têm como viver só de ouro e prata, e os nórdicos não eram diferentes. O material que saqueavam não servia só para adornar as mansões dos

VIKING não é o mesmo que nórdico: é uma mistura de pirata, guerreiro e comerciante. Quem ficava em casa era pastor, ferreiro, lavrador. Em combate, os vikings prezavam o ataque, atuando numa formação chamada *svinfylking* ("focinho de porco"), uma cunha para romper a linha inimiga, aproveitando a vantagem de ser maiores e mais motivados que seus adversários. Mas ficavam em desvantagem em combate prolongado, no qual a defesa conta mais. Também não possuíam cavalaria. Suas armas principais não eram, no começo, os famosos machados, mas lanças de 2 a 3 metros de comprimento. O que valia para os outros, valia para eles: lanças permitiam um alcance muito maior, e alcance significa matar o inimigo antes que ele possa matar você. Espadas eram armas secundárias, caras e de grande status, reservadas a líderes. Até os famosos *berserkers*, guerreiros reais, que iam para a batalha em transe furioso, sem armadura, tática ou preocupação com a própria vida, foram retratados com lanças. O humilde machado, que servia para cortar lenha em casa, era a arma secundária mais comum, mas acabaria ganhando importância: é mais potente contra armadura e, por influência dos vikings, cavaleiros cristãos acabariam por adotá-lo. Os próprios vikings usavam armadura de tecido, couro, cota de malha, o que o dono pudesse pagar. Elmos de ferro protegiam o rosto e absolutamente não tinham chifres. Isso é invenção de óperas alemãs do século 19.

O moral do guerreiro nórdico era alto. Sua religião famosamente só dava acesso a Valhala, o paraíso, para quem morria em combate. Também acreditavam em destino, não o livre-arbítrio dos cristãos: se a morte já estava marcada, desviar-se dela era só covardia.

Guerreiras mulheres *(Skjaldmö)* aparecem nas histórias nórdicas. Em 2017, a análise de um famoso "guerreiro", descoberto em 1889, revelou que era uma mulher. Não é claro o quão comuns elas eram em campo.

reis e chefes tribais de volta à Escandinávia, mas eram material para comércio. E o mais útil em casa e mais fácil de negociar desse "extrativismo" eram escravos, apreciados em particular no Império Bizantino e entre os islâmicos. Escravos brancos e negros: a cidade de Dublin, na Irlanda, foi fundada pelos vikings em 795 como um entreposto comercial de escravos.

Após as primeiras incursões, os vikings estabeleceram um método simples para fazer negócios: encalhavam seus navios na praia e avaliavam a situação. Havia chance de confronto militar? Ou só monges e aldeões despreparados? Se fosse o segundo caso, seguia-se a pilhagem. No primeiro, comércio, numa tradição ancestral de toda a humanidade: espalhavam suas mercadorias no chão e esperavam as pessoas trazerem as suas.

Isso era escambo, o que era praticamente a única forma de comércio na Europa Ocidental desde o fim do Império Romano do Ocidente, em 476. O escambo tem uma desvantagem: só funciona se os dois lados concordam com o que vai ser trocado. Um queijo por um cálice só vale se ambos os lados estão interessados nesses itens. Assim, como acabavam com todo tipo de produto em mãos, os vikings reintroduziram o sistema monetário na Europa. E fizeram isso principalmente com dinares islâmicos, obtidos em pilhagens, mas também com comércio – e suas caravanas chegaram até Bagdá, e talvez ainda mais longe, à Pérsia.

Os nórdicos tinham produtos próprios: mel, trigo, estanho, peles, ossos de baleia, chifres de renas, marfim de morsa, âmbar e bacalhau, uma invenção culinária deles. Esses eram trocados pelas já citadas moedas e escravos, mas também vidros finos, seda, vinhos, armas e especiarias.

Essas transações pacíficas evoluíram para diplomacia, e os vikings criaram colônias por onde passaram: não só a já citada Dublin, como Kiev e York estão entre suas colônias. Também atuaram como mercenários para os cristãos bizantinos, na forma da Guarda Varangiana, recrutada a partir de Kiev em 894, e atuando até a Quarta Cruzada (1204),

Os primeiros europeus na América

Não é teoria da conspiração: Colombo definitivamente não chegou primeiro.

ATÉ 1963, QUANDO UM ACAMPAMENTO claramente viking foi encontrado em L'Anse Aux Meadows, na Ilha de Terra Nova, Canadá, todo mundo achava que a *Saga de Eric, o Vermelho* e a *Saga da Groenlândia* eram, ao menos em parte, mitológicas. Elas descrevem a colonização da Groenlândia por Eric, o Vermelho, em 985. Dessa parte ninguém nunca duvidou: os nórdicos continuaram por lá, vivendo principalmente do comércio de peles e marfim de morsa, até perderem contato com a Europa no século 15, às vésperas da viagem de Colombo. A parte que acreditava-se ser mito é a viagem misteriosa feita pelo filho de Eric, Leif Ericsson, à terra que os vikings batizaram de "Vinlândia" (terra das uvas), por volta do ano 1000. Leif teria comandado uma expedição ao oeste e ao sul da Groenlândia na qual acabou entrando em conflito com os nativos e fundou um entreposto. Com outros líderes, mais três viagens ocorreriam nos anos seguintes, levando a mais conflito e, finalmente, um desentendimento entre eles que os fez desistir. O quanto as sagas são precisas, ninguém sabe, mas é inegável que os vikings visitaram o Canadá e se estabeleceram por ao menos 20 anos. Colombo afirmava ter visitado a Islândia, onde essas sagas foram escritas, em 1477. Até hoje se discute se a viagem aconteceu mesmo e, se aconteceu, não foi daí que ele teve a ideia de achar terras a Oeste.

muito depois de sua conversão, como força de elite do Império Bizantino.

Os vikings estavam em todo lugar, mas provavelmente sua força mais decisiva na história seria um contingente que ganhou o direito de colonizar a Normandia, na França: os normandos. Em 911, Rollo, um senhor da guerra viking, líder da invasão na região, foi transformado em Duque da Normandia pelo rei Carlos 3º da França, que o adotou como vassalo. Era uma solução para os ataques dos próprios vikings, que famosamente haviam saqueado Paris em 845, liderados por Ragnar Lodbrok (a série *Vikings* retrata Ragnar e Rollo como irmãos, mas não tinham nenhuma relação e suas ações estão separadas por muitas décadas).

Rollo se converteu, e com ele os normandos. Nascia uma potência que acabaria por conquistar todas as ilhas britânicas (1066), o sul da Itália – começando pela Sicília tomada dos islâmicos (1091) –, fazer guerra de viking contra viking contra o ainda poderoso Império Bizantino (1040-1185), se tornar uma força na Primeira Cruzada (1099), e até estabelecer um país em outro continente: o Reino da África (1135-1160), ocupando territórios na atual Tunísia.

Depois da conquista da Inglaterra, sua história se confunde com a dos ingleses: os reis britânicos da dinastia normanda ainda eram formalmente vassalos dos reis franceses. Mas dominavam metade da França. A situação desembocaria na Guerra dos Cem Anos (1337-1453), na qual reis ingleses clamaram por seus territórios como descendentes dos vikings.

O fim da Era Viking é marcado justamente por uma disputa interna: na Batalha de Hastings, em 1066, o norueguês Harald Hadrada, que havia invadido a Inglaterra à moda antiga, foi derrotado pelo normando Guilherme, o Conquistador.

Ambos eram cristãos. Aos poucos, os nórdicos foram adotando a religião e costumes dos ex-inimigos, por diplomacia e trabalho missionário. Em 975, o rei Harold Dente-Azul, da Dinamarca (que batizou o dispositivo bluetooth criado pela empresa sueca Ericsson), foi o primeiro a declarar seu país cristão. A conversão de chefes isolados levaria séculos.

Vanragianos são convidados a se juntar aos bizantinos, quadro de Viktor Mikhaylovich.

Nas Cruzadas do Norte, entre 1147 (data do primeiro ataque; oficialmente começou por ordem do papa em 1171) e 1293, suecos e dinamarqueses confrontaram pagãos do Mar Báltico: finlandeses, estonianos, lituanos, letões e povos da atual Polônia. Em vários casos, no lugar de tomar o território em nome da cristandade, simplesmente chegaram em seus barcos longos, saquearam tudo e deram meia-volta.

Hábitos antigos são difíceis de eliminar.

Imagens: Getty Images

Grandes invenções da Idade Média

Ideias revolucionárias que abriram o caminho para o futuro.

TEXTO *Fábio Marton*

Moinhos

O combustível do progresso.

MECANIZAÇÃO NÃO É uma palavra que as pessoas costumam associar à Idade Média. E, no entanto, qualquer artesão vivendo em uma cidade medieval provavelmente teria mais familiaridade com engrenagens e polias que alguém vivendo na Roma Antiga.

Com uma economia baseada em servos – um recurso em quantidade limitada, que não podia ser explorado até a exaustão, como os escravos do auge de Roma –, se tornou mais atraente substituir a energia humana. A maior revolução tecnológica da Idade Média parte de uma herança da Antiguidade, os moinhos de água, e uma criação medieval, os moinhos de vento.

Os primeiros eram uma visão universal onde houvesse rios. Os segundos foram inventados na Pérsia, em algum ponto entre os séculos 8 e 10, e importados pelos árabes, via Península Ibérica. Esses moinhos eram diferentes da forma tipicamente europeia: seu eixo ficava na vertical, com as pás deitadas (imagine uma roda d'água virada de lado). O moinho vertical, estilo Dom Quixote, surgiu mais ao Norte, na França, Holanda e Inglaterra, no século 12, e não é claro se tiveram antes contato com o moinho horizontal.

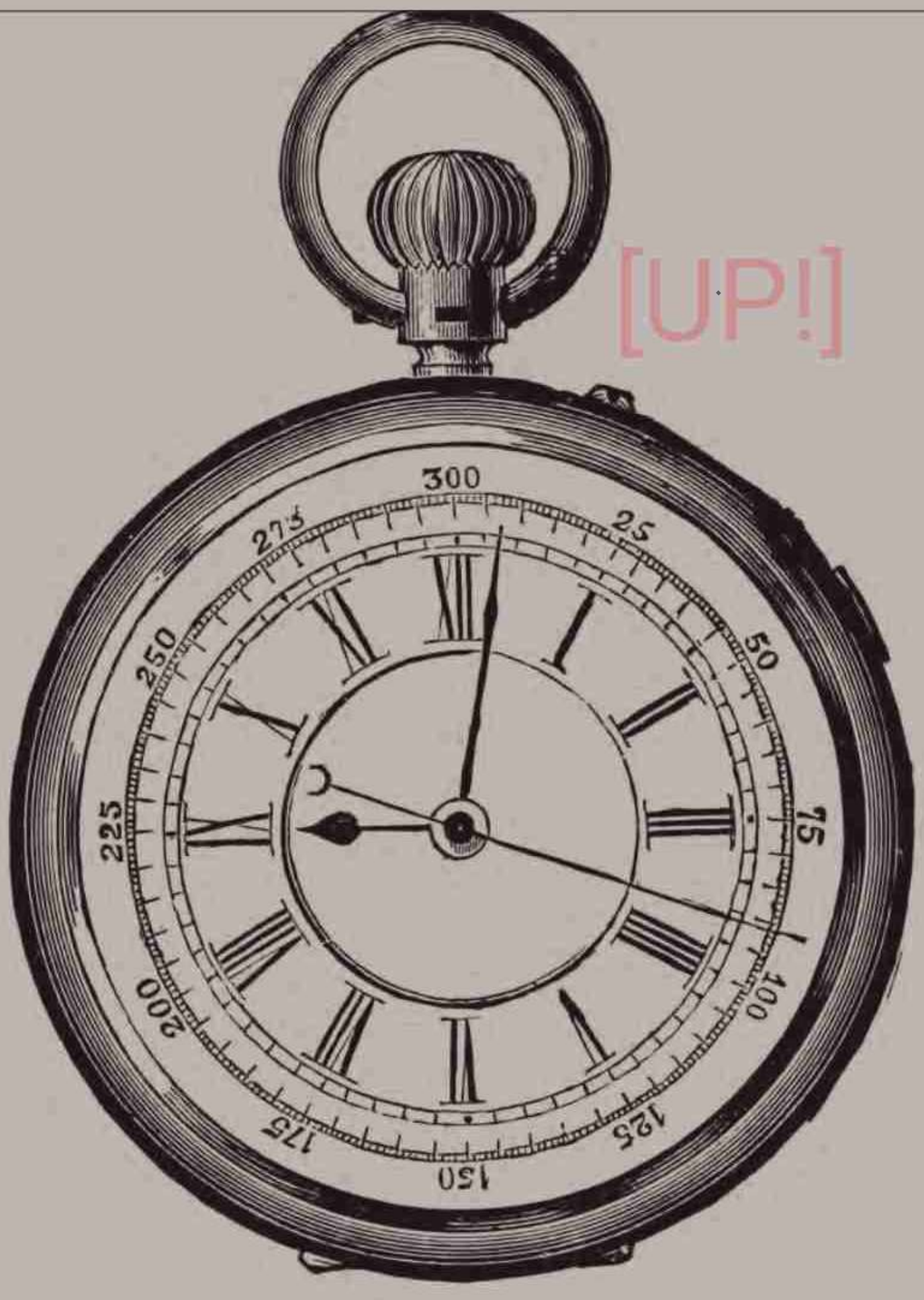
Essas duas máquinas medievais levaram a uma enorme sofisticação mecânica. Não eram usadas só para o que o nome diz, moer grãos, mas também operavam serralherias, elevadores, guindastes, pedras de afiar espadas, máquinas de triturar pólvora, martinetes (grandes martelos automáticos, usados em forjas), bombas de água: a Holanda conseguiria ter 17% de seu território abaixo do nível do mar graças a moinhos de vento. Crucialmente, foi ainda na Idade Média que parte da indústria têxtil se mecanizou: a produção de lã usava de martelos mecânicos para tratar a lã crua e foi pela disponibilidade de energia hidráulica que ela migrou para regiões como Manchester. No século 18, seria a indústria têxtil – e inicialmente com força hidráulica – a dar partida na Revolução Industrial.

Imagens: Getty Images

Autômatos

Robôs medievais.

ELES EXISTEM DESDE a Antiguidade e serviam principalmente para impressionar as visitas. Em 919, o embaixador italiano Liuprando de Cremona descreveu uma visita a Constantinopla na qual a sala do imperador Teófilo incluía leões que abriam a boca para rugir e atingiam o chão com suas caudas, pássaros mecânicos em árvores artificiais que cantavam, e o próprio trono que podia se elevar ou descer automaticamente. O engenheiro islâmico Ismail al-Jazari (1136-1206) descreveu autômatos em seu *Livro do Conhecimento de Dispositivos Mecânicos Engenhosos*. Relógios de igrejas podiam incluir figuras móveis. O cavaleiro Roberto 3°, Conde de Artois, criou uma espécie de parque temático de autômatos, um jardim com macaquinhos, leões, aves, homens e fontes automáticas.



Relógio mecânico

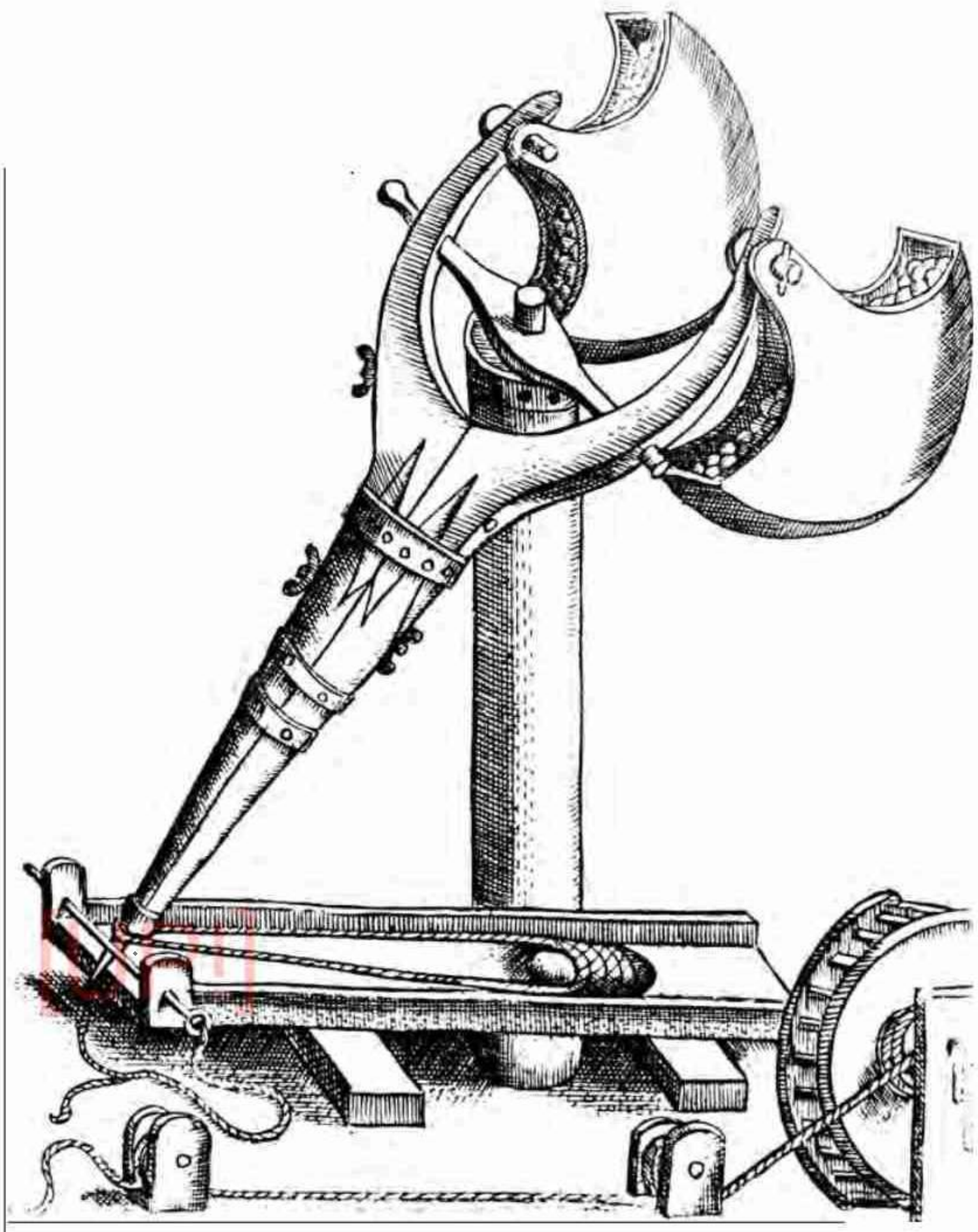
Água, mercúrio e pesos.

OS EUROPEUS MEDIEVAIS herdaram dos romanos relógios hidráulicos simples. Gotas caíam de um recipiente para outro, de forma regular, e as horas eram marcadas pelo nível da água. Isso começou a mudar quando o rei Afonso 6° de Leão e Castela conseguiu ter em mãos um tomo árabe: *O Livro dos Segredos e Resultados de Ideias*, do engenheiro andaluz Ali Ibn Khalaf al-Muradi. Entre diversas maravilhas tecnológicas, estava um luxuoso relógio hidráulico no qual mercúrio, não água, movia mecanismos complexos, incluindo até autômatos *(veja ao lado)* para dar as horas de forma mais espetacular. Os europeus adotaram e acabaram por superar a complexidade, ao criar relógios puramente mecânicos, funcionando por meio de pesos, no século 13. Alguns deles simplesmente badalavam para indicar as horas, sem um mostrador externo. Outros eram mais complexos que os relógios de hoje, mostrando, além das horas, informações astronômicas, como as fases da Lua e o movimento dos planetas. Relógios contribuíram para o refino das técnicas de engenharia ao solucionar um desafio difícil de resolver antes da precisão da Era Industrial: como produzir movimento em velocidade cuidadosamente regulada, algo que os moinhos não eram capazes. O desenvolvimento dos relógios acabou também sofisticando outros dispositivos.

Trabuco

A mãe de todas as catapultas.

PODE SOAR ENGRAÇADO, mas este é o nome em português para o famoso *trébuchet* dos videogames. A palavra é antiga na língua: os portugueses o conheceram espetacularmente no Cerco de Lisboa, em 1147, trazido por seus aliados cruzados. Os dois trabucos construídos ali eram capazes de disparar um projétil a cada 15 segundos. E eram provavelmente de um tipo menos impressionante: no lugar de usar um contrapeso gigante, as pedras eram disparadas por meio de soldados puxando manualmente cordas para fazer o braço se mover. Uma invenção chinesa, importada pelos mongóis. O icônico e gigantesco trabuco de contrapeso tem sua primeira referência em 1187, por um autor islâmico, Mardi ibn Ali al-Tarsusi, comentando sobre as batalhas de Saladino – ele aparece nas mãos dos europeus. Essas foram as maiores catapultas já vistas: estima-se que o maior de todos os trabucos, o Warwolf, usado no Cerco do Castelo de Stirling, em 1304, pelo rei Eduardo 1º da Inglaterra, tivesse mais de 100 metros de



braço e um contrapeso de até 15 toneladas, precisando de 30 carroças para ser carregado. Era capaz de disparar pedras de até 140 kg a 190 km/h, com um alcance de 200 m. A guarnição do castelo se rendeu só de ver a máquina. Mas o rei não quis saber: primeiro derrubou os muros com o Warwolf e só então aceitou a rendição. Trabucos seriam usados até o Cerco de Tenochtitlán, por Cortez, em 1521 – já tinham sido tornados obsoletos por canhões e morteiros, máquinas mais potentes e mais simples, mas faltou pólvora aos espanhóis.

Cavalaria

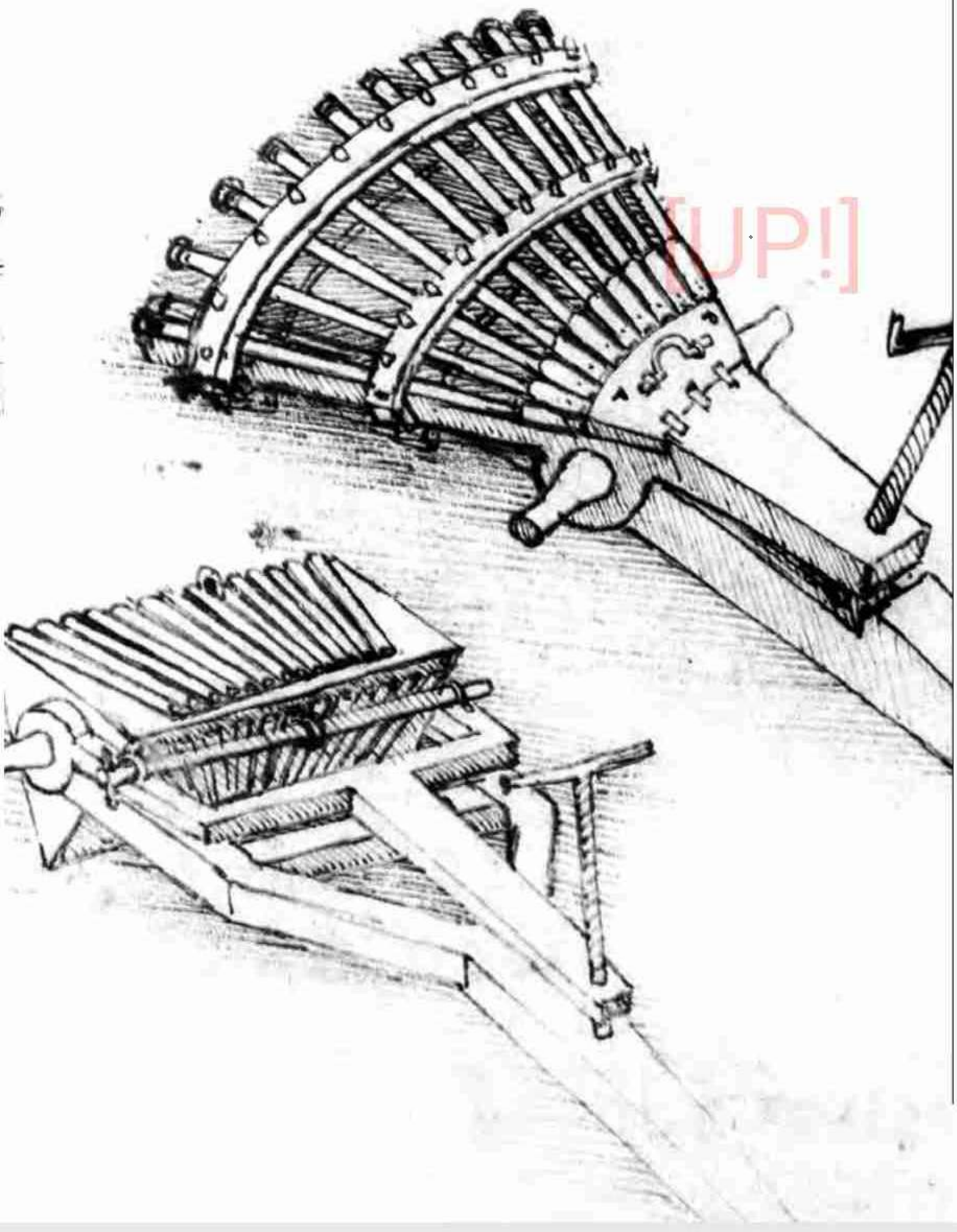
Guerra em 4 patas.

NÃO FOI REALMENTE o estribo, introduzido na Europa no fim do século 6 por invasores asiáticos, que levou à era da cavalaria. O estribo permitia ao cavaleiro se equilibrar para usar a espada, e tornava mais fácil subir com armadura pesada. Mas a arma principal da cavalaria era a lança, e essa já era usada desde a Antiguidade. A alma da cavalaria estava na sela: selas altas e rígidas de madeira, acolchoadas, como não havia antes, que era o que segurava o impacto da força do cavalo transmitida pela lança, e impedia o cavaleiro de ser jogado para trás. Raças de cavalos maiores e mais fortes também foram desenvolvidas na época.

Fogo grego

A defesa do Império.

LANÇA-CHAMAS FORAM inventados na Idade Média pelos bizantinos (que chamavam a si próprios de romanos, mas eram conhecidos, por sua língua, como gregos). Era uma arma espetacular: ela disparava um líquido pegajoso que conseguia queimar mesmo por cima da água, como o napalm moderno. Acredita-se que era, como o napalm, um derivado do petróleo. Para disparar o fogo grego, outra invenção realmente avançada: uma espécie de panela de pressão, na qual uma fornalha causava a pressurização do líquido incendiário. Versões de infantaria usavam uma espécie de seringa gigante, com o êmbolo pressionado manualmente para disparar o líquido. O fogo grego foi a espetacular linha de defesa do Império Romano do Oriente contra os árabes, e ainda era usado na Primeira Cruzada (1099). Mas, na época da Quarta Cruzada (1204), a receita parece já ter sido perdida. Ninguém sabe exatamente quando ou por quê.



Ribaldequim

Metralhadora primordial.

A PRIMEIRA MENÇÃO à pólvora na Europa é de 1267, pelo monge franciscano Roger Bacon. Ele descrevia uma receita usando salitre que produzia "artificialmente um fogo que pode ser lançado a grandes distâncias" e torna "possível destruir uma vila ou um exército". Mas as armas de fogo mesmo só chegariam muito depois, com as primeiras evidências na década de 1320. Eram canhões de pequeno porte, alguns deles disparando flechas metálicas, e canhões de mão – tubos segurados com uma forquilha e acesos com uma mecha. Como a tecnologia não permitiria criar canhões maiores, a solução foi unir vários deles numa peça só. Foi assim que surgiu o ribaldequim, ou arma de órgão, mencionado pela primeira vez no Saque de Southampton, em 1338, e depois na Batalha de Crécy, 1346. O ribaldequim era uma arma de 12 canos que disparavam simultaneamente, numa saraivada brutal, mas com longo tempo de recarga.

Imagens: Getty Images e divulgação

Duomo de Florença

Uma joia da engenharia.

FILIPPO BRUNELLESCHI, um ourives, ganhou em 1418 uma tarefa aparentemente impossível: superar o Panteão de Roma, o maior domo do mundo havia 1.300 anos. Estudando o próprio Panteão, ele conseguiu entender a forma como fora construído – com um grande suporte interno de madeira. Brunelleschi fez as contas e concluiu que toda a madeira em Florença não seria o suficiente. Além disso, o domo tinha que ficar acima da estrutura já construída da catedral da cidade, que era octogonal e irregular. Então Brunelleschi fez tudo diferente: projetou não um, mas dois domos concêntricos sustentados por arcos de tijolos e grandes anéis de metal, madeira e pedra, construídos de baixo para cima, cuidadosamente ao longo de 16 anos. O interior, oco, servia para diminuir o peso e para ocultar as estruturas de sustentação. No final das contas, em 1436, a cidade tinha um domo com um diâmetro maior que o do Panteão: 45 metros internos, versus 43, e espetacularmente mais alto, terminando em 114 metros de altura. Para fazer algo assim – e o método exato ainda hoje é um mistério, porque o arquiteto nunca deixou seus planos por escrito – ele teve que inventar guindastes capazes de levar material pesado a mais de 100 metros.

O impacto iria muito além da arquitetura. Num sentido cultural, dá para marcar o fim da Idade Média com a conclusão do domo. O espírito da Renascença primordial havia sido lamentar o mundo presente como decadente em comparação aos antigos. Foi o que fez Petrarca ao inventar o termo Idade das Trevas *(veja na pág. 7)*. O Duomo de Florença provava, para além de qualquer dúvida, que, mais do que recuperar o mundo antigo, era possível superá-lo. E isso já havia sido feito.

Imagens: Getty Images

Pequenas maravilhas medievais

Inventos que mudaram o mundo de formas mais sutis.

1 ROCA

Uma máquina movida a pedais que fazem girar uma roda para transformar fibras vegetais ou lã natural em fios. Até sua invenção, provavelmente no mundo islâmico, no século 11, essa era uma fase extremamente difícil da produção de roupas. A roca foi parte do que permitiu a produção de tecidos em escala, que seria um dos pontos de partida da Revolução Industrial.

2 JANELA DE VIDRO

O vidro já era usado em Roma, mas a técnica se perdeu e teve que ser recriada. Primeiro vieram os belos vitrais das Igrejas, depois as primeiras janelas transparentes. Grandes discos de vidro transparente, desenvolvidos na França, em 1320, permitiram pela primeira vez olhar através da janela.

3 ESPELHO

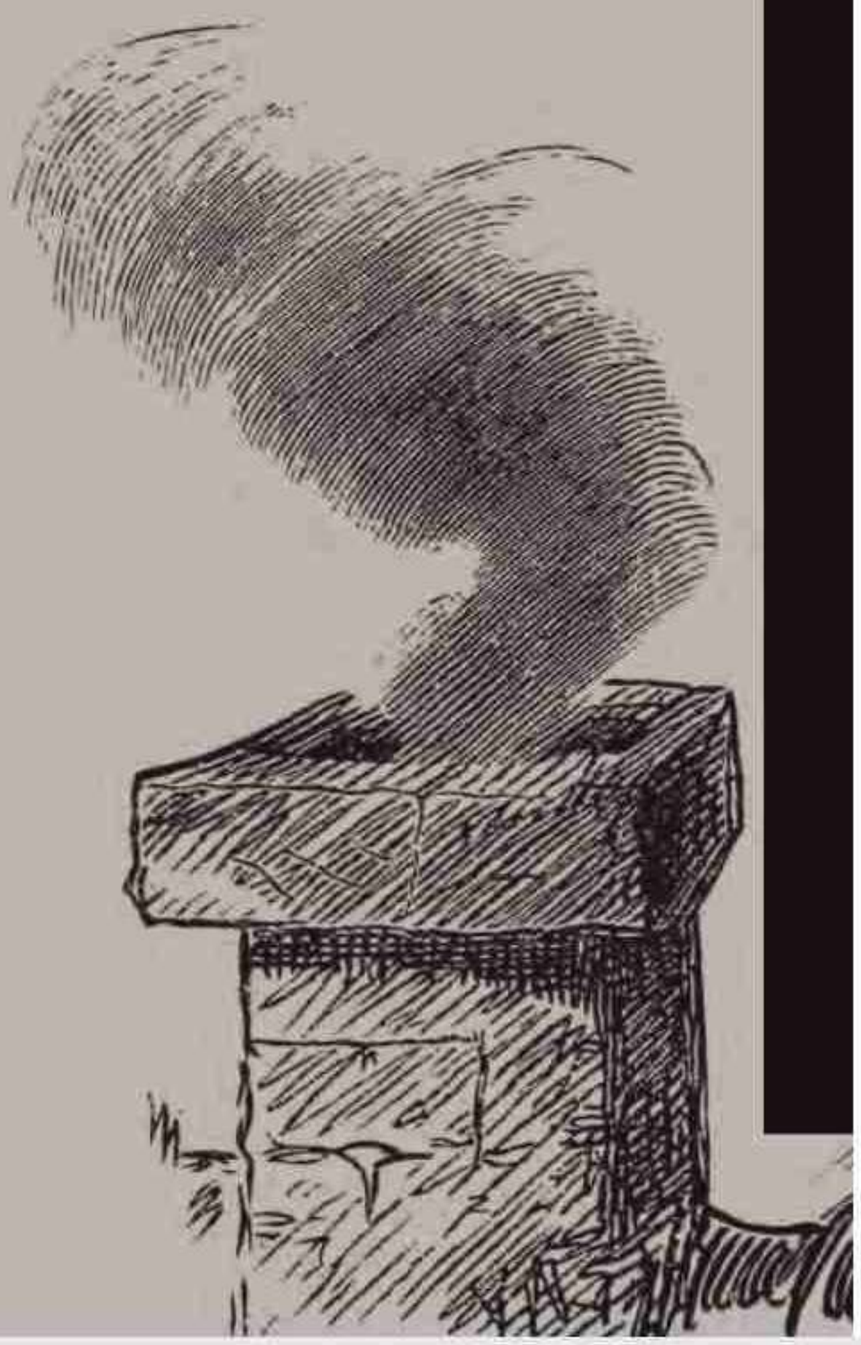
Um espelho no sentido atual é uma placa de vidro com um lado metalizado. Antes, as pessoas podiam se enxergar em placas de metal polido, que perdiam o brilho rapidamente. Os primeiros espelhos surgiram em Veneza, usando uma liga de estanho e mercúrio derretido diretamente sobre o vidro.

4 ÓCULOS

Mais um resultado da evolução do vidro, óculos foram inventados em Pisa ou Veneza em algum ponto entre 1285 e 1289. No começo, convexos, serviam para tratar apenas hipermetropia e presbiopia (problemas de visão de curta distância, o primeiro de nascença, o segundo causado pela idade). Óculos de miopia, côncavos, só viriam em 1604.

5 CHAMINÉ

Outra figura universal da indústria é criação da Idade Média. Surgida no norte europeu no século 12, permitiu o conforto das lareiras, mas também fogo em espaços internos, levando a fornos domésticos e instalações industriais.



Colar de cavalo

Revolução verde.

PARECE BOBAGEM, mas aquela cinta em volta do pescoço do cavalo, que é usada para puxar a carroça, foi fundamental. Inventada na China, chegou à Europa no século 10. E permitiu a criação do arado pesado, substituindo os antigos arados puxados por bois. Cavalos são mais rápidos, fortes e resistentes e o arado permitiu a solos antes difíceis, principalmente no norte da Europa, serem finalmente cultivados. Pela mesma época, também foi criado o sistema de rotação de culturas, preservando a fertilidade do solo por meio do plantio alternado. Essa "revolução verde" medieval contribuiu com o aumento de 70% da população entre os séculos 11 e 14.

Órgão

Extrema complexidade em nome da música.

OS ÓRGÃOS FORAM inventados na Antiguidade e preservados pelo Império Romano do Oriente. Em 757, o imperador Constantino 5º deu um deles de presente ao rei franco Pepino, o Breve, dando origem ao que se tornaria o mecanismo mais complexo conhecido pela humanidade até a Era Industrial. No século 10, o primeiro órgão cuja descrição detalhada sobreviveu foi instalado na Catedral de Winchester (Inglaterra). Tinha 400 tubos, operados por duas pessoas nos teclados e 70 movendo os foles que proviam o ar comprimido para fazer a coisa funcionar.

Mito ou fato?

Muito do que é popularmente dito sobre a Idade Média é invenção posterior.

TEXTO *Fábio Marton*

1 Prima Noctes

MITO Aparece no filme *Coração Valente*: quando um servo casava, o senhor feudal tinha direito de dormir (e supostamente tirar a virgindade) da noiva. Como qualquer escândalo sexual extravagante, provavelmente é uma calúnia. As pessoas na Idade Média pareciam acreditar que isso existiu um dia no passado, com a referência mais antiga aparecendo na biografia de São Geraldo de Aurillac (805-909) pelo abade Odo de Cluny (880-942). Na história, um nobre exigia o suposto direito dos servos, mas era impedido por milagre. O mito foi repetido na Renascença principalmente por protestantes, interessados no contraste com a era "bárbara" em que o catolicismo imperava.

2 Cavaleiro andante

MITO Pura criação literária, tão fictícia quanto os dragões e gigantes que matavam. O arquétipo do cavaleiro solitário que anda pelo mundo a fazer certos e desfazer errados se tornou extremamente popular após a recriação dessas lendas por escrito, pelo trovador francês Chrétien de Troyes (1135-1185). Cavaleiros de verdade eram militares profissionais que talhavam "fracos e oprimidos" a torto e a direito e tinham obrigações feudais.

3 Achavam que a Terra era chata

MITO A forma da Terra havia sido esclarecida pelos antigos gregos. No século 5 a.C., Parmênides e Platão já diziam que a Terra era redonda. Em 240 a.C., Eratóstenes estimou o tamanho da Terra com (historiadores discutem) 2% de erro. Documentos secretos portugueses sugerem que, quando Colombo se lançou ao mar, os portugueses sabiam, por seus cálculos do tamanho da Terra, que era impossível ele ter chegado à Índia. Na Idade Média, qualquer pessoa mais educada, ou instruída por um padre educado, sabia que a Terra é esférica. Mapas medievais mostram uma esfera com Jerusalém no centro – um mapa impreciso, mas esférico.

4

Cinto de castidade

MITO Menções ao "cinto de castidade" aparecem em textos religiosos como os de São Gregório (540-604). Mas os historiadores acreditam que sejam metafóricas. A primeira descrição de um literal cinto de metal está em *Bellifortis* (1401), um manual militar ilustrado de Konrad Kyeser, dizendo: "Estas são roupas de baixo de ferro rígido das mulheres florentinas". Como nenhum objeto assim foi encontrado, historiadores acreditam que seja uma piada de marido chifrudo, que precisa recorrer a isso. Um cinto de metal fechado por meses seria letal para a usuária.

5

Donzela de ferro

MITO Uma caixa de ferro com formato humano e espinhos na qual a vítima era presa para sangrar. A mais icônica suposta forma de tortura medieval, dando no nome da banda de metal Iron Maiden. Em verdade, uma "relíquia medieval" inventada em 1808 e exposta em museus desonestos. Outra icônica forma de tortura que nunca existiu foi o pêndulo que balança até cortar a pessoa pela metade. Exemplos de tortura medieval de verdade: esticar a pessoa com cordas e roldanas, prensar membros, forçar a beber água com um funil, ser exposto em praça pública, piche e penas, chicotadas.

6

Castor (e capivara) eram considerados peixes

FATO O jejum religioso era levado extremamente a sério na Idade Média. Era obrigatório na quarta, sexta e sábado, e durante toda a Quaresma – os 40 dias entre a Quarta-Feira de Cinzas e a Páscoa, tirando domingos. Todo mundo só podia fazer uma refeição por dia (geralmente após o anoitecer), que não podia incluir álcool, ovos, carne ou laticínios. Peixes, porém, eram permitidos, o que criava uma desvantagem para quem morava longe da costa. O entendimento medieval de zoologia era que golfinhos (chamados de "porcos do mar") e baleias são peixes. Rãs também. E aí surgiram exceções exóticas: o castor, por ter escamas na cauda e viver na água, foi chamado de peixe. Quando a América foi colonizada, a mesma lógica tornou a capivara um "peixe". E essa nem era a mais bizarra: uma lenda medieval dizia que o ganso-de-faces-brancas nascia no mar, em madeira podre, como uma craca. Portanto, peixe.

7

Na queda de Constantinopla, discutiram o sexo dos anjos

MITO Ou, em outra versão, discutiram quantos anjos podiam dançar na cabeça de uma agulha. É uma piada maldosa criada por protestantes do século 17, para ridicularizar a suposta perda de tempo nos debates filosóficos medievais. O mais perto que se chegou a isso foi São Tomás de Aquino considerando se anjos podiam ocupar o mesmo lugar no espaço, em 1270.

Imagens: Getty Images

8

Pessoas jogavam cocô pela janela

MITO E FATO Várias cidades europeias, como Londres em 1309, criaram leis proibindo as pessoas de esvaziar o penico na rua, sob pena de multa. Se foi proibido, é porque faziam. Mas castelos tinham latrinas, assim como as casas mais bem-equipadas, geralmente no porão, e cidades também podiam ter latrinas públicas. A mesma Londres nessa época tinha 16 delas. Para quem dependia do penico, havia os rios e também catadores de esterco, que limpavam as latrinas quando enchiam.

10

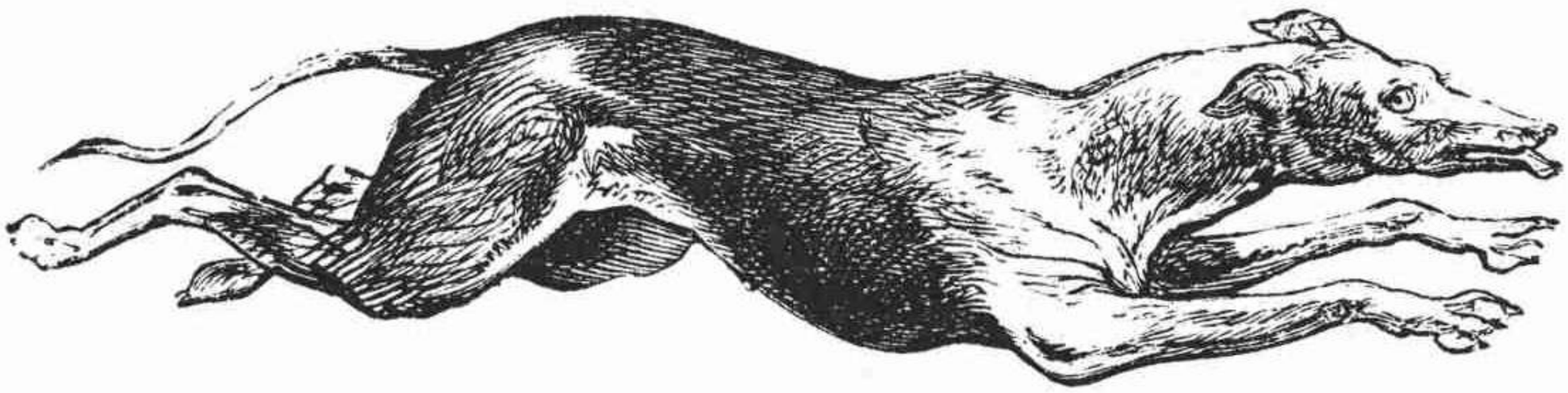
Um papa vendeu o direito de ser papa

FATO Bento 9º é um grande candidato a pior papa da história. Em 1032, ascendeu ao trono aos 20 anos, após seu pai subornar os cardeais. Em 1045, decidiu casar com a prima e ofereceu o cargo, com seu padrinho aceitando a oferta e se tornando o papa Gregório 7º. Por outras maquinações, Bento assumiria novamente mais duas vezes, pondo a Igreja em clima de guerra civil.

11

Não havia infância

MITO A ideia foi lançada em 1960 pelo historiador francês Philippe Ariès (1914-1984): na Idade Média, crianças eram só adultos em miniatura. As provas estariam nas imagens retratando as crianças como pequenos adultos e no fato de que as crianças começavam a trabalhar cedo. Essa ideia é rejeitada pelos historiadores atuais, e as provas são muitas: brinquedos de todos os tipos, como carroças, cavaleiros, panelinhas, foram encontrados em escavações arqueológicas. Também há registro de jogos de bola e tabuleiro, e imagens mostrando crianças brincando. A ideia de que crianças não podem trabalhar é muito recente, mas isso não quer dizer que não havia conceito de infância.

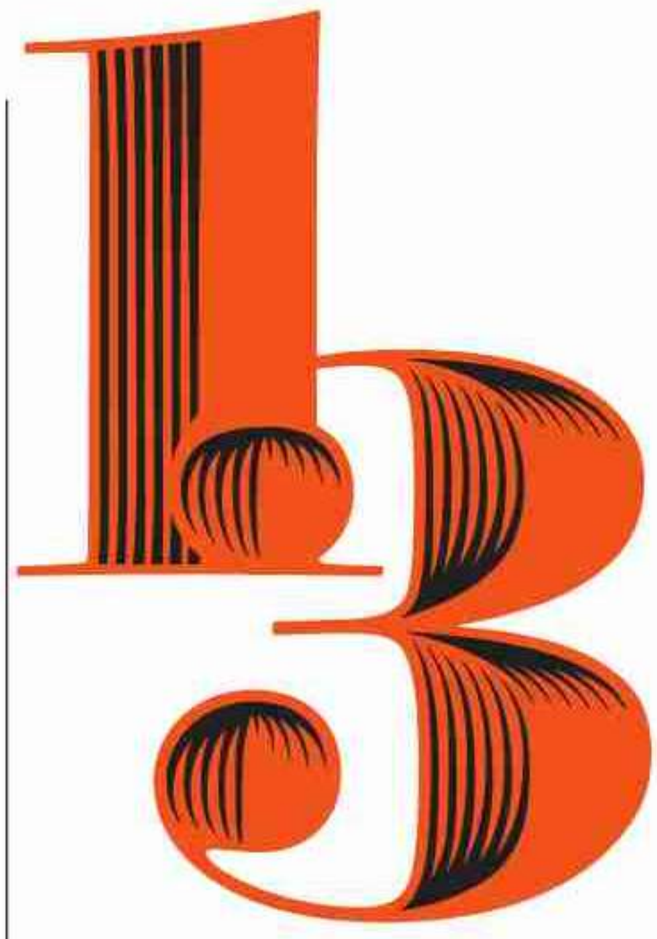


9

Um cachorro virou santo

FATO Um dia, um cavaleiro francês saiu para uma caçada deixando seu filho bebê aos cuidados do cachorro, um galgo chamado Guinefort. Ao voltar para casa, encontrou o quarto todo bagunçado, o cachorro com sangue na boca e o bebê desaparecido. Em fúria, matou o pulguento, apenas para ouvir o bebê chorando e descobrir uma víbora morta ao lado dele. Havia sido salvo pelo cão. Em profunda dor, o cavaleiro fez um túmulo para o cachorro, que se tornou local de peregrinação, um santo protetor dos bebês. A história foi registrada pelo dominicano Estêvão de Bourbon em 1262, condenando o que ele via como superstição popular. A Igreja acabou vencendo e o altar de "São Guinefort" foi destruído.

13



Uma disputa podia ser resolvida na prova por combate

FATO Sim, na Idade Média, principalmente no começo, existiam julgamentos por ordália: um teste da vontade de Deus. A famosa prova de fogo consistia em colocar um ferro em brasa nas mãos do acusado e ver se queimava. Se queimasse, ver se o ferimento gangrenava ou sarava. Quem se feria havia sido condenado por Deus. A prova da água tinha a versão quente, enfiar a mão em água fervendo, e fria, ser jogado num rio para ver se boia (dependendo da época, era inocente quem boiava ou afundava). E a prova de combate era como na série *Game of Thrones:* cada lado podia escolher seu campeão. A Igreja sempre foi contra, preferindo julgamentos com testemunhas (e podendo recorrer à tortura). Em 1215, padres foram proibidos de participar de ordálias, no Concílio de Latrão II. Mas continuaram a ser praticadas em julgamentos seculares.

12

Um santo era cachorro

FATO São Cristóvão é um santo ainda hoje venerado pelas Igrejas Católica e Ortodoxa. Várias imagens ortodoxas medievais o retratam com cabeça de cachorro. Era uma ideia plausível: entre as criaturas fantásticas tidas por reais na Idade Média estava o cinocéfalo: um humano com cabeça de cachorro, que acreditavam viver no Norte da África. A história veio de um erro de tradução: fontes latinas diziam que Cristóvão era um cananeu (isto é, da Palestina), escrito *cananeus* em latim. Os falantes de grego confundiram com *canineus*, e assim surgiu uma bizarra tradição de imagens, banida no século 19.

15

Monges eram gordos

FATO O estereótipo aparece no carismático Frei Tuck das histórias de Robin Hood. Dedicados a uma vida de ascetismo, os monges ainda assim abusavam. São Tomás de Aquino (1225-1274) era famosamente gordo. Um estudo calculou que monges consumiam 6 mil calorias por dia, mais que o dobro do necessário. Indícios de obesidade são comuns em ossadas de monges medievais.

16

O Santo Graal nunca foi encontrado

FATO No século 12, enquanto as histórias do Rei Arthur eram cristalizadas no imaginário europeu por autores como Chrétien de Troyes, as catedrais de Valência (Espanha) e Gênova (Itália) já tinham seus candidatos a cálice sagrado. Continuam a ser reverenciados até hoje, mas a Igreja não afirma oficialmente que sejam mesmo o cálice de Cristo.

14

O prepúcio de Cristo foi uma das relíquias mais cobiçadas

FATO Hoje pode soar esdrúxulo, mas a pele do pênis de Jesus, cortada, pelo costume judaico, no oitavo dia de vida, foi uma das relíquias mais famosas da Idade Média. O historiador David Farley estimou que até 18 igrejas clamaram ter o item genuíno ao mesmo tempo na Idade Média. O prepúcio, retirado no começo da vida, seria a única parte de Jesus a permanecer na Terra e sua importância era lembrar a parte humana de sua natureza. Os supostos prepúcios acabaram todos perdidos. O último deles, roubado em 1983.

Imagens: Shutterstock, Getty Images

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)
ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretora de Marketing: Andrea Abelleira

SUPER INTERESSANTE

Diretor de Redação: Alexandre Versignassi
Editor: Bruno Garattoni
Editor-assistente: Bruno Vaiano
Repórteres: Guilherme Eler e Rafael Battaglia Popp
Editora de Arte: Juliana Krauss
Designers: Anderson C.S. de Faria, Carlos Eduardo Hara e Maria Pace
Estagiárias: Carolina Fioratti e Maria Clara Rossini (texto) Lucas Jatobá (arte)

DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE

Editor: Bruno Garattoni
Colaboraram nesta edição: Fabio Marton (edição e textos), Tiago Cordeiro (textos)
Estúdio Nono (projeto gráfico e edição de arte), Guilherme Henrique (ilustração da capa)
Alexandre Carvalho (revisão) e Anderson C.S. de Faria (produção gráfica)

IDADE MÉDIA: O LADO DESCONHECIDO
ISBN 978-85-5579-279-3

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
O Dossiê Idade Média: o lado desconhecido não admite publicidade redacional.

IMPRESSO NA GRÁFICA ABRIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M387i

Marton, Fabio

Idade Média: o lado desconhecido. / Fabio Marton – São Paulo: Abril, 2020.

66 p ; il. ; 27 cm.

(Dossiê Superinteressante , ISBN 978-85-5579-279-3 ; ed. 414-A)

1. Idade média - História. 2. Idade média - Estudos. 3. Compilação de textos – Estudos - História . I. Título. II. Marton, Fabio. III. Abril Comunicações. IV. Série.

CDD 909.07

SUPER RESPONDE

Os gatos ficam "chapados" com catnip?

Qual foi o primeiro easter egg da história?

Por que é gostoso estourar espinhas?

Por que não dá para fazer cócegas em si próprio?

Plantas melhoram o ar da sua casa?

Esclarecemos suas dúvidas, e provocamos muitas outras.

SUPER INTERESSANTE

Toda segunda e sexta, um vídeo novo.

Assista no YouTube ou em abr.ai/superesponde

Para assistir agora, aponte a câmera do seu celular para o código abaixo:

baixar
SOFTWARE
baixarsoftware.com